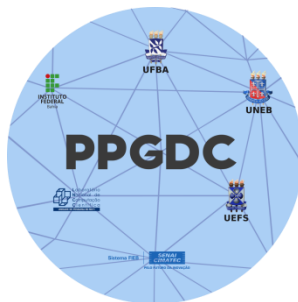


**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DE
CONHECIMENTO**

SAULO ROBLEDO CARDOSO

**JUVENTUDES, CÁRCERES E DISTORÇÕES PERVERSAS: A
DRAMÁTICA TRANSFORMATIVA E O SIMULACRO DA
SOCIOEDUCAÇÃO EM SALVADOR - BAHIA**

Salvador-BA
2023



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DE
CONHECIMENTO**

SAULO ROBLEDO CARDOSO

**JUVENTUDES, CÁRCERES E DISTORÇÕES PERVERSAS: A
DRAMÉTICA TRANSFORMATIVA E O SIMULACRO DA
SOCIOEDUCAÇÃO EM SALVADOR - BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em
Difusão do Conhecimento, como requisito para obtenção
do título de Doutor em Difusão do conhecimento.

Área(s) de Concentração: Modelagem da Geração,
Difusão e Construção do Conhecimento – cognição,
linguagens e informação

Orientador: Dante Augusto Galeffi
Co-orientadora: Urania Auxiliadora Santos Maia De Oliveira

Salvador-BA
2023

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Cardoso, Saulo Robledo.

Juventudes, cárceres e distorções perversas [recurso eletrônico] : a dramática transformativa e o simulacro da socioeducação em Salvador - Bahia / Saulo Robledo Cardoso. - Dados eletrônicos. - 2023.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi.

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Urania Auxiliadora Santos Maia de Oliveira.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2023. Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/formato>

1. Sociologia educacional. 2. Socioeducação. 3. Ética humanista. 4. Análise cognitiva. 5. Distorção da percepção. 6. Juventude. 7. Menores infratores - Brasil. I. Galeffi, Dante Augusto. II. Oliveira, Urania Auxiliadora Santos Maia de. III. Programa de Pós-Graduação Multi- Institucional Difusão do Conhecimento. IV. Título.

CDD 370. 19 - 23. ed.




Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
(DMMDC)**

ATA Nº 72

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO (DMMDC), realizada em 25/10/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO no. 72, área de concentração MODELAGEM DA GERAÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO, do(a) candidato(a) SAULO ROBLEDO CARDOSO, de matrícula 218121942, intitulada JUVENTUDES, CÁRCERES E DISTORÇÕES PERVERSAS: A DRAMÁTICA TRANSFORMATIVA E O SIMULACRO DA SOCIOEDUCAÇÃO EM SALVADOR - BAHIA. Às 14:00 do citado dia, Remoto - Salvador - Bahia - Através da plataforma Meet, com gravação, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. LELIANA SANTOS DE SOUSA, Profª. Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, Profª. Dra. NARA GRAÇA SALLES, Profª. Dra. MARIEL EVA CISNEROS LÓPEZ e Prof. Dr. MARCELO SOUSA BRITO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.



Profª. Dra. Nara Salles

Examinadora Externa à Instituição



Dra. MARIEL EVA CISNEROS LÓPEZ

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
 MARCELO SOUSA BRITO
Data: 30/11/2023 07:06:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. MARCELO SOUSA BRITO

Examinador Externo à Instituição



LELIANA SANTOS DE SOUSA, UNEB

Examinadora Interna



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
(DMMDC)**

Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, UFBA

Examinadora Interna

Dante Augusto Galeffi

Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI, UFBA

Presidente

Saulo Robledo Cardoso

SAULO ROBLEDO CARDOSO

Doutorando(a)

MEUS AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às potências encantadas que regem meu caminhar e que me presentearam com esta importante questão investigativa.

À dupla, mais que parceira, de orientadores que abraçaram e redimensionaram o caminhar dessa pesquisa, os meus, mais que queridos Dante Galego e Urânia Maia.

Ao ser iluminado de João Ferreira, que me presenteou com sua sensibilidade e acolhimento na unidade masculina da Fundac, me inserindo em seu lindo e grandioso trabalho na direção junto aos jovens em cumprimento das medidas socioeducativas.

A toda minha família que me proporcionou os alicerces para a realização deste trabalho.

Em especial a minha mãe Nilcea Robledo Cardoso, minha irmã Sâmia Robledo Cardoso e, em memória, do meu pai que me ensinou a construir um olhar cuidadoso em favor dos excluídos e marginalizados do sistema que estamos inseridos, meu grande Antônio Carlos Moreira Cardoso.

Faço um agradecimento especial a Pablo Molick e Fernando Molick pelos grandes acolhimentos, cuidado e amor nessa trajetória.

Agradeço também aos meus amigos e parceiros que fortaleceram meu trilhar. Dentre estes, Sandro Lobo, Ana Clara Pimenta, Geraldo Cohen, Luciano Velame e à minha querida Suely Messeder pela sofisticada gentileza e compreensão.

A todos os jovens participantes desta proposição pelas suas entregas e ensinamentos.

Aos colaboradores da Fundac pelas suas grandiosas e generosas provocações.

Por fim, a todes que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa, que almejamos contribuir para um olhar mais respeitoso e digno sobre nós, os sobreviventes desta marginalização compulsória do neoliberalismo.

Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem. Apenas sei de diversas harmonias bonitas, possíveis, sem juízo final. Alguma coisa está fora da ordem.

Caetano Veloso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO DO ESTUDO	12
1 - ANALISTA COGNITIVO: FORMATIVIDADE, SENTIDOS DE REALIDADE E DISTORÇÕES PERVERSAS.	13
1.1 -INTRODUÇÃO	13
1.2 - ANÁLISE COGNITIVA E FORMATIVIDADE HUMANA.....	15
1.3 - SENTIDOS DE REALIDADE E DISTORÇÕES PERVERSAS.....	24
1.4 - CONCLUSÕES INICIAIS.....	24
CAPÍTULO 2	34
2.1 - O ANALISTA COGNITIVO E O UNIVERSO DE PERVERSÃO DO CÁRCERE: COMPLEXIDADES INVESTIGATIVAS EM UM CAMPO DESCONHECIDO.....	34
2.2- MULTIREFERENCIALIDADES E MULTISSENSORIALIDADE NO RECONHECIMENTO DO CAMPO PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	36
2.3 – DESVELANDO ELEMENTOS SIMBÓLICOS DISTORCIVOS PERVERSOS A PARTIR DAS CONTRADIÇÕES DO DISCURSO DO ESTADO E DA ATUAÇÃO DOS SOCIOEDUCADORES JUNTO AO CÁRCERE	39
2.4 - ARTE, ÉTICA E RECONHECIMENTO DE SI: CRIANDO ESPAÇOS DE EXPRESSIVIDADES	49
2.5 – SÍNTESES CONCLUSIVA.....	55
CAPÍTULO 3.....	58
3 - JUVENDUDES ENCARCERADAS: OS RITOS DE DEMARCAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO CONCEPÇÃO DE EXISTÊNCIA.....	58

3.1 - INTRODUÇÃO: PRÓLOGO.....	58
3.2 - PRIMEIRO ATO - SOCIOEDUCAÇÃO E PRINCÍPIOS LEGAIS: ÍCONES DE UMA DESCONSTRUÇÃO INSTITUCIONALIZA.....	59
3.3 - SEGUNDO ATO – DISTORÇÕES COGNITIVAS E SOCIOEDUCAÇÃO: ÍCONES TRÁGICOS DE UM SIMULACRO CHAMADO RESSOCIALIZAÇÃO	62
3.4 - TERCEIRO ATO – CRUELDADES E PERVERSÕES: SIGNOS DE UM CRIME COGNITIVO PERFEITO.....	70
3.5 – SÍNTESES CONCLUSIVAS.....	77
CAPÍTULO 4 - DRAMÉTICA: ESTRUTURAS DE UMA COMPOSIÇÃO MULTIREFERENCIAL TRANS-FORMATIVA.....	78
4.1 - INTRODUÇÃO.....	78
4.2 - A MODELAGEM DRAMÉTICA COMO PROPOSIÇÃO MULTIREFERENCIAL E POLILÓGICA DE DIÁLOGICIDADE.....	79
4.3 - DISTORÇÕES PERVERSAS ENQUANTO ESTRUTURAS <i>DE-FORMADORAS</i>	84
4.4 - A DRAMÉTICA E SUA PROPOSIÇÃO TRANS-FORMATIVA.....	87
4.5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	96

RESUMO

JUVENTUDES, CÁRCERES E DISTORÇÕES PERVERSAS: A DRAMÉTICA TRANSFORMATIVA E O SIMULACRO DA SOCIOEDUCAÇÃO EM SALVADOR - BAHIA

Esta tese resulta de um estudo sobre o sistema socioeducativo, imposto a jovens infratores pelo Estado, através da Análise Cognitiva e da proposta de modelagem nomeada como Dramética em um processo polilógico de pesquisa junto a socioeducadores e sócioeducandos no interior do cárcere durante o cumprimento da pena em regime para ressocialização. O propósito foi analisar o processo de difusão do conhecimento tomando como referencial as dinâmicas estabelecidas no cotidiano e interações, entre estes grupos, identificando as modelagens dialógicas que transitara sobre dicotomias entre bases éticas e as relações de distorções perversas. As complexidades que constituem as análises cognitivas, identificações das distorções perversas e a apresentação e implementação da modelagem Dramética, Polilógica e Multireferencial de Difusão de Conhecimentos constituem o grande desafio deste estudo. Os modelos atuais de ressocialização apresentam altos níveis de complexidade para os a partir deles operam, bem como sob os que sofrem seus impactos, de tal maneira que se faz premente a reavaliação destes modelos, habilitação dos profissionais que dele façam uso, além de preparação meticulosa, individualizada e humanizadas dos indivíduos que compulsoriamente dele co-participarão. Desta forma, a análise e proposição de modelagens que se aproximem efetivamente proposições de desenvolvimento cognitivos baseados na educação colaborativa constituem singulares referenciais que contribuiram para as análise aqui desenvolvidas. Foram utilizados como referencial metodológico a pesquisa qualitativa em uma modelagem Dramética baseada nos princípios da Análise Cognitiva considerando seu viés Polilógico e Multireferenciado nas artes, dialogicidade e semiótica. Os resultados revelam significativas discrepâncias entre as estratégias e atuações do Estado, que deveria literalmente se referenciar na Lei 12.594 que institui e preconiza o Sistema Nacional de Sócio Educativo, e os impactos cognitivos infringidos aos jovens a despeito do modelo de ressocialização de maneira que foi possível considerar tal modelo como ilegal e abusivo.

Palavras-chave: Sócioeducação, Dramética, Análise Cognitiva; Distorções Perversas, juventude carcerária.

ABSTRACT

YOUTH, JAILS AND PERVERSE DISTORTIONS: THE TRANSFORMATIVE DRAMETICS AND THE SIMULACRUM OF SOCIOEDUCATION IN SALVADOR – BAHIA

This thesis results from a study on the socio-educational system, imposed on young offenders by the State, through Cognitive Analysis and the modeling proposal called Dramatics in a polylogical process of research with socio-educators and socio-educated people inside the prison during the sentence. under a resocialization regime. The purpose was to analyze the process of knowledge dissemination, taking as a reference the dynamics established in everyday life and interactions between these groups, identifying the dialogical models that passed over dichotomies between ethical bases and relationships of perverse distortions. The complexities that constitute cognitive analyses, identifications of perverse distortions and the presentation and implementation of Dr

amatic, Polylogical and Multi-referential modeling of Knowledge Diffusion constitute the great challenge of this study. Current resocialization models present high levels of complexity for those who operate under them, as well as those who suffer their impacts, in such a way that there is an urgent need to reevaluate these models, qualify the professionals who use them, in addition to meticulous preparation, individualized and humanized of the individuals who will compulsorily participate in it. In this way, the analysis and proposition of models that effectively approach cognitive development propositions based on collaborative education constitute unique references that contributed to the analysis developed here. Qualitative research was used as a methodological reference in a DramEthics modeling based on the principles of Cognitive Analysis considering its Polylogical and Multireferenced bias in the arts, dialogicity and semiotics. The results reveal significant discrepancies between the strategies and actions of the State, which should literally refer to Law 12,594 that establishes and advocates the National Educational Socio System, and the cognitive impacts inflicted on young people despite the resocialization model in a way that was possible consider such a model as illegal and abusive.

Keywords: Socioeducation, Dramatics, Cognitive Analysis; Perverse Distortions, prison youth.

1– INTRODUÇÃO DO ESTUDO

O desafio de desenvolver uma tese de doutoramento e defender-la enquanto proposição transformativa constitui para o pesquisador um conjunto de regras, disciplinas, diálogos, escutas e outras demandas de base subjetivas e objetivas. Contudo acreditamos que a ética na pesquisa se apresenta enquanto um dos pilares fundamentais para o alcance de resultados comprometidos com as diversas realidades e sobretudo implicado com as questões a serem investigadas.

O compromisso social, sem sombra de dúvida, marca os caminhos e as investigações deste pesquisador. Levando sempre em conta a importância e o impacto dos resultados obtidos enquanto ferramentas que alicerçam projetos e conhecimentos a serem empreendidos pela diversidade de instituições e grupos sociais que destes possam se valer enquanto balizadores de novas e comprometidas proposições transformativas.

Implicado com as diversas demandas socioculturais que atravessam os processos de construção e difusão do conhecimento, neste estudo, buscamos uma aproximação com algumas das diversas questões que se relacionam com o campo da análise cognitiva junto a jovens marginalizados que encontram-se em situação de cárcere sobre a tutela do Estado.

Nesta direção subdividimos os resultados e novas questões aqui presentes em quatro abordagens que acreditamos constituírem um caminho didático e elucidador de elementos que compoem as realidades vivenciadas por socioeducandos, socioeducadores, gestores e sociedade e o Estado.

Iniciamos com algumas reflexões sobre a importância do trabalho do analista cognitivo frente às diversas realidades e distorções perversas que conjuntamente apresentam elementos que compoem algumas das contradições do processo formativo humano. Na sequência, desenvolvemos um olhar crítico sobre algumas das complexidades que demarcam a construção formativa do analista cognitivo durante o exercício de suas atividades junto ao campo de atuação, apresentando como elemento radical a co influência entre as realidades e as técnicas científicas desenvolvidas. Em seguida tratamos mais especificamente sobre os sentidos de ressocialização enquanto simulacros de um Estado ausente de suas obrigações e perverso em suas concepções de socioeducação. Por fim, apresentamos a estrutura basilar da Dramática enquanto modelagem inovadora possível de ser aplicada às mais diversas estruturas de conflitos tomando como primazia o respeito, a ética e o drama das realidades vivenciadas por sujeitos ou grupos em situação de vulnerabilidade.

Deste modo, almejamos trazer uma contribuição responsável e evolutiva, de maneira humanizadamente ética, cujo principal objetivo é estabelecer equilíbrio, dialogicidade e compromisso com o desenvolvimento social e cognitivo para com uma parcela significativa da população pobre e desassistida que encontra-se à margem dos modelos contemporâneos neoliberais de existência humana.

CAPÍTULO 1 - ANALISTA COGNITIVO: FORMATIVIDADE, SENTIDOS DE REALIDADE E DISTORÇÕES PERVERSA

1.1 – INTRODUÇÃO

A profusão de informações e o desenvolvimento de acesso a estas na contemporaneidade se apresenta enquanto um relevante campo de investigação, sobretudo quanto aos seus impactos na construção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos na vida humana e, por conseguinte, em toda a vida planetária uma vez que somos nós, seres humanos, quem temos ditado as leis que preservam ou aniquilam tudo que se relaciona, direta ou indiretamente, com nossa existência.

Este processo se dá principalmente a partir das construções cognitivas pelas quais estamos submetidos e submetemos a nós e a outros seres por meio de experiências, ciências, cultura e relações sociais. No entanto, sendo o referido processo de profusão a estrutura que vem pautando intensivamente as contemporâneas possibilidades de coexistência entre os seres humanos, ambiente e demais seres, entendemos que o impacto das construções dos conhecimentos apontam para a imprescindibilidade de composições éticas, críticas, criativas e ecocientes que norteiem o desenvolvimento cognitivo e formativo humano a partir das modalidades interativas instituídas, do que vem sendo nomeado de evolução, que considerem como parte essencial o equilíbrio entre os referenciais de conhecimento já concebidos e vigentes, e suas capacidades de transformação consideravelmente menos danosas à vida planetária por meio de uma abordagem contundentemente mais crítica sobre as realidades vivenciadas.

O processo formativo, seja ele familiar, escolar, social, cultural, observacional das experiências de sentidos da realidade, constitui para nós, neste estudo, parte fundamental e significativa do processo dialógico, interativo e experiencial de construção e difusão do conhecimento por meio de abordagens críticas e éticas que possibilitem criativamente

modalidades de formação humana mais responsáveis e autônomas.

Para tanto, enquanto parte metodológica do nosso do nosso processo investigativo, apresentamos algumas estruturas e proposições interativas e interpretativas do trabalho implicado do analista cognitivo e do seu campo de atuação multireferencializado. Esta abordagem ocorre a partir de um universo de possibilidades, que objetiva desenvolver dialogicidades com grupos de jovens em situações de cárceres, empregando aos complexos, diversos e ampliados processos de formação humana o maior empenho deste estudo que, por sua vez, é constituído e alicerçado pelo *ethos*, multireferencialidades, polilógica, multidisciplinaridade e pelas possibilidades trans-formativas dos atuais modelos de construção e difusão cognitivos humanos.

A Análise Cognitiva, que é um campo do conhecimento relativamente novo, traz como uma das principais características da sua natureza constitutiva a multireferencialidade, ou seja, uma composição de construção e difusão do conhecimento na qual a diversidade e multiplicidade de inter-relações dos diversos campos do conhecimento constituem bases fundamentais deste campo do conhecimento em sua espiral dialógica aberta.

Neste estudo traremos como singular referencial, no que se refere ao campo da Análise Cognitiva (AnCo), os minuciosos e aprofundados estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Conhecimento: Análise cognitiva, Ontologia e Socialização (CAOS), coordenado pela professora Teresinha Frões Burnham, no qual seus integrantes compuseram abordagens epistêmicas de investigação sobre os diálogos propostos pelas diversas áreas de conhecimento e a AnCo, até então tomada enquanto expressão conceitual e não enquanto campo do conhecimento. Inicialmente, nos estudos realizados pelo grupo CAOS sobre a expressão “Análise Cognitiva” foi identificado que

esta vinha a compor diferenciadas modalidades de uso das quais três são referenciadas como principais nos resultados apresentados pelo referido grupo:

- i. uma grande diversidade de áreas do conhecimento instituídas que a empregam – Psicologia, Neurociência, Ciências da Computação e engenharia, Antropologia, Saúde, Linguística, Artes (Música), Humanidades, Filosofia, Ciências Biológicas, Direito, Economia, entre outras;
- ii. uma ampla gama de focos de conteúdos – abrangendo estudos de gênero, personalidade, comportamento de líderes, testemunhas em tribunais, pacientes atendidos em unidades de saúde, tratamentos neurofarmacológicos, analgesia hipnótica, formação de professores, desempenho cognitivo de estudantes e de pessoas com necessidades especiais, contatos intergrupais, análises de tarefas, de informação e

de requisitos ergonômicos, para citar apenas uns poucos exemplos;

- iii. uma extensa dispersão de significados atribuídos – construção de modelos analíticos, testagem de modelos teóricos no campo empírico, linguagens estruturadas para comunicação de processos de interoperabilidade, técnicas de organização de tarefas, integração de métodos e sistemas na Engenharia de *Software*, processos de raciocínio na resolução de problemas e de avaliação de desenvolvimento cognitivo e aprendizagem complexa, metodologias para acompanhar a construção de noções sociais... (FRÓES BURNHAM, 2012a, p59);
- iv. uma grande diversidade de áreas do conhecimento instituídas que a empregam – Psicologia, Neurociência, Ciências da Computação e engenharia, Antropologia, Saúde, Linguística, Artes (Música), Humanidades, Filosofia, Ciências Biológicas, Direito, Economia, entre outras;
- v. uma ampla gama de focos de conteúdos – abrangendo estudos de gênero, personalidade, comportamento de líderes, testemunhas em tribunais, pacientes atendidos em unidades de saúde, tratamentos neurofarmacológicos, analgesia hipnótica, formação de professores, desempenho cognitivo de estudantes e de pessoas com necessidades especiais, contatos intergrupais, análises de tarefas, de informação e de requisitos ergonômicos, para citar apenas uns poucos exemplos;
- vi. uma extensa dispersão de significados atribuídos – construção de modelos analíticos, testagem de modelos teóricos no campo empírico, linguagens estruturadas para comunicação de processos de interoperabilidade, técnicas de organização de tarefas, integração de métodos e sistemas na Engenharia de *Software*, processos de raciocínio na resolução de problemas e de avaliação de desenvolvimento cognitivo e aprendizagem complexa, metodologias para acompanhar a construção de noções sociais... (FRÓES BURNHAM, 2012a, p59).
- vii. uma grande diversidade de áreas do conhecimento instituídas que a empregam – Psicologia, Neurociência, Ciências da Computação e engenharia, Antropologia, Saúde, Linguística, Artes (Música), Humanidades, Filosofia, Ciências Biológicas, Direito, Economia, entre outras;

Mesmo considerando de extrema relevância os três resultados acima apresentados pelos pesquisadores, o primeiro nos interessa singularmente, pois converge e dialoga diretamente com o foco da nossa pesquisa que se refere à apreensão de como determinados processos de formação humana se dão, bem como, apresentar possibilidades de atuação do profissional Analista Cognitivo de modo a fornecer elementos que melhor esclareçam sobre sua importância no campo dos saberes, conhecimentos e formação, assim como, através do seu próprio processo de construção de atuação possa ser desvelada e evidenciada a relevância sociocultural de suas possíveis contribuições, favorecendo assim para o entendimento sobre a complexidade deste novo campo do conhecimento cujo elemento aglutinador é referenciado e constituído na figura do profissional Analista Cognitivo.

Desse modo, seja na qualidade de emprego/uso da expressão/conceito por áreas instituídas do conhecimento, por serem apresentadas como parte do conteúdo de estudos ou presente na extensa dispersão de significados a esta atribuída, o que buscamos apresentar aqui são algumas perspectivas, imbricadas com a complexidade e multireferencialidade da Análise Cognitiva, que possam trazer algumas contribuições sobre caminhos possíveis a serem percorridos pelo profissional Analista Cognitivo em suas diversas, ampliadas e abertas dialogicidades com o campo cognitivo e o da formação humana.

Ainda dialogando com a multireferencialidade, “própria e apropriada” (GALEFFI, 2017) do/pelo campo da análise cognitiva na qual ocorrem transformações de muitos dos processos de construção e difusão do conhecimento em dialogicidade - sob/sobre e/ou trans (no sentido de para além) - a mediação do analista cognitivo, tomaremos aqui enquanto referencial a concepção, ainda sob a dinâmica das transformações, do campo da análise cognitiva proposto por Teresinha Froes e o grupo de pesquisa CAOS, na qualidade de aprofundar mais sobre referencialidade como parte inerente da análise cognitiva sob a qual se faz necessário tê-la em conta como:

Campo complexo (multirreferencial, polissêmico, polilógico, pluridimensional) de trabalho com/sobre o conhecimento e seus imbricados processos de construção, organização, acervo, socialização, que inclui dimensões entretecidas de caráter teórico, epistemológico, metodológico, ontológico, axiológico, ético, estético, afetivo e autopoietico e que visa o entendimento de diferentes sistemas de estruturação do conhecimento e suas respectivas linguagens, arquiteturas conceituais, tecnologias e atividades específicas, com o propósito de tornar essas especificidades em lastros de compreensão mais ampla deste mesmo conhecimento, com o compromisso de traduzi-lo, (re)construí-lo e difundi-lo segundo perspectivas abertas ao diálogo e à interação entre comunidades vinculadas a esses diferentes sistemas, de modo a tornar conhecimento público todo aquele de caráter privado que é produzido por uma dessas comunidades, mas que é também de interesse comum a outros grupos/comunidades/formações sociais mais amplas.(FRÓES BURNHAM, 2012b, p53)

Uma vez estabelecida as perspectivas sobre as complexidades do campo da Análise Cognitiva, e compreendendo que se faz premente a necessidade de produções de literaturas acadêmico-científicas que tragam elementos que contribuam pra melhor elucidação sobre a também complexa atuação do profissional Analista Cognitivo, é que entendemos a necessidade de difundir as mais diversas contribuições também sobre o campo de atuação e possíveis intervenções mediadas por este profissional, é que neste estudo daremos

particular atenção, tanto aos diversos elementos basilares deste investigação/intervenção, como também sinalizaremos sobre algumas lacunas sobre as quais à nossa proposição de investigação não será possível contemplar, devido ao recorte da nossa proposição, mas que poderão constituir em referenciais de abordagens a outras incursões investigativas que tenha como foco a ampliada atuação prática deste profissional frente aos desafios próprios e inerentes das análise de processos formativos e construção de saberes tomando como base fundamental a difusão do conhecimento e a análise cognitiva.

À vista disto, propomos como parte desta nossa narrativa trazer conceitos, elementos, fatos e exemplos que contribuam para a apreensão sobre a tessitura constitutiva da atuação do profissional Analista Cognitivo, através do detalhamento da complexidade do seu campo laboral, sua relação com as diversas áreas do conhecimento já institucionalizadas e as demais peculiaridades da amplitude do campo multidisciplinar no qual a atuação deste profissional também a compõe.

Com a intenção didática de melhor detalhar sobre o perfil do profissional analista cognitivo apresentaremos alguns dos referenciais que poderão contribuir, no sentido mesmo de trazer à luz, tanto alguns dos elementos formadores e identitários de um campo de atuação ainda em construção, quanto da sua expressiva relevância e singularidades profissional diante das complexas e dramáticas estruturas que sustentam os processos formativos e de difusão do conhecimento na contemporaneidade.

A partir da perspectiva trazida por Galeffi (2011a, s.p.) referente ao campo de atuação e perfil do profissional analista cognitivo, o autor preconiza que este profissional “se encontra diante dos desafios da complexidade, das multiplicidades, das diferenciações e individuações rizomáticas no campo coletivo e nas oscilações do mundo das trocas e produções de mais valia. [...] se projeta em um campo de possibilidades que requisitam múltiplas habilidades e competências”.

Já sobre a perspectiva da atuação deste profissional na formação humana Fróes Burnham destaca sobre as expectativas socioculturais sobre a atuação promissora deste na sociedade da aprendizagem, desvelando que:

O analista cognitivo vai ter muita coisa a fazer, muitos desafios a enfrentar. Vai terminar podendo ser pesquisador, consultor professor, empreendedor autônomo, cientista, político... assumir diferentes ocupações, funções e papéis em diferentes espaços sociais; mas ele vai ter um traço fundamental, que o distingue de todos os demais profissionais: a preocupação com o papel que o conhecimento pode assumir na formação humana, quer de indivíduos, grupos ou comunidades que constituem uma formação social. Ele será o grande mediador do conhecimento, com certeza!

(FRÓES BURNHAM, 2012, p.188).

Afinado às perspectivas apresentadas acima, no que tange ao perfil, campo de atuação e aos desafios originais, no sentido de peculiar e inerentes da dinâmica da atuação do profissional Analista Cognitivo, buscaremos apontar para alguns referenciais que entendemos possíveis em corroborar para uma das responsabilidades que compreendemos ser mais premente neste estudo que é a potencialidade de atuação no campo da formação humana de maneira trans-formativa, ou seja, para além dos processos formativos vigentes através da manifestação de novas possibilidades pautadas no auto conhecimento humano, na ética e na criticidade sobre os processos econômicos, sociais, culturais, políticos, espirituais que vem se perpetuando, muitas vezes de maneira danosa, ao longo da história da humanidade, sobretudo, a partir das regras perversas e excludente do capital.

Neste sentido, e especificamente tomando como referencial as questões referentes ao processo da formação humana, compreendemos também que este profissional é também um operador cognitivo, no sentido de agente polireferenciado, multissensorial e inscrito no profundo e perene exercício de investigador que atua em um processo complexo de inquirição, altamente dinâmico, aberto, ampliado e polilógico. Que tem como um dos seus maiores desafios est imular, defender e preservar o espaço de convergência e dialogicidade das mais variadas áreas do conhecimento, potencializando e estimulando uma estrutura de formatividade pautada na ética e pluralidade dos seres humanos.

O sentido ético que nos norteia e que apresenta um singular valor para os referenciais de transformação engendrados neste estudo é o apontado e firmemente pontuado pelo filósofo judeu/alemão Hans Jonas (2006). Em sua obra o autor identifica que a humanidade enfrenta um dos maiores dilemas éticos, sem precedente, da contemporaneidade no qual o mesmo reitera que a vida e a natureza, sem dicotomiza-las, se tornou um objeto líquido do ser humano. Em sua busca em trazer de volta ao centro das questões filosóficas “o ser”, tanto no sentido de sua potência destrutiva quanto da sua própria destruição e extinção, dado às questões tecnológicas, o autor convoca este ser a pensar a partir da teleologia afirmativa da vida, ou seja, a partir desta reafirmação da vida lembrando que esta possui um valor, porque ela é um bem, e o valor coloca a vida no campo da ética, pois a vida carrega os requisitos de uma obrigatoriedade e de cuidado e portanto de responsabilidade.

Nesta direção é reafirmado que todos nós somos responsáveis pela vida, porque na história da vida somos os únicos seres na história da criação que podemos nos responsabilizar. Assim, Hans Jonas busca religar a ontologia, ciência do ser, e a ética, que passam a caminhar

juntas para solucionar o maior desafio dos nossos tempos: agir de maneira que suas ações não destrua a possibilidade de vida futura.

Reconhecendo que a tecnologia vem tentando estabelecer uma liberdade que busca se desvencilhar da ética recriando seus próprios requisitos e processos, desligado das consequências desses atos, seja no âmbito da responsabilidade da coexistência ética, quanto dos impactos das desenfreadas “evoluções tecnológicas”, Jonas nos convida a refletir sobre o sentido imperativo mesmo da responsabilidade, partindo do diagnóstico de que existe um poder hoje incomensurável cujos efeitos se prolongam tanto no tempo quanto no espaço.

É nesta direção que apresentamos em nosso estudo alguns elementos que compreendemos contribuir de maneira positiva para o desenvolvimento cognitivo e formativo e interativo cujo referencial de coexistência é estruturado a partir do entendimento de uma proposição de composição de convivência *eco-cogno-ciente*.

Neste estudo, a composição *eco-cogno-ciente*, alinhada à abordagem ética desenvolvida por Hans Jonas, apresenta três modulações específicas em seu sentido neológico: o prefixo *eco* traz o sentido de sentido harmônico de uma vida planetária partilhada a partir das relações éticas de convivência; da perspectiva de desenvolvimento das inteligências multissensoriais orgânicas; e do desenvolvimento de atos críticos éticos transformativos.

O sentido ético que nos norteia e que apresenta um singular valor para os referenciais de transformação engendrados neste estudo é o apontado e firmemente pontuado pelo filósofo judeu/alemão Hans Jonas (2006). Em sua obra o autor identifica que a humanidade enfrenta um dos maiores dilemas éticos, sem precedente, da contemporaneidade no qual o mesmo reitera que a vida e a natureza, sem dicotomiza-las, se tornou um objeto líquido do ser humano. Em sua busca em trazer de volta ao centro das questões filosóficas “o ser”, tanto no sentido de sua potência destrutiva quanto da sua própria destruição e extinção, dado às questões tecnológicas, o autor convoca este ser a pensar a partir da teleologia afirmativa da vida, ou seja, a partir desta reafirmação da vida lembrando que esta possui um valor, porque ela é um bem, e o valor coloca a vida no campo da ética, pois a vida carrega os requisitos de uma obrigatoriedade e de cuidado e portanto de responsabilidade.

Nesta direção é reafirmado que todos nós somos responsáveis pela vida, porque na história da vida somos os únicos seres na história da criação que podemos nos responsabilizar. Assim, Hans Jonas busca religar a ontologia, ciência do ser, e a ética, que passam a caminhar juntas para solucionar o maior desafio dos nossos tempos: agir de maneira que suas ações não destrua a possibilidade de vida futura.

Reconhecendo que a tecnologia vem tentando estabelecer uma liberdade que busca se desvencilhar da ética recriando seus próprios requisitos e processos, desligado das consequências desses atos, seja no âmbito da responsabilidade da coexistência ética, quanto dos impactos das desenfreadas “evoluções tecnológicas”, Jonas nos convida a refletir sobre o sentido imperativo mesmo da responsabilidade, partindo do diagnóstico de que existe um poder hoje incomensurável cujos efeitos se prolongam tanto no tempo quanto no espaço.

É nesta direção que apresentamos em nosso estudo alguns elementos que compreendemos contribuir de maneira positiva para o desenvolvimento cognitivo e formativo e interativo cujo referencial de coexistência é estruturado a partir do entendimento de uma proposição de composição de convivência *eco-cogno-ciente*.

Neste estudo, a composição *eco-cogno-ciente*, alinhada à abordagem ética desenvolvida por Hans Jonas, apresenta três modulações específicas em seu sentido neológico: o prefixo *eco* traz o sentido de sentido harmônico de uma vida planetária partilhada a partir das relações éticas de convivência; da perspectiva de desenvolvimento das inteligências multissensoriais orgânicas; e do desenvolvimento de atos críticos éticos transformativos.

A proposição *eco-cogno-ciente* constitui na verdade uma proposição de avanço tanto no sentido *cognoscente* do latim que traz os significados de conhecer, tomar conhecimento, para uma perspectiva além do ato comum de assimilação do conhecimento. Constitui uma abordagem implicativa com o conhecido, um passo para além do conhecido por meio da ativação do ato consciente em toda sua complexidade de uma ética da co-responsabilidade. Entendemos que através da abordagem *eco-cogno-ciente* sobre a realidade os seres poderão desenvolver uma visão eticamente crítica sobre os sentidos manutenção, preservação, integradora, afetiva, cooperativa através da conscientização de que o fato de tudo está relacionado é prerrogativa da existência, da vida e que a participação ética e preservativa das bases de fluência da vida compõe parte do papel da existência dos indivíduos e grupos.

Retomando a questão da formatividade, se faz necessário esclarecer que nas análises desenvolvidas no presente estudo o sentido da expressão formatividade diz respeito ao processo de apropriação autônoma, por parte dos seres humanos em atitude de “aprendente radical” (GALEFFI, 2017), de maneira que a estes seja outorgado de maneira respeitosa e ética o direito de condução, reformulação ou transformação de parte ou da totalidade das estruturas que o conduziram ao modelo de formação vigente em suas vidas, auto questionando-se sobre suas validades e impactos no seu efetivo desenvolvimento referente às suas crenças, desejos e anseios na qualidade de cidadãos do/no mundo. Bem como da sua

responsabilidade sobre os impactos deste referida formatividade no sentido mesmo de ter em conta o cuidado em não incorrer em uma construção monológica esvaziando o campo das possibilidades tanto em relação ao seu ser quanto ao reconhecimento de pertença a uma estrutura que impele a conscientização sobre as possibilidades de coexistência e o dever interativo respeitoso com demais seres e elementos que compõem a complexa pluralidade cadeia da existência planetária.

Não devemos, no entanto, deixar de nos atentar que o processo de formatividade é constituído por uma operação cooperativa e que abrange a todos envolvidos nesta engrenagem imbricada de construção de saberes na qual a figura do Analista Cognitivo contrai uma dupla atividade. Primeiramente a de promover espaços dialógicos para as bases de investigação e trocas entre todos os envolvidos nas ações de construção e difusão do conhecimento, o que já envolve a segunda atividade. A de condicionar-se e familiarizar-se com a espiral ascendente de auto formação, ou seja, ter em conta de que o seu processo de possibilitar aos demais participantes a base para os seus desenvolvimentos está diretamente implicada com seu próprio desempenho investigativo e formativo, considerando que este profissional comumente necessitará buscar recursos cognitivos que contribuam para dar conta dos desafios aos quais se coloca como mediador/operador.

Comparamos este peculiar ato de desenvolvimento cognitivo e auto formativo ao que é desenvolvido por artistas, seja por um ator quando vai interpretar um novo personagem, um músico à uma nova composição, um bailarino para uma nova coreografia, dentre outras formas de interação cognitiva que tem como ponto fundamental o entendimento sobre que as produções anteriores já compõem seu repertório cognitivo, mas que outros desafios de composição se apresentam e irão necessitar de novas pesquisas e mergulhos, muitas vezes em campos jamais tocados, mas que se constituem como essencial para as novas composições.

No entanto, a novidade da composição não se encontra especificamente relacionada ao seu ineditismo na qualidade de concepção, mas sim quanto ao seu uso em abordagens diferenciadas compondo uma rede de saberes e operando enquanto catalizadoras em composições antes não experienciadas. É neste sentido que consideramos a importância de trazer como parte da nossa composição epistêmica a dinâmica mobilizadora da filopoética (GLISSANT, 2011). Esta escolha se dá a partir da compreensão de que a filopoética, por se tratar de uma abordagem que se insere à deriva entre a filosofia e a poética, é o lugar da renovação do imaginário. A filopoética é o lugar do imaginário. É a possibilidade do nascimento de outros imaginários, é a “recusa em morrer”. O nascimento do outro. E por conta

disso, chegamos ao entendimento de que é o lugar da ética. A ética da alteridade (SANTOS & OLIVEIRA, 2018).

Como parte da estrutura que trataremos ao longo das nossas exposições neste estudo a abordagem aberta e fluida da filopoética aqui referenciada como parte de um arcabouço sem que esta esteja ou seja vinculada ao apregoamento de um modo fechado de fazer algo, um método ou qualquer abordagem político-sistêmica que constitua impedimento à fluidez e modulações encerradas que se façam em seu desenvolvimento. Desse modo, tratamos aqui de uma estrutura cujo referencial etimológico refere-se ao espaço dedicado aos processos formativos humanos frente às realidades vivenciadas no cotidiano das suas existências no desenvolvimento das suas relações sócio culturais.

Ainda refletindo sobre o diferencial da filopoética compor de maneira epistêmica este estudo, compreendemos que esta singularidade está em ser utilizada em uma abordagem na qual os participantes são constituídos por jovens em situações de cárceres.

Neste sentido, se faz necessário alguns esclarecimentos sobre estes participantes e as perspectivas de análise sobre seus processos formativos apresentados aqui como resultado de experiências dialógicas e formativas, tanto dos jovens participantes quanto do próprio Analista Cognitivo em sua infinda formatividade.

Uma das especificidades posta neste estudo, que converge com o campo do conhecimento e das bases formativas humanas, diz respeito às especificidades concebidas nesta investigação ao tratar dos sentidos de juventudes e cárceres em suas pluralidades dinamicamente emergentes.

Ao refletir sobre o termo juventudes, levamos em conta as contribuições da análise trazida por Maria Virginia de Freitas (2005) quando a mesma apresenta e reflete que:

A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração. Mas todas essas definições se vinculam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. Há, portanto, uma correspondência com a faixa de idade, mesmo que os limites etários não possam ser definidos rigidamente.

A definição dos jovens participantes da pesquisa foi concebida a partir de algumas bases, uma de ordem metodológica, que é a limitação efetiva do grupo com o qual os trabalhos foram desenvolvidos, e outra de cunho ético relacionados às bases constitutivas da nossa proposição trans-formativa, abrangente, polilógica de dispositivos trans-formativos. Assim, definimos metodologicamente que os jovens participantes do nosso estudo pertencem a uma

faixa etária que vai dos 18 aos 30 anos de idade. Dentre tantas justificativas possíveis para esta definição etária, duas delas inter-relacionam melhor com o que concebemos enquanto processos trans-formativos: primeiramente de que “a juventude não é um “dom” que se perde com o tempo” (Brito, 1996), sobretudo no que refere-se ao campo das potencialidades humanas e do co-compromisso humanizado sobre a compreensão de que não há limites, ao menos do ponto de vista etário, para que os seres se debruçem e reflitam sobre os seus processos formativos, possibilitando a estes indivíduos ou grupos desenvolverem estratégias protetivas autônomas de suas evoluções formativas, dirimindo os danos provenientes de marcantes distorções perversas em seus desenvolvimentos cognitivos; A outra diz respeito à potencialidade que há no processo de influencia didática responsável e ética sobre o desenvolvimento do outro a partir de suas experiências transformativas de re-formação e/ou trans-formação, uma vez que cremos que o processo de aprendizagem e construção do conhecimento se dá também por meio da experiência de outrem, sobretudo a partir do momento que esta experiência seja partilhada com os demais membros da experiência analítica formativa de maneira colaborativa, possibilitando assim uma ampliada reflexão/aprendizagem a partir das reflexões sobre as experiências partilhadas.

Já em relação ao axioma do termo “cárceres” entendemos que este traz em sua acepção semântica duas abordagens nativas da mesma estrutura perversa que, cuidadosamente aqui, daremos a ambas, especial atenção. A primeira abordagem é a que entendemos estar no imaginário coletivo e que aqui identificaremos como o aprisionamento físico, com privação de liberdade por meio do encarceramento, em muitas unidades prisionais reconhecidas como enjaulamento. A segunda, não menos danosa que a primeira, traz o fator subjetivo como sua base de atuação que agrega a esta outros dois fatores de singular relevância: a) a sua atuação camuflada, híbrida, implícita ou explicitamente apresentada nas relações socioculturais; b) como também, o ato pervertido de assumir e defender ideias e atos que incidem sobre seres humanos que têm o aprisionamento incidido sobre si, sem ter ideia do “ato criminoso” cometido, que ceifa um conjunto liberdades, a exemplo das de expressão, da autonomia de suas escolhas profissionais, das restrições ao autoconhecimento do seu corpo, sumárias exclusões sociais, dentre outras distorções perversas do coexistir, que aqui compreendemos compor uma espiral infundável de danos ao desenvolvimento humano, sobretudo do seu latente adoecimento.

Assim sendo, apresentamos a proposição de dispositivos re-formativos ou trans-formativos, através dos quais foram desenvolvidas abordagens de análise e desenvolvimento de intervenções dialógicas junto 150 (cento e cinquenta) jovens em situações de cárceres

subdividido em três grupos, a saber: os jovens que vivem em total privação de liberdade e funcionários que atuam na instituição e partilham do dia-a-dia do cárcere na Instituição Governamental da Fundação da criança e do adolescente – Fundac; e jovens universitários da Universidade Federal da Bahia dos cursos de Educação e Teatro.

Desta maneira, tomamos como premissa investigativa deste estudo, estabelecer um olhar crítico e ético, basilares da nossa proposição de composição trans-formativa, sobre os referenciais constitutivos dos conhecimentos dos jovens participantes deste estudo, face às diversas interações sociais, econômicas, políticas, religiosas, culturais, dentre outras, com o intuito de investigar e apresentar alguns elementos constitutivos dos diversos processos formativos/cognitivos de maneira que seja possível desenvolver a tradução de suas representações de conhecimentos por meio das ações resultantes dos processos interativos vigentes no nomeado campo da realidade.

1.3 - SENTIDOS DE REALIDADE E DISTORÇÕES PERVERSAS

Dentre tantas questões que marcaram, estimularam e definiram os caminhos a serem seguidos neste estudo uma das mais relevantes foi, sem dúvida, a da percepção de fenômenos que corroboram negativamente para a composição de estruturas cognitivas humanas. Tais fenômenos, por possuírem características híbridas e de complexa identificação, geralmente se embrenham em meio a fatos e lacunas de conhecimento promovendo falsas ideias de compreensão sobre determinada questão e quase sempre terminam por compor a perspectiva de realidade dos seres humanos diante da dinâmica dos seus cotidiano.

Entretanto, para nós, o gatilho que faz com que façamos deste fenômeno um relevante objeto de estudo é a sua capacidade danosa e seus impactos, dado à sua fluidez perineal, uma espécie de vírus, que tem a capacidade não só de causar danos permanente aos processos de construção cognitiva como também possui o poder letal de extermínio das possibilidades de transformações, tão caras para nós que empreendemos este estudo.

A partir desta perspectiva nos imbuímos da desafiante tarefa de trazer à vista elementos que contribuam para a melhor compreensão sobre as estruturas e a dinâmica que fazem deste uma das principais ameaças às construções e difusões do conhecimento, além de ser um dos principais objetos a ser tomado como relevante dos estudos a serem desenvolvido pelo profissional Analista Cognitivo.

Desse modo, entendemos como ponto de partida para a incursão investigativa sobre tal fenômeno a sua base fundamental. A realidade cotidiana dos seres humanos. Assim, iremos nos debruçar inicialmente sobre a questão do sentido de realidade ao qual, direta ou

indiretamente partilhamos em nosso cotidiano. Por entender que abordar sobre sentidos de realidade significa imergir em um complexo, amplo e diverso universo de subjetivações, é que compreendemos a necessidade de nos aproximar de conceitos e perspectivas que convirjam com o que acreditamos compor o espaço de dialogicidade e formatividade, objetos da nossa análise sobre o campo cognitivo e da construção dos saberes.

Desse modo, entre tantos caminhos e possibilidades de reflexão sobre apreensões e sentidos que buscam aprofundar sobre as questões relacionadas ao que é comumente nomeado de realidade, neste estudo, entendemos que as interpelações desenvolvidas pelo filósofo tcheco Karel Kosik contribuem de maneira singularmente complementar e precisa com os caminhos percorridos neste estudo a partir da análise cognitiva.

Então, buscaremos fazer um mergulho didático na proposição apresentada por Karel Kosik (1976) sobre seu entendimento e perspectivas epistêmicas e mesmo ontológicas sobre determinadas apreensões da relação humana e percepções e /ou sentidos de realidade. Para tal incursão se faz necessário e premente que iniciemos pelo entendimento de que a proposição dialética de apreensão da “realidade”, trazida por Kosik, se apresenta na qualidade compreendê-la enquanto um processo a partir da qualidade da práxis humana, isto com base em dois referenciais principais, os conceitos de “representação da realidade” e da “coisa em si”.

Portanto compreender o concreto, o real enquanto portador de uma processualidade produzida pelo fazer e refazer dos homens dentro de determinadas relações sociais. Desse modo, a realidade possui determinados movimentos e processualidades. Que ela é contraditória e possui uma estrutura, assim, esta realidade possui uma totalidade, que precisa ser analisada tal como ela é, e não como supomos que ela seja.

Inicialmente se faz necessário entender que o mundo ao qual Kosik se refere é o mundo das relações sociais no qual encontra-se uma perspectiva nominada pelo de pseudoconcreticidade, que muito nos interessa em nossas análises dado que esta converge diretamente ao processo de construção do conhecimento e sua relação direta com o desenvolvimento cognitivo/formativo. A pseudoconcreticidade é definida como aquela realidade que se apresenta aos olhos dos indivíduos na vida cotidiana, não como ela realmente é, e sim como o senso comum, a percepção imediata ou a dimensão fenomênica da realidade leva a ver.

Desse modo, abordar sobre o mundo da pseudoconcreticidade significa que compreender que as relações sociais existentes não são percebidas de imediato pelo pensamento tal como elas são. Que existe a realidade, existe o concreto, mas este concreto

não é percebido pelo pensamento tal como ele realmente é em sua estrutura.

Em nossa abordagem entendemos que para superar o mundo da Pseudoconcreticidade não significa negar este mundo das aparências e sim compreender este mundo das aparências e superá-lo, daí a convergência com outra ideia proposta pelo autor que é a de destruição, uma destruição no sentido dialético do conceito ou seja, agir, compreender, para superar aquela percepção equivocada da realidade.

Kosik se refere à dialética, no sentido de compreensão da realidade, como a que trata da coisa em si, ou seja, esta forma de pensamento que procura compreender a realidade em seu movimento, enquanto realidade contraditória, enquanto totalidade social. Esta abordagem trata de dar conta do objeto ou seja as relações sociais a partir do que elas são, por meio de um caminho ontológico de investigação da realidade social, e não a partir do que o pensamento supõe do que elas sejam.

Neste sentido, “a coisa em si” remete à necessidade de compreender o objeto, a sociedade, que estes possuem uma estrutura, e esta estrutura precisa ser compreendida pelo pensamento.

A partir da perspectiva do Analista Cognitivo entendemos que na proposição trazida por Kosik, para compreender a realidade, se faz necessário que este profissional faça uso em seu repertório formativo do entendimento da complexidade da vida social a partir de um esforço investigativo para além do senso comum e da observação imediata, mas sim de uma investigação mais profunda, além de um certo *detour*. Kosik compreende que o *detour*, constitui um desvio, entretanto esse desvio seria uma espécie de suspensão da vida cotidiana, aquele momento onde paramos para olhar o objeto com um distanciamento, partindo do princípio que aquilo que estamos vendo não traduz efetivamente aquilo que a realidade é. Portanto *detour* é aquele momento onde saímos ou temos o esforço de sair da apreensão fenomenica do objeto para a sua compreensão científica. O que vai comportar graus.

Neste sentido, pegando a passagem completa do Kosik, na qual o mesmo descreve sua perspectiva de uma investigação mais aprofundada e diferenciada, o mesmo diz que: " a dialética trata da coisa em si, mas a coisa em si não se manifesta imediatamente ao homem, para chegar à sua compreensão, ao seu entendimento é necessário um certo esforço e um *detour*". "A dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a coisa em si" (pag 15).

O pensamento dialético, ou seja, esta forma de pensamento que procura abordar a realidade em seu movimento, ela distingue entre representação e conceito da coisa, ou seja, ela distinguir aquilo que imaginamos que as relações sociais sejam, que é a representação no

plano fenomênico e o conceito da coisa, a compreensão teórica da realidade, a compreensão científica da realidade.

No entanto, é essencial compreender que estas formas de compreensão não pertencem a duas realidades, elas pertencem à mesma realidade, só que esta realidade não se dá a conhecer de imediato, daí que se faz necessário sempre sair do campo da representação que se tem da realidade para a sua compreensão científica.

Nesta direção, nos é colocado que representação e conceito da “coisa em si” também não são duas realidades distintas, mas pelo contrário são dois graus de conhecimento da realidade. São formas de se conhecer da realidade. Na vida cotidiana em geral agimos baseados no senso comum, é necessário superar esse senso comum e compreender a realidade tal como ela é. Não significa, contudo, que existe uma realidade falsa e uma realidade verdadeira. O que existe é a realidade que em determinado momento é compreendida de modo falseado pelos indivíduos, mas que através de um processo de investigação pode ser compreendida cientificamente pelos indivíduos.

Entretanto, somos convidados a refletir e reconhecer que a atitude básica, a atitude primordial imediata da humanidade, portanto do ser social, em face da realidade, ou seja, em face da estrutura da vida social, não é a de um abstrato ser cognoscente. Estes seres sempre conhecem a realidade a partir de uma determinada configuração da materialidade social na qual está inscrito em sua vida cotidiana.

Assim, é premente compreender que o cotidiano é constituído pela vida social do ser, não a vida individual, e que o cotidiano é o espaço-tempo onde vivem os seres sociais. Assim, pensar o ser social é pensar que todo ser social está inscrito em uma determinada realidade, que é dada por um determinado modo de produção, e que esta realidade pode ser aprendida seja pelo senso comum, o que é uma forma limitada de se aprender a realidade, ou seja pelo senso científico que é uma forma mais elaborada de apreensão da realidade, portanto do concreto.

A realidade é composta por um ser que age objetiva e praticamente. Objetiva porque ele é obrigado a levar em conta as condições de existências nas quais ele está inscrito, e praticamente porque se ele ficar apenas na contemplação da vida que tem diante de si ele não vai conseguir dar conta das necessidades cotidianas que se colocam para ele.

Neste sentido é proposto por Kosik uma reflexão sobre dois tipos de práxis. A práxis do senso comum, o que é salvar uma maneira na qual os indivíduos buscam responder aos problemas da vida comum, e a práxis revolucionária que é aquela onde ele apreende a

realidade tal como ela é, criando condições para intervir nesta realidade de maneira mais eficaz.

É no sentido de contribuir para práxis mais revolucionárias, que favoreçam a superação da práxis do senso comum que acreditamos aqui que se faz iminente a investigação de um determinado fenômeno, que se alimenta das práxis do senso comum e constitui um dos dispositivos de apreensão da pseudorealidade de maneira danosa, cruel e nefasta ao qual nomeamos de *distorções perversas*.

O universo das distorções perversas ao longo da história da humanidade vem se apresentado enquanto importante deflagrador de construções de conhecimentos que em si mesmo constituem e deflagram um papel preponderante, no plano dos processos socioculturais, de elementos impeditivos do desenvolvimento humano.

As análises críticas, aqui pautadas na apreensão dos impactos destas distorções, no processo de desenvolvimento humano, contribuem para a detecção de suas bases epistêmicas, bem como suas formas de manutenção. Desse modo, buscaremos trazer nas próximas linhas elementos didáticos que contribuam significativamente para a apreensão sobre a sua composição, estratégias de manutenção e alguns dos seus inumeráveis impactos no processo formativo humano.

Do ponto de vista dos fenômenos que permeiam os processos referenciais das construções formativas humanas, consideramos as distorções perversas um dos maiores dispositivos de-formadores da estrutura cognitiva e da construção de saberes. Estruturadas em bases antiéticas distorcivas da realidade, os seres que as elaboram e as empreendem têm, invariavelmente, a perspectiva de autobenefício, individuais ou de pequenos grupos dos quais sejam membros, que desta perversa engenhosidade se beneficiem, a partir da subtração de possibilidades de desenvolvimento críticos e éticos dos afetados por estas estruturas distorcivas.

Para melhor compreender sobre sua composição se faz necessário retomar o conceito de pseudoconcreticidade acima referido pois as aqui apresentadas *distorções perversas* têm parte de suas constituições embasadas e potencializadas a partir de fragilidades cognoscentes presentes no cotidiano das práxis humanas estruturadas no senso comum. Além destes referenciais de constituição e potencialização, os processos distorcivos perversos se apresentam ainda mais nocivos e duplamente cruéis. Duplamente pelo sentido primeiro de impactar fortemente de maneira a fragilizar as estruturas formativas dos que deste nocivo processo sofrem sistematicamente; E secundariamente, mas não menos importante, por ter nestes seres impactados por esta estrutura um dos principais agentes responsáveis pela sua

manutenção e perpetuação por meio da replicação dos seus diversificados *modus operandi*, próprio das distorções perversas, em outros níveis de suas inter-relações socioculturais. Neste sentido, nos interessa também identificar, como característica desta perversão os sentidos de entendimento dos impactos por parte dos agentes que destas fazem uso.

Considerando como uma das mais relevantes características destas distorções a sua estrutura de alta complexidade de adaptação e mutação, a partir do seu hibridismo, identificamos que tais distorções são alicerçadas na utilização de partes da pseudoconcreticidade de fenômenos da vida cotidiana, também reconhecido como fatos, sendo que ao invés de empreitar a complexa atividade depreender por meio de um profundo mergulho crítico e ético sobre as bases constitutivas desses fatos, os praticantes/impactados, destas e por estas, não só não o fazem como criam atalhos obscuros que levam a criação de pseudo compreensões sobre o vivido, invariavelmente reforçando a perspectiva de seus múltiplos interesses em destas fazerem uso.

Temos ciência, no entanto, que não nos é possível, neste estudo, dar conta sobre as múltiplas e diversas motivações e sobre quais dispositivos são utilizados pelos praticantes destas perversões para darem conta, do ponto de vista psíquico e afetivo, ao se depararem com os impactos de tais empreitadas destrutivas. Entretanto traremos por meio de alguns exemplos experienciados pelos jovens participantes, indícios que sinalizam caminhos sobre algumas das facetas psicoafetivas que trazem elementos a serem mais profundamente estudados em outra ocasião.

Um desses elementos, que entendemos ser potencializadores das replicações destas perversões nas estruturas socioculturais é o fato desta estrutura ser tomada enquanto ferramenta de uso no cotidiano das inter-relações, sob a perspectiva de senso comum, como medida auto protetiva por maioria das pessoas que não tiveram acesso ao estudo institucionalizado, com frágeis conhecimentos sobre processos políticos, econômicos, sociais e culturais aos quais pertencem e participam de forma marginal. Isto nos faz refletir imediatamente sobre o papel preponderante da ignorância, no sentido de ausência de conhecimento, enquanto espaço prófícuo à manutenção das iniquidades, também característico das distorções perversas junto ao senso comum.

Outro elemento que podemos identificar, que se coaduna com o acima referido é a da utilização das estruturas distorcíveis perversas como na qualidade de dispositivos de co-educação e formação em seus ambientes de relação socioculturais, familiares, laborais dentre outros com os quais interajam em suas vidas cotidianas, também com vistas às necessidades

de enfrentamento aos perigos iminentes, muitas vezes desconhecidos por quem potencialmente os poderá vivenciar.

Se faz necessário compreender, no entanto, que estas práticas, por mais que sejam irreconhecidas ou mensuradas sobre seus impactos em toda a sua complexidade e de maneira racionalmente clara, constitui um engrenagem social de replicação pautada em práxis da vida cotidiana naturalizadas por meio do senso comum, criando assim uma estrutura retroalimentada por estes seres.

Com o intuito de tomar como importante referencial de construção e difusão do conhecimento e de estabelecer o exemplo, tanto como referencial de potencialização de apreensões humanas, quanto como instrumento imprescindível no trabalho prático do Analista Cognitivo, apresentaremos a experiência vivenciada de uma jovem, participante deste estudo, que em um de seus vários depoimentos apresentou ao grupo o seu relato sobre sua escolha profissional. Neste relato a jovem trazia as experiências que vivenciara nos âmbitos familiar e sociocultural, bem como reflexões sobre suas subjetivações frente aos dramas vivenciados em seu cotidiano, além dos impactos promovidos por este conjunto de vivências em sua própria saúde.

A jovem trouxe a conhecimento de todos os participantes do grupo de pesquisa ao qual estava vinculada que, desde a sua infância nutria um “enorme desejo em ser atriz” e que no decorrer da sua adolescência teve oportunidades de fazer diversas apresentações na comunidade onde morava, em eventos familiares e que também havia se unido a alguns membros da sua comunidade para fazer pequenas intervenções artísticas em datas comemorativas como dia das mães, festas de São João (através das conhecidas danças de quadrilhas), natal, dentre outras. A jovem ainda enfatizou que “naquela época era maravilhoso, meus pais iam a todas apresentações e as pessoas sempre viam falar comigo que eu tinha muito talento, que eu tinha jeito pra a coisa”, a mesma se refere que tudo começou a mudar em sua vida após sua irmã entrar no segundo ano de direito na universidade pública, e da aproximação do seu momento de escolha pela universidade e curso que iria desenvolver seus estudos. “Eu vou fazer teatro” disse a jovem aos seus pais que sempre lhe abordavam sobre qual seria sua escolha. “Daí por diante a minha vida virou um inferno” dizia a jovem que enfatizava sobre os discursos de seus pais: “minha mãe dizia que aquilo não era profissão, que era hobby, coisa para as horas vagas e que além do mais só tinha gente que não queria saber com da vida”. Já em relação ao seu pai a jovem o imitava, fazendo uma pequena interpretação dele: “filha minha não vai passar fome porque escolheu profissão de viado, puta e maconheiro. Você não tá vendo o exemplo de sua irmã, ela vai ser é juíza, com fé em Deus”.

“E isso continua até hj” diz a jovem que completa “eles até hoje não aceitam a minha escolha pelo teatro, logo que eu entrei foi pra fazer interpretação teatral mas eles me fizeram mudar para licenciatura dizendo que pelo menos poderia ser uma professorinha. Tudo que eu preciso financeiramente deles eles me negam dizendo que se eu tivesse escolhido uma profissão de verdade já teria pelo menos um estágio. E assim eu vou seguindo, me sentindo desvalorizada em minha casa. Às vezes eu até acho que eles têm razão, porque realmente trabalhar com teatro é muito difícil aqui no Brasil. Mas depois que eu conseguir sair desta fase, terminar a faculdade e fazer minha cirurgia vou ver o que vou fazer”. A fase sobre a qual a jovem se refere ao final da sua fala não se trata da relação com os pais e sim do tratamento que está fazendo junto a alguns profissionais da área de saúde porque ela desenvolveu compulsão alimentar e os especialistas atribuem às demandas psicoafetivas que a mesma vem vivenciando.

Como se não bastasse os impactos negativos e perversos presente nas múltiplas referencialidades sobre a escolha profissional desta jovem e o desencadeamento de ações distorcidas perversas no seu âmbito familiar, o fato desta jovem ter desenvolvido a compulsão alimentar a levou a um problema muito maior, pois a mesma desenvolveu sobrepeso e decidiu que iria fazer uma cirurgia de intervenção comumente conhecida como bariátrica. O grande agravante é que para ser considerada com obesidade mórbida, que constitui um dos pré-requisitos para habilitar pacientes à referida cirurgia, a jovem desenvolveu empreitar a cruel e autodestrutiva ação de auto administrar em si um dieta de alimentos hipercalóricos que potencializem sua obesidade de maneira que seja habilitada para o procedimento cirúrgico que considera fundamental para a sua carreira, e finaliza: “porque pra ser atriz gorda, diminuí muito as possibilidades de passar em testes”.

Este exemplo nos possibilita a múltiplas interpretações a partir das diversas perspectivas investigativas aprofundadas dentro da gama expressiva de áreas no vasto campo do conhecimento, dentre as quais destacamos as áreas de humanas, sociais, saúde, economia, política, filosofia etc. Contudo, neste momento, dialogaremos, a partir da perspectiva multireferencializada e multidisciplinar do Analista Cognitivo, de maneira a possibilitar, especificamente, estabelecer o aprofundamento cognitivo que contribua para reforçar a melhor apreensão sobre alguns dos principais referenciais constitutivos e de manutenção sobre a aqui apresentada na qualidade de categoria de-formativa das *distorções perversas* em sua polidialogicidade com os campos do conhecimento que emergem do exemplo dado.

No sentido de desenvolver uma análise crítica a partir do exemplo trazido resgataremos três conceitos já apresentados aqui, os quais entendemos enquanto potentes referenciais elucidativos sobre a relação da formatividade frente às distorções perversas.

Como informamos anteriormente, neste capítulo tratamos sobre alguns elementos que contribuam para a melhor apreensão referente ao que nominamos de categoria de-formativa das distorções perversas buscando evidenciar, através do olhar multireferenciado do Analista cognitivo, bases da sua composição, estratégias de manutenção e alguns dos seus inumeráveis impactos no processo formativo humano.

Em relação ao exemplo trazido é iminente a apreensão do contexto sociocultural, político e econômico o qual cerca, se engendra e permeia todas as relações e atos apresentados no exemplo trazido. Que a configuração da materialidade social na qual está inscrito em sua vida cotidiana na qual relação espaço tempo está intrinsecamente ligada à forma de produção, no caso, de estruturação neoliberal cujo a competição e o sucesso, comumente e naturalizadamente, compõem a mesma face da moeda aniquiladora das possibilidades inventivas e autônomas dos seres neste contexto inseridos. Isto somado à vulnerabilidade das questões éticas.

É recorrente nos discursos proferidos pelos pais da jovem os elementos de preconceito e intolerância, sistematizados e replicados pelo senso comum de maneira perversa, que conduz e impulsiona à vítima da perversão a conceber-se como mero ser abstrato cognocente. Seus discursos ainda são completados por demarcadas discriminações que completam perversamente o jogo de-formativo através do adensamento sobre os possíveis e iminentes danos promovidos por outros seres classificados como não seres possíveis.

Os cárceres impostos, por meio da subjetividade, e da objetividade em extrair cruelmente da jovem qualquer apoio ou auxílio financeiro se apresentam como uma das dimensões coercitivas constantes cujo intuito maior é impossibilitar o outro ser de ser, é ver perecer sonhos, desejos, autonomia de escolhas e demais sentidos de existência em desacordo com a estrutura de produção reconhecida e reafirmada pelos detentores de uma realidade falseada, que a empreendem como única possibilidade.

Para além de tudo isso, existe algo que consideramos estar no limite da racionalidade e submersa no contraditório que é a justificativa para tal empreitada perversa ser vinculada à pseudoconcreticidade de covardes vínculos com sentidos e sentimentos defordamente nomeados de cuidado e amor.

Desta maneira, identificamos que a relação entre os processos formativos humanos e as distorções perversas compõem um imbrincado modelo sistemático de de-formação cujo as

bases estruturais formativas encontram-se sustentadas e associadas ao modelo distorcivo perverso.

Aqui, neste estudo, refletimos que esta categoria de-formativa das distorções perversas é composta por uma complexa e dinâmica estruturação de três elementos basilares emergentes de estruturas de poder: preconceito, discriminações e intolerâncias. Ainda refletimos que esta dinâmica se dá a partir da concepção pseudoconcreta sob a apreensão equivocada de a “coisa em si”.

Isto nos leva, conseqüentemente, ao entendimento de que a humanidade vêm estruturando, cada vez mais e de maneira sistemática, seu processo de formação, cognição e difusão de conhecimentos a partir do que nomeamos de tríade danosa composta por preconceitos, discriminações e intolerâncias, como base das percepções e dos sentidos de realidade concebidos como construções formativas possíveis para lidar com os referenciais dos modos de produção da nossa sociedade, bem como de alinhamentos ideológicos pautados nos sentidos de realidade forjados no cotidiano da vida humana referenciados no senso comum de coexistência.

Estabelece-se assim um singular paradigma, que põe em risco o que aqui entendemos como composições formativas de coexistências eticamente possíveis, que é a probabilidade de não tomarmos como exercício cotidiano a contundente e emergente possibilidade reflexionar sobre a relevância da não negação desta estrutura, assim como do reconhecimento das suas estratégias de manutenção de seus pilares que constituem o alimento, a energia e a força que vêm contribuindo para a perpetuação de tais estruturações nas entranhas dos processos formativos.

Seja no ambiente familiar, escolar, social, laboral, religioso etc, a referida tríade perversiva está presente e sustentada por disfarces de distorções o que termina por abonar a estas a qualidade realidade formativa.

Desse modo, irá compor de maneira especial os demais capítulos deste estudo uma expressiva atenção aos elementos que configurem e deflagrem composições danosas aos processos eticamente possíveis de desenvolvimento formativo, de modo que através dos seus desvelamentos e das suas bases estruturantes seja possível contribuir de maneira didática, informativa e formativa para a efetiva diminuição ou mesmo supressão destes elementos enquanto referenciais da formatividade humana.

1.4– SINTESES CONCLUSIVAS

O presente texto acima, assim como os demais capítulos a serem apresentados trazem por finalidade a apresentação de elementos intrínsecos à atuação profissional do Analista cognitivo, sobretudo a partir dos objetos de investigação aqui contidos, de modo a possibilitar melhor compreensão sobre mais uma das suas múltiplas e diversas perspectivas de atuação, estabelecendo e delineando as bases constitutivas do seu processo de investigativo e possibilitando o melhor esclarecimentos sobre algumas bases conceituais que poderão contribuir para um espectro mais ampliado sobre este fundamental agente operador, mediador e interlocutor e um dos principais atores do campo da difusão do conhecimento.

Neste sentido, a compreensão sobre os tecidos socioculturais e suas peculiaridades se inscrevem no ampliado e multireferenciado espaço de atuação desse profissional que, invariavelmente, lida com questões que necessitem construir dialogicidades com diversos campos do conhecimento fazendo deste ato de construção cognitiva e formativa deste profissional um importante referencial de elaboração multidisciplinar.

Contudo, também de modo invariável, este profissional irá se deparar com elementos que constituirão obstáculos para o desenvolvimento de sua atuação, a exemplo das distorções perversa sobre as quais nos debruçaremos durante todo o desenvolvimento deste estudo. Mas o ato de transformar tais obstáculos em dispositivos contributivos e elucidativos sobre a perspectiva ética de sua atuação, poderão constituir em novos elementos de auxílio para a estruturação estratégica da sua atuação, além de fortalecerem e reforçarem a importância factiva da emergente necessidade da atuação deste profissional.

Os caminhos a serem trilhados pelo referido profissional estão intimamente conectado ao seu campo e abordagem de trabalho baseados na multireferencialidade como base estruturante aberta a múltiplas dialogicidades, podendo assim contribuir com inúmeros espaços de construção e difusão do conhecimento humano.

Por fim, e com o intuito de auxiliar ao leitor sobre a sequência adotada nesta investigação, serão tratadas nos próximos capítulos algumas questões que consideramos fundamentais no processo de formação humana por meio das análises das construções de conhecimentos, científicos ou empíricos, e saberes a partir do desafio sociocultural de identificação destas construções cognitivas por jovens em situações de cárceres, efetivos ou subjetivos, entendendo que ambos possuam impactos em seus processos formativos.

Neste sentido pretendemos contemplar nos próximos capítulos o desafio da atuação do profissional em um novo campo do conhecimento, a aproximação com questões relacionadas a este novo campo, a descrição densa sobre os caminhos desconhecidos, além das proposições transformativas a partir das experiências vivenciadas.

CAPÍTULO 2 - O ANALISTA COGNITIVO E O UNIVERSO DE PERVERSÃO DO CÁRCERE: COMPLEXIDADES INVESTIGATIVAS EM UM CAMPO DESCONHECIDO

2.1 – INTRODUÇÃO

O presente capítulo tratará da experiencição, concepção, estruturação, planejamento, preparação e da efetiva proposição prática do operador e mediador Analista Cognitivo, frente ao complexo e multireferenciado ambiente do cárcere, apresentando alguns dos desafios, próprios de uma processo de atuação/intervenção relacionados ao seu espectro de interação dos colaboradores participantes, a partir de caminhos traçados referenciados em algumas das multiplas bases epistêmicas Difusão do Conhecimento, tomando como foco principal a Análise Cognitiva.

Constitui um dos principais referenciais deste capítulo a apresentação de elementos experienciais, tanto no âmbito das subjetividades, quanto das ações práticas, geralmente fruto das interações dos participantes, com seus referenciais cognitivos, em relação às proposições conceituais das atividades propostas que contemplam em sua efetividade a potencia da dialogicidade entre todos os envolvidos no sistema processual por meio do qual se tornam possíveis, a partir da perspectiva do analista cognitivo, aproximações originais mediadas pelas multiplas possibilidades de atuação.

O desafio que ora se apresenta enquanto objeto complexo e inédito, para este pesquisador, diz respeito a um aprofundamento sobre a categoria distorções perversas no ambiente do sistema socioeducativo, na Fundação da Criança e do Adolescente – FUNDAC, cujo principal referencial de cárcere é o da privação de liberdade de jovens que cometeram atos infracionais e que foram direcionados para a estrutura socioeducativa com o objetivo de promover juntos a esses jovens, segundo o descrito na missão da Intituição: “A responsabilização (pelos atos cometidos) e contribuir para a emancipação cidadã dos adolescentes aos quais se atribuem autoria de ato infracional no estado da Bahia, atuando na garantia dos direitos humanos”(FUNDAC, 2021).

Nesta direção, e a partir da compreensão de que deva ser garantida e implementada a missão institucional, foi desenvolvido pela referida instituição a contratação de profissionais de diversas áreas do conhecimento, com o intuito de desenvolver junto aos seus colaboradores

o projeto de formação continuada, a partir do qual, profissionais contratados por meio do regime de contratações temporárias, desenvolveriam cursos específicos direcionados à melhorias do sistema socioeducativo por meio dos conhecimentos apresentados aos colaboradores atuantes na socioeducação.

Desta forma, o que buscaremos oportunizar neste capítulo são os elementos emergentes deste processo interativo entre os colaboradores institucionais e os novos profissionais contratados, por meio de edital de “Cursos de Formação Continuada”(FUNDAC, 2017), tomando como parâmetro os conhecimentos já em desenvolvimento pelos socioeducadores a partir de suas análises, concepções, planejamento e atuação socioeducativa, frente aos saberes apresentados pelos profissionais contratados para propor transformações e melhorias dos serviços já prestados pela instituição por meio dos seus colaboradores.

Contudo, centraremos nossa abordagem investigativa e de atuação/intervenção a partir do módulo ministrado por este pesquisador cujo a abordagem principal, requisitada pela instituição e especificada em edital, foi de um módulo que tratasse das questões relacionadas à “Gestão – Qualificação”. Se faz necessário, no entanto informar ao leitor que, no caso específico do curso de gestão, cada candidato deveria apresentar uma proposição, que contemplasse o campo da temática solicitada, mas que trouxesse elementos inovadores, em formato de projeto que, não só promovesse interesse dos participantes pela sua inovação, mas que contemplasse referenciais que contribuísse efetivamente para avanços no ambiente da socioeducação.

Assim, nas próximas linhas trataremos sobre a atuação de um profissional que, apesar de seu histórico laboral e de formação estar afinado com a perspectiva multidisciplinar, desconhecia completamente a estrutura interna dos cárceres presentes no sistema socioeducativo sob o qual desenvolvera sua atuação. Também serão aqui apresentados alguns elementos constitutivos das construções interativas sobre a atuação do Analista Cognitivo, concebidas a partir das peculiares construções cognitivas e suas práticas por parte dos profissionais atuantes no sistema socioeducativo.

Desta maneira, buscaremos desvelar algumas estruturas cujo as bases estão inscritas e estabelecidas a partir da categoria das Distorções Perversas, bem como buscaremos refletir de sobre os meios e relações constitutivas das perversões e seu sistema de estruturação e retroalimentação presentes nos processos formativos destes profissionais no cotidiano de suas atividades, além dos seus possíveis e factíveis impactos em seu ambiente laboral junto aos

colegas, estrutura de trabalho e efetivamente das relações cognitivas e formativas, permeadas e/ou relacionadas aos jovens em situação de privação de liberdade nos cárceres da Fundac.

2.2- MULTIREFERENCIALIDADES E MULTISSENSORIALIDADE NO RECONHECIMENTO DO CAMPO PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Foi no ano de 2017 que a fundação da criança e do Adolescente – Fundac abriu um edital simplificado para contratação de profissionais de diversas áreas do conhecimento, dentre as vagas disponíveis o edital solicitava um profissional da área de Gestão. Contudo, era solicitado pelo referido edital que os candidatos às vagas disponíveis apresentassem de uma proposição de atuação que contemplasse o objeto principal da área de conhecimento, no caso o campo da Gestão (administração). Tal proposição, dentro do que o edital nomeava de formação continuada, deveria contemplar de forma complementar tanto uma proposta inovadora de “Gestão-Qualificação” como também fosse incorporado a esta proposição os principais objetivos e princípios do atendimento socioeducativo.

Um determinado fato contribuiu de maneira extraordinária para que os trabalhos futuros ocorrem. Trata-se de uma das partes do processo seletivo que foi a entrevista do candidato na qual o candidato defendia sua proposta e informava de que forma a mesma seria desenvolvida. O ato que entendemos ter feito toda a diferença para o desenvolvimento efetivo dos trabalhos a serem desenvolvidos foi o do posicionamento ético deste pesquisadorem relação ao cumprimento na íntegra da proposição. Este ato, que pôs em risco, inclusive, a aceitação do projeto, foi fundamental para as bases éticas do mesmo. É reconhecido no meio científico que uma das principais bases do campo da administração está voltada para as leis de mercado tomando como principal referencial a mão de obra barata, grande produtividade e baixos custos de produção. Na referida entrevista um dos pontos principais foi a sinalização, por parte deste pesquisador, que o trabalho a ser desenvolvido iria na direção contrária desse produtivismo a qualquer custo. Que seria priorizado um trabalho cujo o centro de atenção eram os seres humanos que desenvolviam as diversas funções na instituição. Que buscaríamos estabelecer um trabalho de conscientização sobre os impactos do das atividades laborais na vida destes seres e que o grande objeto de abordagem seria pautado nas melhores condições de trabalho e no desenvolvimento humano a partir do seu autoconhecimento pessoal e laboral.

Surpreendentemente, a banca examinadora, que também vivenciara os impactos da ausência de um olhar voltado ao trabalhador socioeducativo e que compreendia como essencial a proposição, terminou por selecionar a proposta e contribuir para o seu desenvolvimento durante algumas intercorrencias que houve durante o processo prático, que melhor detalharemos mais a frente. Todo esse processo inicial vem corroborar como referencial complementar às multireferencialidades que contribuirão de maneira particular para as análises aqui desenvolvidas.

Foi a partir desta prerrogativa que foi concebido e apresentado junto à comissão de seleção a proposição de um curso que nomeamos de “Gestão de Si” na qualidade de processo interventivo que unia arte, conceitos de gestões humanizadas e sobre a ética dos processos interrelacionais dentro do ambiente laboral. Se faz necessário esclarecer que, até tomar conhecimento do processo seletivo disponibilizado pela Fundac, este pesquisador desconhecia totalmente qualquer questão relacionada ao sistema sócioeducativo e sua peculiar e complexa estrutura, constituindo assim um importante desafio para este profissional.

Se faz necessário, no entanto, esclarecer que a pesar do desconhecimento sobre a área socioeducativa, já se fazia presente como parte de todo o processo cognitivo e da proposição ética profissional deste pesquisador, desde as atuações iniciais no campo das artes quanto nos demais processos cognitivos e formativos, seja na área da administração durante a graduação ou no mestrado em saúde coletiva, o interesse e a mobilização em desenvolver projetos que contemplassem abordagens dialógicas, todas referenciadas com o campo dos saberes e dos processo de desenvolvimento cognitivo, junto a grupos sociais que historicamente encontram-se à margem da sociedade e das suas estruturas e modus de produção.

A questão das distorções perversas, tomada na qualidade de promotora e mantenedora das estruturas de desigualdades, sempre se constituiu enquanto objeto atravessador dilacerante reconhecido. desde a infância deste pesquisador até o início dos estudos acadêmicos, enquanto estruturas de crueldade sociocultural inscritas na noção de injustiça. Foi a partir do convívio com o sistema carcerário que a noção de injustiça passa a ter referenciais latentes e identificáveis que passamos a conceber enquanto distorções perversas, acrescentando a elas a participação consciente e programada dos projetos de poder humano cujo as bases se encontram na tríade danosa composta por preconceitos, discriminações e intolerâncias, já tratadas no capítulo anterior.

Daí por diante se inicia a complexa trajetória de superação das lacunas cognitivas e do paralelo desenvolvimento de investigação, análise e proposição junto ao sistema carcerário juvenil de modo a obter potenciais resultados positivos de uma trajetória rumo ao desconhecido. É a partir desse momento que se inicia a identificação da necessidade de por em prática o que concebemos enquanto atuação profissional do Analista Cognitivo.

Para tanto, se fez necessário, antes de qualquer ação que compora o campo de atuação deste profissional, um exercício apresentado por Karel Kosic (2016), em sua particular acepção, como *detur* que na língua francesa possui o significado de desvio. O autor, no entanto, toma esse desvio como uma espécie de estratégia de distanciamento que o pesquisador deva fazer do seu objeto de estudo e que através do qual seja possível haver um aprofundamento por meio de uma visão mais ampliada. No caso do pesquisador que ora aqui dialoga o uso do *detur* constituiu, especificamente, de um distanciamento do objeto de pesquisa e assumida a singular atividade de mergulhar nas composições cognitivas e dos saberes deste pesquisador.

Esta empreitada auto cognitiva teve como principal objetivo a identificação das fragilidades existentes no pessoal processo de cognição e formação buscando de maneira sistemática e eticamente trazer a tona os elementos distorcivos perversos presentes nas composições cognitivas, bem como da identificação particular de cada uma das três danosas potências – preconceitos, discriminações e intolerâncias – para que se tornasse possível empreender as pretendidas investigações de maneira a coibir intervenções destas como parte das metodologias adotadas.

Ao tratar sobre as referidas potências danosas, aqui também tomadas na qualidade de categoria sociocultural de-formativa de distorções perversas, se faz necessário ter em conta que destas emergem a imprescindível necessidade de erigir como parte fundamental da multireferencialidade e da multissensorialidade uma aproximação mais densa com a abordagem cultural, sua estrutura e composição a partir dos indivíduos e grupos a ela pertencente.

Nesta direção, nosso estudo se referencia nas proposições difundidas pelo antropólogo estadunidense Clifford Gueertz que destaca a importância do desenvolvimento de análises da prática simbólica a partir do fato antropológico e através da sua teoria interpretativa ou simbólica.

Em seu enfoque Geertz sinaliza sobre o fato de que para se compreender uma cultura ou como os indivíduos se relacionam com a cultura se faz necessário um certo desprendimento das estruturas maiores que cercam os fatos. Para Geertz (1989) compreender uma cultura também significa fazer um específico deslocamento, sair das instituições, sair dos aspectos mais estruturais e ir para ação dos indivíduos. Aqui em nosso estudo alinhamos esta perspectiva à já apresentada por Karel Kosic sobre o *detur*, tendo em vista que ambas se referenciam na importância de específicos distanciamentos para a promoção de aproximações mais profundas.

Assim sendo, Geertz destaca a relevância sobre o quão é necessário entender quais significados os indivíduos atribuem às suas ações, e de que forma esses significados são desenvolvidos durante suas interações sociais no cotidiano. Este ato propositivo não é inédito, pois já temos um importante referencial deste na “Sociologia Compreensiva” de Max Weber (2012), que toma como ponto de partida a ação social. Sendo que esta ação social se baseia nos referenciais sobre os quais os indivíduos ao agirem e compreenderem as suas ações eles levam em conta a inserção de outras pessoas naquela ação que ele desenvolve e dá significado.

Geertz defende claramente que sua perspectiva sobre cultura é essencialmente semiótica e que crê, ainda como parte da influência e compreensão de Weber que: “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”(GUEERTZ, 1989. p15). Daí podemos refletir sobre o papel da autonomia das ações dos indivíduos, das suas escolhas e do significado que cada ação tem para o seu praticante, possibilitando assim, fazer um resgate sobre as várias perspectivas desenvolvidas nas inter-relações dentro de um ambiente a ser analisado.

Se faz necessário também entender, sobretudo no caso da nossa investigação, que os significados individuais também são compostos por referenciais dos indivíduos que partilham de uma mesma realidade cultural. Então, Geertz propõe que para entender uma determinada Cultura se faz também necessário a compreensão da cadeia de significados que os indivíduos criam, não só a partir de suas concepções individuais, mas também a partir de suas interações com as demais concepções de outros indivíduos.

Nesta direção, a etnografia, para o entendimento de uma determinada Cultura, constitui um preponderantemente referencial analítico, a partir da apreensão de que

se faz necessário a compreensão de determinados significados e símbolos, em seus determinados contextos interativos, e que a partir destes se torne possível o entendimento sobre determinada cultura de maneira ampliada e assim tornar possível alcançar como a descrição densa dos significados afetam os funcionamentos das culturas.

A multireferencialidade aliada a multidisciplinaridade, enquanto marco fundamental no campo da difusão do conhecimento, sobretudo no tange aos elementos contributivos e caros à atuação do Analista Cognitivo, constitui ponto capital deste estudo, particularmente, a partir da perspectiva de que para as análises aqui desenvolvidas o exercício investigativo embasado nestas multipossibilidades possibilitam uma importante interface com a multissensorialidade, esta compreendida enquanto intrínseco canal operativo do sistema cognitivo.

Tendo em conta que para as questões aqui apresentadas, inicialmente a partir das da perspectiva das ciências sociais e humanas, é fundamental a relação com o campo das ciências da saúde uma vez que entendemos que abordar sobre o desenvolvimento humano, especificamente pelo viés da análise cognitiva a partir dos fatores socioculturais e da saúde, identificamos o campo das neurociências de fundamental relevância para as discussões aqui presentes.

Datam do início do século XIX, por volta de 1810, contribuições que analisaram as relações anatômicas do cérebro à funções comportamentais. O neurologista de origem francesa Paul Broca foi um dos pioneiros a estabelecer localização para determinadas funções cerebrais, motivo pelo qual levou a ser estabelecido pela comunidade científica o lobo frontal esquerdo, conhecida como área de Broca em homenagem ao seu descobridor, como a área responsável pela coordenação motora da fala. (KANDEL; SCHWARTZ; JESSELL, 1997).

Já para os estudos sobre a linguagem, tivemos a relevante contribuição de Carl Wernicke com seu estudo sobre a compreensão verbal. Em seu estudo o neurocientista apresenta uma modalidade de afasia relacionada especificamente ao distúrbio da compreensão, para além das motoras descobertas por Broca. Outra importante colaboração de Wernicke foi sobre o sentido conexivo cerebral inaugurando a ideia do *processamento distribuído*, importante referencial até a atualidade, que trata das contribuições de diversas regiões cerebrais na composição de comportamentos.

Os crescentes avanços no campo das tecnologias computacionais e da informação também favoreceram para singulares evoluções no campo de atuação da neurociência a exemplo do tomógrafo por emissão de pósitrons e da técnica de imagem por ressonância

magnética que possibilitam o conhecimento das atividades de fluxos sanguíneos e elétricos relacionados ao funcionamento neural e cerebral.

Tais avanços tem proporcionado também a ampliação dos estudos sobre a estrutura cerebral em relação às atividades comportamentais, sobretudo, com inferência aos processos cognitivos através das apreensões sobre as habilidades mentais intrínsecas ao funcionamento e à evolução mental humana. É sobre os processos de desenvolvimento e maturação das funções cognitivas em relação direta com os impactos do ambiente e dos demais seres humanos ao processo formativo da cognição que aqui nos debruçaremos a contribuir com as hipóteses e resultados aqui apresentados.

Assim, diante da principal hipótese desta investigação – que reflete sobre como o conjunto das distorções perversas, contidas nos processos de desenvolvimento cognitivo através dos sistemas socioculturais de formação, constituem importantes referenciais para a relação do ciclo vicioso entre o desenvolvimento de danos à saúde e o impacto destes em relação ao processo de formação humana e vice-versa - serão aqui apresentados elementos que contribuam à esta apreensão.

Contudo, antes de apresentarmos tais elementos, se faz necessário ainda esclarecer que ao considerar que no campo da análise cognitiva as multireferencialidades constituem um dos fundamentais referenciais epistemológicos e de construção cognitiva frente aos inúmeros desafios a serem tomados na qualidade de objetos dialógicos nas proposições de intervenção do Analista Cognitivo. Neste sentido, o referencial da ética, ao longo dos processos interventivos que envolvem cognição e formação, se apresentarão constantemente e em variadas abordagens, como objeto fundante dos diversos acordos multimodais a serem estabelecidos junto aos participantes do estudo.

Esta relação entre a ética, como parte essencial dos processos de acordos coletivos, e as diversas construções dialógicas entre todos os envolvidos nas proposições trans-formativas, tomamos como condição imprescindível o que compreendemos como *ajustes éticos cognocientes*. Estes ajustes são desenvolvidos a partir de acordos coletivos através dos quais sejam assegurados os direitos de expressão e de ação, que convirjam e dialoguem de forma compreensiva e consciente, tanto pelos participantes quanto pelos mediadores, de maneira que, mesmo diante de qualquer variante durante os processos de construções, sejam mantidas as estruturas éticas basilares acordadas, e em caso de haver a necessidade de adaptação, que estas passem a ser construídas em conformidade com os objetivos e metas estabelecidos por todos os envolvidos, assegurando de forma precisa e clara as relações de responsabilidade e

autonomia conscientes que possibilitarão abertura de espaços trans-formativos, colaborativos e de desenvolvimento cognitivo.

O primeiro ajuste ético cogno-ciente ocorreu nesta investigação ainda no momento da entrevista sobre os trabalhos a serem desenvolvidos junto aos colaboradores da instituição. Uma das avaliadoras questionou que o que estava sendo proposto como módulo de gestão deveria ter mais haver com o funcionamento das atividades dos colaboradores no sentido de eficiência e eficácia com vínculo direto com a produtividade. O contra-argumento apresentado por este pesquisador e proponente da diferenciada abordagem foi baseado em um dado, ao qual este pesquisador por meio de minuciosa pesquisa sobre alguns dos impactos laborais sofridos pelos colaboradores institucionais, sobre o aumento considerável de adoecimento no trabalho, por parte dos colaboradores da instituição. Em nossa colocação, inclusive, reforçamos que trabalhadores que não são cuidados pelas instituições pertencentes, dificilmente poderiam fazer uso pleno sobre o cuidado para com o outro. Neste caso este outro é representado pelos jovens tutelados pela instituição e pelos demais colaboradores. Desta forma, a proposição do módulo Gestão de Si convergia diretamente com a perspectiva de um bem estar colaborativo a partir de pactos éticos e de cuidado entre todos os envolvidos.

A título de informação, ainda foi reforçado que não há como exigir mais de quem na verdade está pedindo, ainda que simbolicamente, socorro.

2.3 – DESVELANDO ELEMENTOS SIMBÓLICOS DISTORCIVOS PERVERSOS A PARTIR DAS CONTRADIÇÕES DO DISCURSO DO ESTADO E DA ATUAÇÃO DOS SOCIOEDUCADORES JUNTO AO CÁRCERE

Os trabalhos de intervenção a serem desenvolvidos pelo Analista Cognitivo é compreendido neste estudo que está condicionado a três alicerces que identificamos como basilares ao processo de investigação e intervenção, a saber: compromisso ético para com o campo e todos os envolvidos no desenvolvimento das ações de pesquisa e intervenção; Ter, a partir da perspectiva da multireferencialidade o conjunto de saberes e construções epistêmicas inerentes aos processos formativos próprios do pesquisador/mediador, como singulares referenciais a serem acionados durante o decorrer das atividades a serem desenvolvidas; e, abertura multissensorial, na qualidade de mecanismos de construção e desenvolvimento

cognitivos fundamentais aos procedimentos metodológicos investigativos concernente aos trabalhos a serem desenvolvidos.

A partir das próximas linhas serão apresentados alguns elementos fundamentais à inserção deste pesquisador, em um campo de investigação desconhecido, levando em conta os referenciais apresentados acima, bem como os demais que emergem das complexidades dos desafios a serem considerados como parte das ações investigativas em curso.

Neste sentido, a partir da perspectiva didática, compreendidas de maneira singular de importância, serão trazidos os elementos de interação desde os primeiros contatos com o campo e seus participantes. Por ocasião do processo seletivo desenvolvido pela Fundac, houve um planejamento institucional para introdução dos profissionais selecionados em fazer um dia de visitas ao campo de atuação dos profissionais que passariam pelos cursos de formação continuada, no caso as unidades socioeducativas conhecidas como “cases”. Entretanto, diante do tempo curto e de alguns imprevistos, somente foi possível visitar a unidade de atendimento provisório, na qual os jovens infratores eram conduzidos após o ato e onde também aguardavam por decisões judiciais sobre os próximos encaminhamentos. Nesta unidade eram feitas triagens e atendimento médico como parte do processo de recepção dos jovens. Também neste local houve uma rápida reunião na com os profissionais selecionados para alguns esclarecimentos sobre o sistema socioeducativo. O ambiente, era uma mistura de ambulatório médico com umas celas, em um pátio interno central, na qual haviam alguns jovens aguardando os próximos encaminhamentos. O local era limpo e as selas possuíam apenas uns bancos nos quais os jovens aguardavam.

Na sequência, devido ao tempo que já estava mais curto diante da programação planejada pela instituição, fomos todos conduzidos, nós profissionais selecionados, para conhecer uma unidade de jovens já em cumprimento de pena socioeducativo. Devido às questões logísticas, ficou estabelecido pelos organizadores das visitas às unidades que só teríamos tempo de visitar a unidade masculina, a unidade conhecida como “Case Salvador”:

Se faz necessário neste momento nos permitir a trazer algumas informações disponibilizadas pela instituição, trazidas a partir através do seu oficial, que julgamos de singular referência por se tratar do discurso proferido pelo Estado¹ com relação ao sistema socioeducativo:

¹ Nos permitimos a trazer em formato diferenciado, inclusive com referência aos estabelecidos pela Associação brasileira de Normas Técnica (AABNT), tomando como justificativa dois principais referenciais. Primeiramente com relação ao valor didático, fundamental ao trabalho do analista Cognitivo; E posteriormente por constituir como parte referencial do que foi desenvolvido, *ipisi Litter* como o único conteúdo a ser tomado como referência por todos profissionais contratados.

“História - Para apresentar o histórico da Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC), é necessário fazer uma breve contextualização do atendimento à criança e ao adolescente no Brasil e na Bahia. Em toda a História do Brasil, muitas foram as ações em prol da garantia de direitos. E não foi diferente no que se refere à criança e ao adolescente. Os avanços passaram por várias fases. Antes da década de 20, crianças e recém-nascidos eram abandonados através do Sistema de Rodas, que possibilitava que pais abandonassem filhos sem se identificarem, os mesmos eram acolhidos pelas Santas Casas de Misericórdia, que durante algum tempo assumiram esse papel protetor. Mas, com a Lei do Ventre Livre (1871), o número de crianças abandonadas teve um aumento significativo e o Estado se viu na obrigação de criar e ampliar mecanismos de proteção e assistência ao menor.

Neste sentido, foi instalado, em 1924, o Juizado de Menores com o objetivo de prestar assistência a menores de 18 anos. Três anos depois, em 1927, foi promulgado o Código Juiz de Melo Matos, mais conhecido como Código de Menores, que se constituiu como a primeira intervenção legal, de caráter oficial, na vida de crianças e adolescentes em situação de exclusão ou infração. Era considerada uma legislação intervencionista, ou seja, corretiva, mas sem nenhum vínculo com as causas geradoras de tais situações (abandono e delinquência).

Em 1941, foi criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), ligado ao Ministério da Justiça, que se consolidou como órgão repressor, com um tratamento pautado pela violência contra os internos. Em 1954, a lei 2.705 instituiu o Recolhimento Provisório de Menores (RPM), destinado aos infratores e submetido ao Poder Judiciário. Em 1964, sob a Política Nacional do Bem-Estar, foi criada a Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor (FUNABEM). E em 1979, outro Código de Menores foi promulgado, através da Lei 6.697/79, com o objetivo de prestar proteção de menores de 18 anos em situação irregular.

Até a década de 90, não existia diferença no atendimento institucional de crianças carentes e abandonadas daqueles aos quais se atribuíam atos infracionais. O atendimento era norteador pela Doutrina da Situação Irregular, que na prática significava que crianças e adolescentes não tinham direitos reconhecidos e nem assegurados, já o atendimento prestado por abrigos e internatos não levava em conta o período de desenvolvimento desta fase da vida, desconsiderando, assim, a etapa em que o indivíduo consolida sua identidade e a consciência do seu papel social e familiar.

Apenas com a Constituição de 1988, crianças e adolescentes foram reconhecidos como sujeitos de direitos. E somente a partir da Lei 8.069/90, em vigor desde 1990, que institui o

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), eles passam a ter os seus direitos assegurados, se tornando indivíduos de prioridade legal e social absoluta. Com o ECA, passa a valer a Doutrina de Proteção Integral, que defende que crianças e adolescentes estão em um estado peculiar de desenvolvimento físico, psicológico e social, período no qual se forma a identidade do indivíduo e inicia-se a compreensão do seu papel e lugar na família e sociedade.

Além da Constituição Federal e do ECA, outro mecanismo de garantia de direitos à criança e do adolescentes surge como uma necessidade para a consolidação de diretrizes e princípios da política de atendimento. Em 2006, a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH/PR), e o Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), apresentaram a Resolução 129/2007 instituindo o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

O documento apresenta um conjunto de princípios, regras e critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolvem o processo de apuração de ato infracional e execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atenção ao adolescente em conflito com a Lei.

No dia 18 de janeiro de 2012, a presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei 12.594 – regulamentando o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – Sinase.

Comunidades de Atendimento Socioeducativo (Case)

São nas Comunidades de Atendimento Socioeducativo (Case) que os adolescentes entre 12 e 18 anos aos quais se atribuem autoria de ato infracional cumprem a medida socioeducativa de internação pelo período máximo de 03 anos e aguardam a decisão judicial em internação provisória. De acordo com a Lei 12.594/2012 – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – Sinase – e a Lei 8.069/1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente – Eca, as unidades precisam ter espaços adaptados às necessidades de cada atividade, garantindo o cumprimento da medida socioeducativa e assegurando aos adolescentes dignidade, respeito e a garantia dos direitos humanos e da criança e do adolescente.

A Fundac tem atualmente seis unidades de internação (Case Salvador, Case Feminina Salvador, Case CIA, Case Juiz Melo Matos, Case Zilda Arns, em Feira de Santana e Case Camaçari). E três unidades de semiliberdade, localizadas nos municípios de Vitória da Conquista, Itabuna, Juazeiro, Salvador e Feira de Santana.



A Case Salvador foi fundada em 1978 como o Centro de Recepção e Triagem da Bahia (CRT), destinado ao atendimento de crianças e adolescentes carentes, abandonados ou em ‘erro social’ que eram acolhidos pela antiga Fundação de Assistência ao Menor do Estado da Bahia (Fameb). Com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, e a transformação da Fameb em Fundação da Criança e do Adolescente, em 1991, o CRT passou a ser Comunidade de Atendimento Socioeducativo (Case), para o atendimento de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de internação e internação provisória.

A estrutura organizacional é direcionada a partir dos eixos: Educação, Saúde e Segurança, distribuindo-se em Gerência, Coordenação Técnica, Coordenação Pedagógica, Coordenação Administrativa e Coordenação de Segurança.”

Após esses referenciais históricos e estruturais, apresentados a todos os profissionais contratados, caberia a nós contratados aliar nossos referenciais cognitivo aos discursos e intenções dispostas pelos representantes institucionais, bem como adequar e pôr em prática as proposições apresentadas por cada profissional durante o processo de seleção, junto àquela realidade que começava a ser desvelada aos nossos sentidos.

A escolha da semiótica peirceana se dá a partir da compreensão de que esta possibilite, enquanto contribuição metodológica, o trabalho com linguagens verbais e não verbais trazendo em si o poder expressivo de análise, uma vez que esta ao trabalhar com substituições contempla o lógico e o operacional a partir da semiose. Além de ter como base fundamental o estudo sobre a capacidade que os signos possuem de representar a realidade tomando como

foco principal o pensamento e é neste sentido que conectamos o desenvolvimento cognitivo e sua análise por meio da semiótica. O signo possibilita a projeção em nosso pensamento um objeto da representação, o qual Peirce nomeia de objeto imediato. Assim, nos valeremos desta abordagem metodológica tendo em conta sua singular relação signo/objeto por meio das categorias ícone, índice e símbolo, enquanto possibilidade de desvelamento semiótico dos elementos condicionadores das perversões no ambiente carcerário.

Desse modo, na condição de Analista Cognitivo, em seus primeiros contatos com o campo desconhecido no qual atuara, foi reflexionado sobre a importância de ter a teoria interpretativa das culturas (GEERTZ, 1989), através de sua descrição densa, a semiótica peirceana (PEIRCE, 1995) e da dialética do concreto proposta por Karel Kosik (KOSIK, 1995) enquanto elementos investigativos na coleta de dados a serem analisados.

Retomando ao dia no qual havia como proposição as visitas às instalações do sistema socioeducativo, ficou-se definido que a única unidade que conheceríamos, campo de trabalho dos profissionais que passariam pelos processos de formação, seria a unidade masculina Case Salvador. Porém outro impasse se estabeleceu ao chegarmos à referida unidade. Que não teríamos tempo hábil a conhecer a unidade pois o servidor que nos acompanhava precisava resolver uma questão administrativa na unidade. Neste momento, e tomando a atitude de responsabilidade e comprometimento com o trabalho a ser desenvolvido, tomei a atitude e solicitar que me conduzissem ao interior da unidade sob o argumento de que aquela ação seria de grande importância para o trabalho a ser desenvolvido. Assim, foi concedido o tempo de vinte minutos para adentrar à unidade e retornar à van (automóvel que nos conduzia). Aceitei o acordo e fui acompanhado por mais dois colegas que sentiam a mesma necessidade.

Na qualidade de Analista Cognitivo, precisava estar preparado para aquele primeiro contato. Metodologicamente munido de alguns dos referenciais epistêmicos, já apresentados anteriormente nestes escritos, defini que seria de substancial referência ter em conta que a multissensorialidade como objeto de cognição, aliada à abordagem semiótica peirceana, dei início às ações de conhecimento do ambiente laboral e das diversas relações ali existentes, bem como, dos dispositivos multireferenciais que pudessem deflagrar o reconhecimento dos elementos distorcivos perversos na atuação dos socioeducadores junto ao cárcere.

Ao adentrar o portão principal, que pode ser visto na imagem acima, fomos recepcionados pelo chefe da segurança que nos solicitou que deixássemos nossos pertences pessoais, inclusive bijuterias, celulares etc, em uma espécie de guarda volumes no qual fomos

atendidos por uma colaboradora através de uma pequena janela. Em seguida fomos conduzidos a um espaço secundário que para ter acesso a este necessitávamos passar por um detetor de metais. Foi neste espaço secundário que tivemos um primeiro diálogo com o chefe da segurança, e mais dois socioeducadores segurança, sobre alguns procedimentos que teríamos que desenvolver durante a visita.

Na ocasião informamos a eles que não teríamos tempo suficiente para visitar toda a unidade e lhes perguntamos onde eles indicariam que fizessemos a visita. Se faz necessário informar que a unidade é dotada de múltiplos espaços, para além dos alojamentos nos quais os jovens ficam encarcerados, a exemplo das escolas, dos espaços terapêuticos, das oficinas de artes, espaços de cursos profissionalizantes, dentre outros. No entanto, em comum acordo entre os socioeducadores de segurança, foi definido que os mesmos nos conduziria a três espaços específicos. Aquela decisão, de imediato, já me trouxe uma indagação, a qual terminou por permear e atravessar todo o trabalho que desenvolvi na instituição até a presente data. Detalharei melhor mais a frente.

Mas os espaços escolhidos para que fosse feita a visita foi o alojamento S8, a enfermaria e o espaço conhecido como reflexão. O alojamento S8 era e permanece sendo um dos alojamentos que traz mais complexidades dentro da estrutura das instalações da Casa Salvador, isso devido a ser o local onde vivem os jovens infratores cujos atos de infração estão relacionados a estupro de vulneráveis, o que causa um explícito sentimento de ira e menosprezo, não só por parte dos internos da unidade como também por parte de significativo número de socioeducadores das diversas áreas de atuação, a exemplo de médicos, psicólogos, dentistas, assistentes sociais etc. Estes jovens, no cotidiano da unidade vivem em total isolamento dos demais sob o argumento desta ser uma medida protetiva.

O espaço da enfermaria, que possuía um marcante odor que transitava entre a má higienização dos jovens, o forte odor hormonal próprio da puberdade e medicamentos voláteis, era um espaço muito diferenciado dos demais dada a sua singularidade de abrangência. Nele habitavam em selas de aproximadamente 2mX2m jovens com severos problemas mentais, jovens em medida protetiva por terem sofrido ameaças ou tentativas de assassinato, além de jovens que necessitavam de algum acompanhamento hospitalar. Este foi um local muito imblemático da visita.

Já o espaço nomeado de reflexão é o local para o qual são conduzidos todos os jovens que cometem novos atos durante a estada no sistema socioeducativo. Muito conhecido

popularmente como “solitária” este local tinha um aspecto de masmorra. Com banheiro coletivos em péssimo estado, em um ambiente escuro e pintado de preto, com selas de aproximadamente 4m² nas quais, muitas vezes se amontoavam jovens sem cama e que passavam dias “refletindo” sobre seus atos. Este espaço era visivelmente um local de maus tratos dos jovens que a ele eram conduzidos.

Após esta visita, eu e meus colegas saímos em total silêncio, agradecemos aos senhores que nos acompanharam e levávamos em si questões. As principais questões que atravessavam o pensamento deste analista cognitivo eram: Por qual motivo os socioeducadores segurança elegeram de forma unânime e rápida quais os locais a serem visitados por nós, formadores recém contratados, como referencial de algo que se sobreponha a todas as outras instalações? Quais eram os significados daqueles espaços para a unidade carcerária socioeducativa? E, porque havia uma atitude de arrogância e de demonstração de poder violento ao adentrar em cada espaço visitado?

A partir destas questões, aliadas a outros dados que puderam ser coletados junto à equipes de socioeducadores das diversas áreas de atuação junto aos jovens e a partir dos referenciais semióticos foi possível desenvolver algumas análises que contribuíram, sobremaneira para os trabalhos que foram desenvolvidos durante a formação continuada desenvolvida no módulo proposto por este Analista Cognitivo:

Primeiramente o entendimento da multireferencialidade e da multissensorialidade em processo de investigação e intervenção constituem dispositivos fundamentais para análises complexas que envolvam a dinâmica das relações humanas e os processos de subjetivação. Todas as possibilidades de acesso a informação são imprescindíveis. Tudo que se vê, ouvi, senti, toca, trazem uma expressiva carga de informação que podem contribuir para a construção de precisos diagnósticos. Ou seja, em se tratando de multissensorialidade e multireferencialidade nada é nada e tudo é tudo. Ou seja, nenhuma informação deve ser subestimada e o conjunto e a união dos elementos extraídos das investigações, efetivamente, de algum modo, contribuirão para o melhor entendimento sobre o objeto de estudo.

A partir da tricotomia ícone, índice e símbolo da base peirceana foi possível fazer um traçado sobre as escolhas e definições feitas pelos socioeducadores segurança a despeito do sentido simbólico que aqueles traziam para nós visitantes e futuros instrutores deles. Um diferencial que temos nesta abordagem é que entre nós três instrutores, somente este

investigador encontrava-se ali na condição de também de pesquisador da área socioeducativa e dos processos de formação e cognição de jovens em privação de liberdade.

De fato, os jovens que habitam o alojamento S8 são de alvo de repúdio por parte da maioria dos diversos profissionais que cumpriam a rede multidisciplinar contratada para garantir o cuidado e a responsabilidade destes jovens que estão sob a tutela do Estado. Em um de seus depoimentos, o senhor Antônio² relata: “esses caras tem mais é que se lenhar. Botam pra lenhar na rua, estupram crianças, depois vem pra aqui e são mais bem tratado que meus filhos. É, porque o salário da gente é uma miséria e eles aqui tem tudo. Comi quatro ou cinco vezes por dia, Parece que estão de férias. Por isso que quando eu pego de jeito, pico a zorra. E eles já sabem, se reclamar com coordenador a gente pega no corredor.” O ato de pegar no corredor, a pesar de ser um ato repudiado pela gerência da unidade, trata-se de um ritual no qual alguns jovens, que cometeram algo fora das normas subjetivas estabelecidas nas relações com socioeducadores segurança, são conduzidos, individualmente, sobre o argumento de que está sendo chamado em algum setor, e durante o caminho passam por uma galeria vazia na qual outros socioeducadores segurança, todos vestidos com uma máscara conhecida como brucutu, e levam um surra que não deixa marcas externas mas que, segundo Sr. Antônio “amacia os caras”.

Também em relato, uma das psicólogas pertencentes ao quadro funcional da unidade diz: “com fulano de tal (nome de um jovem) se depender de mim ele não terá um relatório favorável à progressão de pena. Eu tenho uma filha da idade da que ele matou. Esse miserável precisa ficar aqui até o fim”.

Definitivamente a relação na teoria peirceana entre ícone, no sentido de primeiridade que traz a primeira impressão sobre a coisa, e as relações discursivas e práticas traduzidas pelo índice enquanto relação de causa com o objeto e efetivamente a do símbolo com sua relação de convenção com o objeto, auxilia e consolida como importantes referenciais nas análises aqui desenvolvidas.

É de fundamental importância ter em conta também que a pseudoconcreticidade, reificada por Karel Kosik sobre a perspectiva do senso comum, em ambientes de grandes complexidades a tendência da reprodução e condicionamento das distorções perversas adquirem potências de replicação em proporções muito elevadas, sobretudo em um ambiente

² Todos os nomes que forem utilizados nestas escritas são fictícios. Isto se dá de acordo com as bases éticas do trabalho aqui desenvolvido e pela proteção dos participantes por meio da garantia de seus direitos de anonimato.

cujo a violência constitui o referencial de controle e poder entre todos os envolvidos. A análise dos atos e relatos presentes nas falas e atitudes dos profissionais que atuam junto ao sistema socioeducativo revelam, a partir da semiótica e da pseudoconcreticidade. Foi possível analisar que a escolha e definição, pelo senhor Antônio e colegas, de maneira consensual sobre a definição dos espaços a serem visitados, como referencial de prioridade, para serem visitados equipe de profissionais do curso de formação continuada apresentam alguns importantes referenciais sobre a perspectiva cognitiva e de senso comum. Além de apresentarem elementos que deflagram particular entendimento sobre a representatividade dos espaços visitados.

Primeiramente precisamos ter em conta que ao se referirem aos espaços de maneira consensual sinaliza que, do ponto de vista semiótico, um referencial em primeiridade de que tais espaços constituíam ícones, para os colaboradores convidantes, sobre uma perspectiva de particularidades que seriam encontradas exclusivamente nos espaços propostos, que não poderiam ser encontrados nos demais espaços da instituição. Em secundidade e terceiridade, apresentam-se de maneira complementar e simultânea sobre a deflagração de índices e símbolos de representação que sinalizavam elementos de fundamentais referenciais no ambiente socioeducativo. A partir da análise deste Analista Cognitivo, tais espaços reificam, pelo menos e inicialmente, dois relevantes aspectos reveladores de má conduções socioeducativas em um ambiente que deveria tomar como premissa os cuidados e responsabilidades sobre os jovens em cumprimento de medida socioeducativas: o primeiro importante referencial refere-se a questões de violência e maus tratos que divergem das bases e direitos socioeducativos, já apresentados acima por meio do discurso governamental; em segunda instância, mas não menos importante, pode-se refletir sobre a abordagem consensual sobre a utilização destes espaços na qualidade de singulares referenciais de condicionamento comportamental e repressivo junto aos jovens em situação de cárcere, além de representarem um cárcere dentro do cárcere, o que, indubitavelmente, não só fere como aniquila uma das principais referências da socioeducação, que é a socialização.

Entendemos, no entanto, que há, efetivamente, uma grande complexidade que permeia as inúmeras e diversas ações socioeducativas no ambiente do cárcere, a exemplo de medidas protetivas sob alguns jovens em relação a outros, o poder das facções que se revelam em gravíssimos atos no ambiente do cárcere, a exemplo de assassinatos, dentre outras formas que trataremos mais detalhadamente a frente.

Porém, estes elementos, até aqui apresentados, já sinalizam de maneira imperativa sobre a existência de uma abordagem pseudoconcreta (KOSIK, 1995) de senso comum, para uma atenção mais especializada aos processos de construção de relações e de impactos

estruturais que envolvam todos os entes pertencentes à complexa rede socioeducativa em pauta.

Desta forma, partimos para a segunda etapa desta nossa abordagem junto aos colaboradores com o início dos trabalhos propostos a partir do módulo Gestão de Si.

2.4 ARTE, ÉTICA E RECONHECIMENTO DE SI: CRIANDO ESPAÇOS DE EXPRESSIVIDADE

A dinâmica utilizada durante todo o processo de desenvolvimento do curso de formação continuada em Gestão teve sua carga horária de vinte e quatro hora semanais para cada turma, porém alguns referenciais basilares, do ponto de vista da intervenção, se apresentaram enquanto condições diferenciadas. No entanto, estes referenciais, enquanto parte do nosso processo metodológico, foram disparados a partir de ações, reconhecidas pelos participantes, familiares a processos de cursos e formações, já vivenciados por todos os participantes desta proposição.

A propositura do módulo de Gestão, nomeado como “Gestão de Si” foi estruturado em três fases complementares que abordavam sobre as ações dos participantes frente aos desafios enfrentados por estes no cotidiano de suas atividades junto aos sistema socioeducativo, a saber: Fase introdutória com rodadas dialógicas com estabelecimento de acordos tácitos de entrega e desenvolvimento aos trabalhos a serem desenvolvidos, cujo as bases se estruturam na responsabilidade, autonomia e colaboração; Na segunda fase, o desenvolvimento dos trabalhos são totalmente de ordem prática através de jogos e exercícios de base artísticas, por meio dos quais estabeleciam-se relações de autoconhecimento e de interrelações com os demais membros participantes. Sempre seguidos de rodadas dialógicas para a avaliação sobre as atividades ocorridas a cada dia; Na terceira e última fase, todos os participantes desenvolvem uma análise crítica sobre todos os trabalhos ocorridos durante as fases anteriores e elaboravam uma escrita livre contendo proposições que contribuíssem para as transformações, consideradas por eles, como necessárias para o pleno desenvolvimento de suas atividades, além de proposições criativas que poderiam ser adotadas pelo sistema socioeducativo que dessem maior suporte estrutural e emocional às suas atividades.

Se faz necessário esclarecer e mesmo reiterar que as bases éticas, que permeiam, compõem e estruturam este estudo, constituem parte do que nomeamos de um triplo axioma, em síntese composto: pelo drama, em seu sentido mais amplo das relações dramáticas do

cotidiano da vida e das construções individuais e coletivas no campo das interações humanas; pela técnica, do grego *téchnē*, que por sua vez é compreendido, particularmente, em nossa composição tripla axiomática, enquanto estrutura simbiótica com o terceiro elemento que é a arte. Isto numa perspectiva de que o processo conjunto e interativo constitui um complexo reflexivo e acional que, por meio desta imbrincada conjunção, se faça possível a abertura de inúmeras novas composições harmoniosas que contribuam significativamente, tanto para avanços no campo cognitivo e dos saberes, quanto das relações socioculturais mais referenciadas na empatia e nos sentidos implicados dos processos de desenvolvimento colaborativos.

Como parte deste triplo axioma, a arte poética e demasiadamente humanizada, aos olhos deste pesquisador, propostos pelo multi-artista (poeta, ator, dramaturgo etc) Antoine Marie Joseph Artaud, comumente conhecido como Antoine Artaud ou simplesmente Artaud, impactam sobremaneira todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa. Não somente por conta de sua técnica, que aliás o referido poeta não teve tempo de sistematizá-la como tal, ou simplesmente não fosse esse seu interesse fazê-la. Mas o que ora pauta sua influência neste estudo é a potência crítica e analítica de uma concepção de arte que transcende elementos didáticos e sistemáticos, a pesar de não os desconsiderar enquanto potências, mas sobretudo em suas proposições poética de processos criativos implicados com a afetividade, cognição e o sagrado, como analisa Salles e Oliveira em relação à poética artística proposta por Artaud em:

No teatro e na dança, é do mundo afetivo em relação ao seu aparato corpóreo, que o criador intérprete com corpo diferenciado deve tomar consciência. Podemos exemplificar com o que acontece nas manifestações espetaculares populares, a respiração dos atores-sociais está impregnada pela afetividade, pois a arte faz parte de suas vidas no sentido de que têm um envolvimento emocional/religioso/mágico/sagrado com as manifestações culturais das quais participam efetivamente. (SALLES & OLIVEIRA, 2012)

Ainda sob a perspectiva da peculiar proposição no campo da expressividade de sentidos e das construções do que foi nomeado como o teatro da crueldade de Artaud, a pesquisadora Urânia maia complementa:

O Teatro da Crueldade apresenta como pano de fundo a explosão aos sentimentos humanos, a análise das seqüelas e conflitos internos vivenciados pelo ser humano. A perspectiva artaudiana é trazer à tona sentimentos pujantes e apaixonados. Esta proposta teatral apresenta-se didaticamente sob dois aspectos: do ponto de vista do fundo, onde os assuntos e temas abordados correspondem à agitação e inquietação do ser humano total e não apenas do ser humano social; e do ponto de vista da forma, onde para se atingir esse teatro é preciso focalizar os sonhos, as impressões e as sensações utilizando-se para tanto de uma linguagem resignificada e enfatizada através da expressão corporal e dos gestos. (OLIVEIRA, 2007. p73)

Desse modo, é que acreditamos e pomos em prática tais abordagens, como parte complementar das técnicas desenvolvidas em nosso programa, pois, o que torna ou não parte de uma composição de ordem transformativa é sua potência reflexiva e seus elementos, que uma vez postos em situação prática, possam provir condições, aos que por meio deste processo se reelaborem, à liberdade e autonomia de compreenderem-se enquanto ser em transformação.

Assim, com base num roteiro de fácil reconhecimento e familiaridade, por parte dos participantes, inserimos as abordagens inovadoras, bem como seus potenciais resultados a serem alcançados. Como ponto de partida diferencial, apresentamos aos participantes, o fundamental *ajuste ético cogno-ciente* por meio do qual erigimos pactos de construção estabelecidos a partir de um trabalho colaborativo e de empatia esclarecendo a todos os participantes sobre a importância do que estávamos alí para desenvolver, e, ao mesmo tempo, deixando o espaço aberto às considerações que estes desejassem apresentar.

O primeiro e, considerado por nós, como mais impactante e potencializador das atividades a serem desenvolvidas foi sobre o papel de cada um alí presente a ser desempenhado durante todo o curso. Nós, na qualidade de mediador trouxemos a primeira e mais impactante informação: de que, a pesar da referida formação continuada ser financiada pelo Estado e de que nós tínhamos metas a serem cumpridas, a partir daquele momento inicial todos teriam liberdade para expressar, das mais variadas formas, seus sentimentos e análises sobre suas atividades laborais, os impactos de suas vidas particulares em suas vidas profissionais e sobretudo, a respeito dos problemas enfrentados no cotidiano dos seus exercícios laborais.

Esta abordagem somente foi incorporada e assimilada nas ações, junto aos 765 (setecentos e sessenta e cinco) participantes colaboradores, atuantes das diversas áreas do conhecimento que concentra o sistema socioeducativo. Após as primeiras exposições deste mediador/pesquisador, cujos referenciais traziam acentuados enfoques críticos e éticos sobre as realidades vivenciadas por todos que lidam com as estruturas perversas do capital. Foi também esclarecido que a pesar de ser um curso voltado para a área de gestão, não trabalharíamos alí sobre produtividade e metas, ao menos do ponto de vista das expectativas produtivistas, mas sim: a partir de uma abordagem que contemplasse a nossa relação humana com as nossas necessidades de desenvolver atividades laborais para a sobrevivência; sobre o

adocimento de origem laboral; reflexões sobre as complexas relações interpessoais a partir do autoconhecimento, responsabilidade e autonomia no desenvolvimento das nossas atividades comumente reconhecidas como trabalho; dentre outras que foram emergindo a partir das realidades vivenciadas pelos diferentes grupos.

Após as primeiras explicações dadas sobre nossa proposição de abordagens a serem adotadas, ou não, durante o percurso que iríamos desenvolver pelo período de uma semana de trabalho, foi aberto o espaço para as devidas apresentações sobre cada um dos participantes, porém que fosse trazido como parte de suas falas a apresentação dos maiores desafios que cada um compreendia e considerava como mais significativo impedimento para o pleno desenvolvimento de suas atividades laborais cotidianas.

A partir da fala de cada participante, eram colocadas no quadro branco (antiga lousa) todas as dificuldades reconhecidas pelos participantes. Subdividimos o quadro em três partes e a cada uma delas, nomeadas de Estruturais, reacionamento com os jovens e relações interpessoais entre colegas obtivemos o seguinte resultado:

Ao que se referia às questões estruturais foram apresentadas na qualidade de fragilidade para o desenvolvimento pleno das atividades: ausência de material didático para determinadas atividades; insumos para o trabalho administrativo; equipamentos sucateados e sem suporte técnico adequado às necessidades da unidade.

Quanto à questão de relacionamento com os jovens, por mais inacreditável que pareça, não houve, de forma unânime, nenhuma reclamação que fosse considerada pelos diversos grupos como relevante ou impeditivas de realizarem suas atividades. A título de esclarecimento, as reflexões feitas sobre as relações entre a equipe de socioeducadores e a juventude encarcerada, eram apresentadas dentro de uma normalidade de se lidar com jovens que possuem desejos e também o senso de transgressão de regras. Porém, todas estas questões foram postas pelos colaboradores sob a perspectiva de controle dos mesmos.

Antes de trazer a terceira abordagem, se faz necessário sinalizar que esta segunda, do ponto de vista da semiótica, uma simbologia que sinalizava de maneira contundente, para algo de uma magnitude que transcende os aspectos do senso comum e que para as análises aqui desenvolvidas constituía ponto fundamental a ser aprofundado. Assim o fizemos e as bases metodológicas e os resultados serão apresentados no próximo capítulo no qual tratamos

exclusivamente das relações institucionalizadas do Estado para com os jovens em situação de cárcere e vice-versa.

Já ao que tange à terceira abordagem, que se refere às relações interpessoais no ambiente laboral entre as diversas equipes e grupos de sioeducadores, obtivemos um outro inusitado resultado. Dentre os 765 participantes, de forma unânime, se referiram que dentre as três abordagens referidas a de maior impacto e de crucial impedimento aos desenvolvimentos das equipes no cotidiano da unidade carcerária são as questões de impedimentos dialógicos harmoniosas, fundamentais aos trabalhos a serem desenvolvidos, e que estas também são consideradas como o maior dispositivo de adoecimento das equipes que compõem o núcleo de trabalhadores do sistema socioeducativo.

Assim sendo, toda a segunda e terceira fase do curso de formação continuada, em Gestão de Si, foi dedicada aos trabalhos práticos, por meio dos quais, foi possível se observar relevantes avanços. Nesta etapa trabalhamos através de jogos teatrais abordagens de confiança em si e para com os colegas, dinâmicas de integração e trabalho coletivo, criatividade para o desenvolvimento de problemas complexos, técnicas de relaxamento, trabalhos em equipes sem lideranças instituídas, apresentações de temas polêmicos através das artes cênicas além das rodadas dialógicas de avaliação após cada atividade. Entretanto, alguns intercursos surgiram durante os trabalhos, mas que tiveram suas devidas interações especializadas por parte do mediador das atividades, pois já eram esperadas. Dentre as referidas intercussões algumas se apresentaram de forma emblemática por se tratarem de ações de processos resultantes de formações educativas familiares e socioculturais que, notadamente, entendemos transcender o alcance dos nossos trabalhos no tempo disposto. Entretanto, ainda diante destas limitações obtivemos êxito em algumas.

A primeira diz respeito a uma das colaboradoras que não deixava ser tocada por nenhum dos colegas, do sexo masculino, e em todas as atividades que a mesma era colocada, aleatoriamente, em um grupo para realização de uma determinada atividade que existisse um colega do referido sexo a mesma se retirava alegando indisposição ou solicitava para ser trocada de equipe. Aos olhos deste Analista Cognitivo, se fazia necessário dar suporte para que a colega tivesse condições de desenvolver, assim como os demais, as atividades programadas. Nós, na qualidade de mediador, fizemos todas as trocas e liberamos a colaboradora de todas as atividades que a mesma solicitava. Contudo, tecnicamente, havia a liberação ou troca mas não havia o abono de que a mesma se retirasse do ambiente de trabalho.

Isto, tecnicamente, como estratégia para que a colaboradora, ao assistir as atividades, criasse uma espécie de intimidade e de aproximação que a fizesse adquirir segurança para decidir uma possível participação.

No penúltimo dia de trabalho, após algumas atividades individuais de auto-conhecimento do próprio corpo, no momento da rodada dialógica para avaliação da atividade a mesma, no momento concedido à sua fala, expressou, diante de todos os participantes, sem conseguir conter as lágrimas que lhe viam, que “gostaria de pedir desculpas a todos e a todas, mas principalmente aos colegas do sexo masculino, por não ter tido condições de realizar algumas das atividades com eles. Isto devido a ter tido um padastro uqe durante toda sua infância e adolescencia havia abusado da mesma sexualmente, e que sua mão havia morrido sem saber sobre o ocorrido”. Este momento gerou uma importante comoção dos demais participantes, porém ela elegeu um dos colegas (do sexo masculino) para fazer a última apresentação no curso.

Não bastasse, a mesma também revelou que a partir daquele dia buscaria uma ajuda especializada e que contava com o apoio dos demais colegas em sua empreitada.

A segunda foi em relação a uma colaboradora que se recusava a adentrar à sala das aulas práticas. Também apresentando argumentos de que não estava se sentindo bem, nós providenciamos uma cadeira e colocamos na porta da sala para que a mesma assistisse às atividades. Se faz necessário informar ao presente leitor que a sala das atividades práticas havia uma diferença da sala das aulas teóricas. É que a sala das práticas era preparada com uma higienização mais cuidadosa porque os participantes deitavam no piso e desenvolviam outras atividades que necessitavam de um piso mais aséptico. Durante o intervalo para o almoço convidei a colega para um papo informal. Lhe dizia inclusive que ao olhar para ela na porta da sala, percebia em seu olhar e em suas reações pequenas demonstrações de alegria e desejo em participar. Então a mesma me revelou: “Professor eu tou doidinha pra participar das atividades. Estou vendo o quanto está sendo bom para meus colegas fazerem esses exercícios”. Daí lhe perguntei por qual motivo então ela não estava participando. Em resposta me explicou: “Professor, tem mais de vinte anos que não coloco os meus pés no chão e as atividades são descaças. Isso é desde pequena, minha mãe reclamava e batia na sola do pé da gente (minha e de minhas irmãs), dos meus irmão não! E quando ela batia dizia pra a gente que quem anda descalça é mulher ruim, mulher da vida, que mulher descente não andava de

pé no chão nem quando saísse do banho. Daí isso ficou na minha cabeça e eu terminei fazendo o mesmo com as minhas filhas”.

Diante da situação, enquanto mediador, fiz uma proposta a ela, lhe disse que ela poderia fazer a aula com meia e se em algum momento se sentisse a vontade ela tirava. Assim ocorreu, e durante a primeira hora de participação com meia a colaboradora levou dois tombos por escorregão e daí decidiu retirar a meia. Ao final da aula, de modo muito particular, a colaboradora bem humorada me disse: “è melhor ser ruim inteira do que boa quebrada, não é professor?”

Lhe respondi afirmativamente e deste dia por diante a mesma fez todas as atividades descalça, após ter passado mais de vinte anos sem tocar o chão.

Do ponto de vista da análise cognitiva, a importância em apreciar cada gesto de cada participante nas mais diversas atuações de intervenção, constitui um singular diferencial transformativo, sobretudo, pelo fato de que a análise cognitiva é uma abordagem no campo do conhecimento cujo principal referencial é a multireferencialidade e suas complexidades, Isto possibilita ao Analista Cognitivo, não somente evocar seu repertório cognitivo como também cabe ao mesmo identificar qual campo do conhecimento poderá ser o mais apropriado a contribuir com a intervenção pretendida.

2.5 – SÍNTESES CONCLUSIVAS

Definitivamente, do ponto de vista da Análise Cognitiva, consideramos trágico, em seu sentido mais danoso, o poder de determinados condicionamentos socioculturais sobre as possibilidades de desenvolvimento cognitivo. O papel das distorções perversas, com sua tríade estrutural dos preconceitos, das discriminações e intolerâncias, constituem um danoso espectro que permeia as relações socioculturais e toda a sua esfera visão concreta das realidades que permeiam a existência humana.

Assim daremos continuidade à tarefa de trazer elementos que contribuam a reflexões mais profundas, que questionem o senso comum e que potencializem efetivas transformações no campo dos saberes e da difusão ética e equânime de acesso a conhecimentos que contribuam para o processo evolutivo humano.

Como intermezzo entre alguns dados já apresentados neste capítulo e abrindo espaço para reflexões sobre os impactos destes nas próximas análises que seguirão nos próximos capítulos, finalizaremos este apresentando importantes questões, trazidas pelos colaboradores durante o módulo de ‘Gestão de Si’, tendo em conta que tais dados contribuem indelevelmente para as próximas análises.

Relação de pontos identificados como distorções perversas no ambiente laboral socioeducativo pelos seus colaboradores: a) Preconceito quanto ao trabalho das mulheres frente aos desenvolvidos pelos homens; b) Maior nível de escolaridade das mulheres como desafio nas relações de gênero nas unidades; c) Discriminação hierárquica entre diferentes especializações profissionais enquanto impedimento do trabalho coletivo e colaborativo; d) Impedimento do trabalho de socioeducadores das diversas áreas do conhecimento, pelo poder que os socioeducadores segurança possuem sob os jovens; e) Preconceito por parte dos socioeducadores em relação aos atos cometidos pelos jovens, impedindo avanços nos processos socioeducativo; f) Ausência de confiança nos colegas devido a abusos sexuais vivenciados no interior do cárcere;

Como parte do trabalho desenvolvido junto aos 765 colaboradores participantes do sistema socioeducativo, promovemos um espaço para que fossem apresentadas pelos mesmos proposições, de forma individual, que versasse sobre sugestões de ações que deveriam ser tomadas pelos gestores do sistema de maneira a proporcionar melhorias das suas condições laborais. Deste modo, ao analisar as proposições, as enumeramos de forma decrescente de importância e de incidência apresentadas pelos colaboradores. Ficando assim:

2.5.1 Criação de um núcleo de atenção psicológica aos colaboradores de forma permanente;

2.5.2 Mais atenção ao trabalho dos colaboradores, de forma individualizada e colaborativa, pela diretoria geral institucional;

2.5.3 Efetiva formação continuada para ajustes dos trabalhos de maneira homogênea e sistemática. Isto em referência ao que foi apresentado por meio dos relatos de reivindicação dos colaboradores, que contextualizavam que a última formação disponibilizada aos mesmos já fazia mais de uma década que havia ocorrido;

2.5.4 Assistência às demais enfermidades que acometem aos colaboradores, a exemplo da hipertensão, depressão, ansiedade, dentre outras que podem ter correlação com as demandas psicoafetivas laborais relacionados à socioeducação. Isto tomando

como base referencial os dados apresentados sobre o aumento substancial em mais de 200% (duzentos por cento) nos últimos três anos, segundo dados da gestão da unidade estudada com relação ao aumento de atestados médicos apresentados pelos colaboradores;

2.5.5 Melhorias das condições de trabalho com insumos e materiais que deem suporte às atividades didático pedagógicas que deixam, tanto para os socioeducadores como também para os profissionais que têm seus trabalhos impedidos;

Assim, a partir dos referenciais e elementos apresentados durante este capítulo, daremos seguimento ao próximo capítulo de modo a possibilitar ao leitor uma compreensão ampliada, e não estanque, sobre outros elementos que compõem a rede do sistema socioeducativo e que, com efeito, contribuirão para a melhor compreensão sobre alguns dos principais referenciais sobre as imbrincadas relações construídas no ambiente socioeducativo aqui estudado.

Nesta direção, tomaremos como principais referenciais a dinâmica das perversões, deformações e condicionamentos, simbólicos ou explícitos, intrínsecos ao que entendemos constituir a retroalimentação dos citados referenciais de perversões que atingem diretamente aos jovens em privação de liberdade.

Assim, tomaremos como objeto principal do nosso próximo capítulo as correlações de poder e perversões entre os profissionais atuantes no sistema socioeducativo para com os jovens encarcerados, destas relações entre os jovens de maneira que todos os esforços investigativos estejam alinhados no sentido de possibilitar o desvelamento e impactos desta estrutura junto ao sistema socioeducativo.

3 - JUVENDUDES ENCARCERADAS: OS RITOS DE DEMARCAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO CONCEPÇÃO DE EXISTÊNCIA

3.1 – INTRODUÇÃO: PRÓLOGO

Com o intuito de apresentar os elementos que constituem o presente capítulo nos utilizaremos de uma linguagem do campo das artes, no caso as artes cênicas, por entendermos que toda a base das proposições dialógicas para as análises, aqui apresentadas, estão pautadas nesta arte através dos atos, nas performances de atuações dos colaboradores e de suas redes de difusão do conhecimento que basicamente se estabelecem a partir dos simbolismos presentes em suas atitudes e na cultura oral informal enquanto modelos coeducativos dentro do sistema socioeducativo ora estudado. Assim sendo traremos termos como atores, prologo, cenas, atos e demais terminologias que contribuam para o melhor entendimento sobre este cenário, de realidades encenadas, seus atores e atuações que desvelam peculiar encenação no campo da socioeducação.

Contudo, a utilização desta relevante arte não significa que os fatos e estruturas apresentados compõem uma ficção, mas sim, sobre sua potência de desvelamento e reprodução da realidade, além de suas bases que contemplam os processos investigativos, É neste sentido que foram estruturados e relacionados tais estruturas conceituais ao principal elemento alicerce deste complexo e multireferencial desenho investigativo, sobretudo em seu referencial analítico cognitivo. Trata-se das distorções perversas e suas múltiplas relações que atravessam o sistema socioeducativo baiano.

Desta maneira, apresentaremos nas linhas que se seguem um modelo de dramaturgia que visa dar conta de inter relacionar os discursos, ações, análises e conceitos de todos os colaboradores deste estudo, socioeducadores e socioeducandos, de modo a apresentar uma dinâmica, cujo as principais bases são o drama e a ética, com vistas a proporcionar ao leitor um melhor aprofundamento sobre as realidades aqui tratadas.

Para dar início às análises que fundamentam este capítulo se faz necessário retomarmos algumas questões que emergiram do processo de formação continuada desenvolvido junto aos 765 (setecentos e sesceenta e cinco) colaboradores – psicólogos, médicos, advogados, segurança, gestores, assessores administrativos, coordenadores técnicos, instrutores de arte educação, dentre outros que atuavam indiretamente na socioeducação - integrantes do quadro de colaboradores que atuam no sistema socioeducativo do estado da Bahia, É importante também esclarecer que a referida formação continuada, desenvolvida pela presente gestão, constitui uma proposição desenvolvida em gestão anterior e que, devido a iminência da perda de recursos para a execução desta formação, por conta do prazo de uso dos recursos, foi realizado pela equipe da atual gestão da Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC).

Iniciamos então o desenvolvimento do módulo de gestão junsto aos colaboradores. Como parte da metodologia aplicada por este pesquisador foi desenvolvido uma abordagem inicial de anamnese na qual os participantes informavam quais eram os três principais desafios que se apresentavam como dificuldades para o desenvolvimento pleno de suas atividades socioeducativas. Neste sentido foram apresentados por ordem de importância: as relações interpessoais entre os colaboradores; as discrepâncias entre as políticas de gestão das unidades socioeducativas e as realidades vivenciadas pelos colaboradores destas unidades,e; a falta de infraestrutura para o desenvolvimento das atividades.

Estas questões passaram a ser objeto principal dos trabalhos da Formação Continuada e obtivemos, com efeito, considerados avanços no que tange às bases formativas de perfis melhores estruturados às interações pretendidas nos três níveis de dificuldades apresentados. Entretanto, fazendo valer um olhar investigativo próprio e apropriado do analista cognitivo, entendemos que um importante ator não fora sequer citado, enquanto uma possível dificuldade dos colaboradores, como parte desta teia do sistema, o que trouxe um importante sinal de alerta para os trabalhos almejados. Trata-se dos socioeducandos.

Como não havia espaço para contemplar estes jovens no planejamento institucional da formação continuada, foi proposto por este analista cognitivo em formação, uma incursão no cotidiano do sistema socioeducativo tomando como base uma análise sobre o desenvolvimento dos socioeducandos nos processos interativos junto às equipes multidisciplinares composta pelos socioeducadores. Se faz necessário informar que tal empreitada só foi possível através da sensível e visionária colaboração de duas pessoas que muito contribuíram para a realização deste trabalho junto aos jovens em situação de cárcere. A Juíza da 5ª (quinta) Vara da Infância Fundação da criança e do Adolescente, que autorizou em caráter especial o acesso deste pesquisador, mesmo contrariando interesses da diretoria geral, em todas as instalações do sistema socioeducativo, e do não menos importante Sr. João Ferreira, gerente da unidade Salvador cujo acolhimento, suporte de informações e acesso à unidade Salvador contribuíram sobremaneira para o trabalho, voluntariado, deste pesquisador. Desta forma estava posto um novo desafio a este o processo formativo deste pesquisador.

3.2 – PRIMEIRO ATO - SOCIOEDUCAÇÃO E PRINCÍPIOS LEGAIS: ÍCONES DE UMA DESCONSTRUÇÃO INSTITUCIONALIZA

O sistema socioeducativo brasileiro, composto por uma rede complexa que inclui marcos legais e estruturais, do ponto de vista do atendimento aos jovens em conflito com a lei, vem apresentando numa crescente um conjunto de fragilidades que constituem uma estrutura frágil e

perversa que negligencia marcos legais e transgridem direitos dos jovens brasileiros.

Ao tomar como referenciais legais, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, e, a Lei nº 12.594, de 18 de Janeiro de 2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) que regulamenta a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional, é possível dimensionar o quanto as atuais ações do Estado vem se distanciando destes deveres legais e, não só distanciando, como assumindo e institucionalizando ações, ainda que de maneira marginal, que estabeleceria o fortalecimento destas enquanto medidas sobre as quais trataremos durante este capítulo enquanto referenciais de negligência, descaso, perversão, controle e descontrole estatal.

A unidade de acolhimento a jovens e crianças, supracitada como “Case Salvador” foi fundada no ano de 1978, ainda durante o período da ditadura militar, como um Centro de Recepção e Triagem da Bahia (CRT), cujo a finalidade era o atendimento de crianças e adolescentes carentes, abandonados ou em “erro sócio”. Sua estrutura, no entanto, foi inspirada num modelo de penitenciária ideal, concebida pelo inglês Jeremy Bentham, reconhecido como panóptico, retratado e analisado pelo filósofo e historiador Michael Foucault, em sua obra “Vigiar e Punir”, na qual descreve: “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (1987, p 224).

A unidade em Salvador, mantém até a atualidade a mesma estrutura, passando somente por pontuais obras de intervenção estruturais por conta das ações do tempo. Trata-se de um espaço composto por alas que deflagram um ambiente decadente, insalubre e nada propício ao abrigo e acolhimento de jovens em situação de conflito com a lei.

Além das instalações no andar térreo, a unidade ainda conta com um subsolo que retrata porões em condições insalubres com escassa ventilação e ventilação, além, de possuir um mal odor que toma todo o espaço sucumbido.

Modelo Panóptico de Prisão

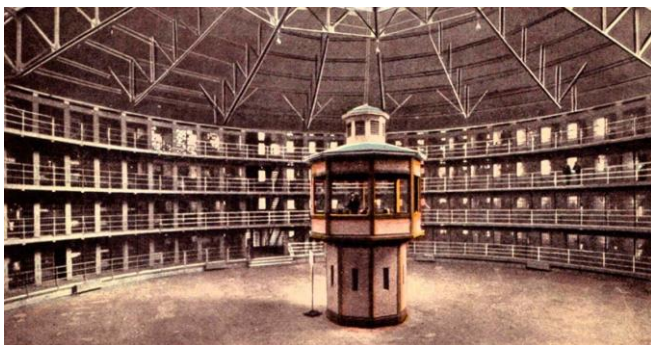


Foto: Paulo Incott

No sistema socioeducativo atuante, durante o período que decorreu esta pesquisa, foi possível também haver uma aproximação sobre as questões socioculturais que envolvem as diversas práticas,

tomadas como socioeducativas, que, no entanto, deflagram o abismo entre os marcos legais de direitos dos socieducandos e as ações desenvolvidas pelos socioeducadores no lidar cotidiano com os desafios postos por uma instituição com tal complexidade.

O sistema socioeducativo brasileiro, que tem como premissa a ressocialização de jovens, é composto por uma estrutura organizacional composta por uma junta que envolve gerência, coordenação técnica, coordenação pedagógica, coordenação administrativa e coordenação de segurança, que, por sua vez têm a elas ligadas uma base multidisciplinar composta por socioeducadores das áreas de segurança, psicologia, medicina, enfermagem, pedagogia, escolas conveniadas do estado, municípios e técnicas, bem como assistência jurídica, dentre outros diversos profissionais que assumem o dever de reconhecer esses indivíduos enquanto sujeitos de direitos e personas em estado peculiar de desenvolvimento. Tutelados pelo Estado a estes cidadãos deve ser assegurados, por processos legais efetivos, suas integridades físicas, educação, saúde, dignidade humana, independente dos atos infracionais por estes cometidos e que estejam nas unidades de ressocialização em cumprimento de medidas de internações provisórias (aguardando julgamento), ou já em internação sentenciada.

Contudo, a pesar de estarem bem estabelecidas, do ponto de vista legal, das obrigações e responsabilidades a serem assumidas pelo Estado, foi no processo de imersão deste pesquisador no período entre 2017 e 2019 que foi possível estabelecer alguns comparativos e analisar algumas das diversas discrepâncias entre o papel do Estado e a realidade que prevalece enquanto poder paralelo no ambiente da “Case Salvador” na qual estes estudos foram aplicados.

Como parte fundamental dos processos de investigação multireferenciados desenvolvidos nesta pesquisa, sobretudo dada à sua complexidade e diversidade do público participante, destacamos o que Bahuman (2013) nos apresenta enquanto “esboço de referencial para o campo”, no qual, é apresentado a relevância dos movimentos de transformações e representação a partir do que é apresentado pelo informante, tomando como ponto crucial o estreitamento entre o que é dito e o que é compreendido por meio de cuidadosas traduções, aqui nomeadas de transduções:

Desta forma, vem-se identificando diversas possibilidades de operar essas transformações, tais como a tradução de uma língua/linguagem para outra(s); a transdução de uma forma de representação – verbal, icônica, sonora – ou de um tipo de linguagem – religiosa, filosófica, científica – para outra(s) formas de representação do conhecimento; a translocação de conteúdo de um espaço/sistema de produção do conhecimento para outro. (BURNHAM, 2012, pag 43)

Somando-se ao proposto por Burnham, entendemos que a relevância de adotar em nosso processo científico a utilização da divisão básica dos signos *índice*, *Ícone* e *símbolo* propostos por Peirce (1975) constituem um importante referencial metodológico que dará sustentação ao procedimentos investigativos pretendidos. Assim sendo, consideraremos que nesta investigação: os *ícones* serão tomados enquanto categorias sobre as quais tomaremos como referenciais os trataremos

das ações práticas, durante as ações cotidianas executadas pelos socioeducadores que se insurgem enquanto referenciais formativos destes colaboradores; No que tange aos indícios, sobre as quais seja possível retratar as práticas que traduzem os indícios avaliados, O índice enquanto o conjunto de ações, verbais e não verbais proferidas pelos seus agentes de maneira que nestas estejam estabelecidas os referenciais que permeiam e sustentam suas ações no desenvolvimento de suas atividades no ambiente socioeducativo; e; Por fim, trataremos os símbolos enquanto os efeitos das duas anteriores de maneira a elucidar sobre seus efeitos na estrutura socioeducativa.

No entanto, o fato de estarmos trabalhando com um sistema socioeducativo, no qual o centro principal é constituído pelos jovens em privação de liberdade por terem cometido atos infracionais, estes agentes/cidadãos não surgiram de nenhuma forma. Em atitude persistente este pesquisador retomara por inúmeras vezes sobre a participação dos jovens e as respostas eram sempre: “os meninos são de boa”; “ali (os jovens) é tranquilo”; “Eles já sabem as regras”. Daí “ascendeu uma luz vermelha” sobre esta questão, que se subdividira em duas perguntas guias para esta pesquisa: Será o trabalho dos socioeducadores tão completos que foram alcançados os objetivos de ressocialização do sistema socioeducativo no estado da Bahia? Ou. Como será desenvolvido o trabalho de socioeducador na Bahia que leva aos socioeducandos a ter os jovens em um estado de exclusão das suas atividades?

Assim sendo, após o desenvolvimento do Módulo de Gestão: Qualificação Técnica e Socioeducativa, junto aos colaboradores, iniciava uma nova jornada investigativa por parte deste pesquisador.

O primeiro passo foi um convite feito pelo, na ocasião gerente da unidade “Case Salvador”, João Ferreira para a realização de um trabalho específico junto aos jovens da unidade, que de imediato foi aceito. Entretanto, por se tratar de um trabalho que envolveria toda a estrutura socioeducativa, foi decidido que o melhor caminho seria buscar apoio, não financeiro, e sim de gestão, junto à diretoria geral da instituição. Assim foi feito. Porém sem êxito algum, por mais quatro vezes. A cada vez surgia um novo empecilho, que contrastava da abordagem solicitada. Assim seguimos, até que então, estudado pelo Sr. João Ferreira uma forma do nosso trabalho poder seguir em frente. E assim seguimos.

No próximo tópico dedicaremos todos os esforços para desvelar as questões e desafios encontrados a partir deste momento davam a grandiosidade do descaso, perversão, negligência, incompetência e principalmente perversão, desenvolvido dentro deste sistema, sobretudo em relação à violação do Estado junto a estes jovens.

3.3 – SEGUNDO ATO – DISTORÇÕES COGNITIVAS E SOCIOEDUCAÇÃO: ÍCONES

TRÁGICOS DE UM SIMULACRO CHAMADO RESSOCIALIZAÇÃO

Dentro do amplo espectro multireferencial e multidisciplinar inerente ao campo da análise cognitiva e sua intrínseca relação com a ampla difusão do conhecimento os processos teóricos e práticos se engendram de tal maneira que contribuem significativamente na qualidade de potentes desveladores dos elementos que nos auxiliam a compreender às diversas realidades estudadas e seus controversos achados.

Neste sentido o fenômeno da afetação, no sentido mesmo proposto por Espinosa (2015), sobre os afetos e do quanto essas afecções externas são responsáveis em não sermos somente racionais, além de considera-las enquanto potências que são capazes de nos conduzir a alegrias e tristezas, bem como a outros sentimentos como ódio, frustrações, carinhos, acolhimentos etc, aqui, são tomados como peculiares referenciais de interações perversas dos atores e ações que traremos neste segmento. Assim, buscaremos detalhar tais estruturas de maneira a fornecer maior riqueza sobre o sistema socioeducativo, suas praticas, distorções, desencontros e dimensões éticas que se distanciam opostamente das bases legais e humanas da proposição de ressocialização de jovens infratores.

Inúmeros indícios contraditórios foram identificados durante a diversas fazes da pesquisa, sobretudo quando se tratava de fornecer informações a este pesquisador. Foram analisados que tais contradições se destacavam, particularmente, em duas situações de interação com os socioeducadores segurança. A primeira dizia respeito ao fato deste pesquisador já ter vivenciado experiencias de descrição do trabalho relacionado aos jovens advindas dos seguranças nas quais eram declaradas uma harmonização total, com insignificantes conflitos administrativos, e que existia e prevalecia o equilibrio das relações socioeducativas com vistas à ressocialização.

A outra segue na direção exatamente contrária, nas quais as ações planejadas de intervenção junto a estes jovens eram tomadas pelos seguranças como atividades impossíveis de serem viabilizadas dentro do sistema devido aos diversos riscos e limitações cognitivas dos socioeducandos, a exemplo de: periculosidades, relações com facções, incompatibilidade e discriminações que impediam a convivência entre grupos.

Estava posto a este pesquisador a complexa tarefa de promover uma aproximação cuidadosa e atenta à diversidade de elementos que ora cumpunham o campo de pesquisa, se modo que, simultaneamente investigasse as bases constitutivas das relações entre o sistema socioeducativo da “Case Salvador”, e paralelamente desse conta de apresentar proposições a todos os envolvidos, sobretudo aos socieducandos, sobre possibilidades de construções práticas trans-formativas coletivas cujo principal objetivo estava centrado no efetivo processo de ressocialização.

Os trabalhos foram iniciados através da minha intrudução, promovida pelo gestor da unidade,

junto aos demais colaboradores através de participação nas reuniões semanais das equipes de trabalho, em eventos promovidos para os jovens, seus encontros familiares e posteriormente no acompanhamento de cada equipe de socioeducadores em suas funções durante suas atuações.

Desta forma, a presença deste pesquisador tornou-se, cada vez mais, naturalizada no ambiente, bem com, passou a ser tomada como objeto de especulação, tanto por parte dos socioeducadores quanto pelos socioeducandos, sobre as reais intenções das atividades e análises de um professor e pesquisador, como era conhecido dentro da unidade.

Ao perceber que tal presença já não causava estranheza e sim curiosidade, demos início à próxima etapa do trabalho de investigação junto aos socioeducandos. Se faz necessário esclarecer no entanto que, por mais planejada que estivesse sido estruturada as fases da pesquisa, esta era operado como algo vivo, que sofria alterações cotidianamente em seu planejamento dada a complexidade e dinâmica próprias ao ambiente do sistema socioeducativo. Também, por se tratar de um espaço composto por múltiplas tensões e diversificadas instabilidades, a exemplo de fugas, assassinatos e outros eventos que mobilizavam diferenciadas organizações dos trabalhos, tais movimentações afetavam também os encaminhamentos desta pesquisa.

É importante, sobretudo para o analista cognitivo, essencialmente multidisciplinar, a incorporação ao seu trabalho da perspectiva das fluências e das mudanças surpreendentes que nele ocorra, tomando estas enquanto importantes aliadas do movimento investigativo acrescentando a esse mais riquezas de experiências que possam vir a se constituírem como relevantes referenciais no campo da análise cognitiva.

Como parte do processo metodológico estabelecia-se como relevante desafio a este pesquisador a definição dos grupos de jovens que iriam compor esta que era pensada a primeira fase dos trabalhos junto aos socioeducandos. Deste modo, após as diversas reuniões com os colaboradores e das entrevistas individuais com estes, foi identificado que três grupos de jovens constituíam os maiores desafios dentro daquela unidade. Por questões éticas adotaremos aqui as letras A, B e C para nos referir aos grupos e alojamentos pertencentes a cada uma delas.

O grupo A era composto por jovens que, pelo fato de serem reincidentes em alguns atos, por terem mais idades e pertencerem a determinada facção crimisosa mais dominante na unidade, eram mais temidos e demandavam de toda a equipe da unidade maior atenção uma vez que experiências anteriores ameaças e atentados contra colaboradores e demais jovens eram de fato executadas.

Já o grupo B era composto por jovens que tinham como referencial e estigma dentro do sistema carcerário terem cometido assaltos a transportes públicos. Quanto a esse fato existe uma peculiar referência relacionado à Ética, uma vez que, tanto para os colaboradores quanto para os demais jovens, os indivíduos deste grupo atentavam contra os familiares de todos os demais membros

daquela unidade, em específico vitimando mães e/ou provedoras/res do lar.

O grupo C era composto por jovens cujo Ato Infracional eram referentes a estupros e outras modalidades de abusos sexuais, às vezes seguido de óbito das vítimas. Este grupo em especial constituía dentro da unidade o mais estigmatizado, repreendido e isolado dado o ódio e repúdio expresso por socioeducadores e socioeducandos em tal medida que os mesmos eram reconhecidos e apontados na unidade como “Jack”, isso devido a uma ignorante comparação com o famoso assassino do século XIX Jack O Estripador, daí a confusa distorção entre estripador e estuprador.

Para dar início aos trabalhos junto aos jovens tomamos como referencial principal a proposta que envolvia não só analisar as relações destes para com o sistema socioeducativo mas, também, de desenvolver e promover experiências reflexivas e cognitivas sobre suas existências e possibilidades socializações através dos jogos e rodadas reflexivas por meio dos dos componentes teóricos e práticos presentes na proposição do nosso modelo de intervenção nominado de Dramática.

Tal proposição, no entanto, prescindia de um conjunto de estratégias que corroborassem positivamente tanto para a aproximação e abertura dialógica com os jovens, bem como de aprofundamento desta relação de maneira que todos os envolvidos se sentissem parte fundamental das construções almejadas.

Para a superação do primeiro desafio, que era de aproximação a estes jovens de maneira diferenciada das abordagens até então utilizadas dentro do sistema socioeducativo foi tomado como referencial para este pesquisador o modelo de apresentação comumente utilizado pelos socioeducadores para quando se fazia necessário a inserção de algum membro exógeno à comunidade.

Normalmente a prática utilizada era de que para dar acesso a qualquer pessoa às instalações dos alojamentos era acompanhada de uma equipe de segurança, além de um coordenador e eventualmente outros membros da comunidade de colaboradores. Na busca por uma abordagem diferenciada optamos por uma outra linha de ação.

Primeiramente, por entender que a presença de membros da comunidade de socioeducadores poderia alterar significativamente o desenvolvimento dos trabalhos, levando em conta que tais presenças poderiam inibir as possíveis trocas pretendidas. Outro ponto analisado dizia respeito ao fato de compreender que a presença de vários dos membros da equipe de segurança reforçava a perspectiva dos jovens em serem seres nocivos a outros seres desconhecidos. Esta última levou este pesquisador a um profundo questionamento sobre as bases de ressocialização propostas por um Estado a jovens que cometeram atos infracionais.

Imbuído de tal sentido, e após definir o grupo A como os primeiros a terem acesso às rodadas dialógicas, fundamentais da metodologia proposta, foi elaborado por este pesquisador o seguinte

conjunto de ações: ao chegar ao alojamento solicitei a todos os seguranças que se posicionassem na grande sala de convivência que dava acesso às celas daquele alojamento. Em seguida, me aproximei do primeiro dormitório, composto por cerca de 12 a 15 jovens, e me apresentei como pesquisador e lhes perguntei se poderíamos ter uma breve conversa. Após a primeira aprovação dos jovens adentrei ao dormitório, solicitando que os seguranças ficassem do lado de fora. Caminhei até o final do dormitório e me sentei no chão após todas as camas. Dei início ao diálogo com os jovens presentes explicando que o projeto que ora proporia tinha como base fundamental dar voz a eles, quando fui interrompido por uma das lideranças deste dormitório que dizia: “o cara é de boa, pegue um cobertor!”.

Nesta sequência um outro jovem retirou o cobertor de uma das camas me repassando para que eu ficasse mais confortável, mesmo estando no chão. Estava ali estabelecido o laço que consideramos ter sido o mais importante do processo de aproximação, não só dos jovens daquele alojamento, por exercerem influência e liderança em diversos alojamentos da unidade, mas também de acesso e respeito nos demais alojamentos, que já aguardavam o dia da minha visita. Tal informação pôde ser acessada durante os demais diálogos com os jovens de outros alojamentos.

Deste momento em diante foram sistematizadas inúmeras visitas e rodadas dialógicas preparatórias o desenvolvimento do trabalho que pretendia a reunião e convivência entre estes três grupos estigmatizados como antagônicos pela maioria dos membros das comunidades socioeducativa da unidade Salvador.

Em meio aos inúmeros diálogos, individuais e coletivos, junto aos jovens, foi possível ter contato com algumas das formas de violência vivenciadas por estes no cotidiano de suas vivências e que, dada a sua frequência e estabelecimento destas como método de controle dos corpos destes jovens, passaram a serem tomadas enquanto parte institucionalizada e internalizada, tanto pelos jovens quanto pelos socioeducadores segurança, de maneira que tais violências eram reproduzidas entre os jovens como representação de poder e exemplo distorcido sobre movimentos de ressignificação e reflexão sobre a relação socioeducação, desenvolvimento cognitivo e violência.

Neste sentido, é explicitado através das falas e ações dos jovens o espaço no qual as capacidades de aprendizados sobre socialização e desenvolvimento coletivo e colaborativo de aprendizagens são substituídos pelas variadas formas de violências.

Como referencial ilustrativo de algumas destas violências vivenciadas por alguns jovens dentro do sistema socioeducativo apresentaremos alguns destes trazidos em depoimentos dos jovens. O primeiro diz respeito a uma modalidade de abuso sexual cometido por socioeducadores da área de segurança que persuadiam alguns dos jovens a se manifestarem indispostos para desenvolverem suas atividades cotidianas - escola, aulas de arte ou cursos profissionalizantes - de maneira que

estes garotos permanecessem nos alojamentos sozinhos com um dos seguranças e eram levados a praticarem sexo, isso sob ameaça de outras violências que poderiam sofrer. Outra situação apresentada era sobre a prática de espancamento coletivo cometido contra os jovens que eram considerados muito indóceis. Nesta prática alguns seguranças usavam brucutús (espécie de máscara) e levavam tais jovens para dar um “passeio” em um dos corredores abandonados da unidade onde eram espancados e na sequência redirecionados aos seus alojamentos. Tal prática se constituía objeto de repressão comportamental, bem como para a promoção de obediências e submissões às demais violências.

Outra situação vivenciada por uma jovem em processo de transgeneridade também marcou bastante os caminhos investigativos desta pesquisa. Por questões éticas nomearemos tal jovem de Jéssica, uma jovem que por se reconhecer como do sexo masculino iniciou um posicionamento social de busca pelo reconhecimento enquanto ser do sexo feminino. Entretanto, foi extremamente reprimida pelo sistema socioeducativo ao ser informada que se ela resolvesse assumir que era do sexo feminino seria transferida para a unidade feminina na qual teria que ficar isolada por se constituir uma ameaça para as demais jovens a partir da perspectiva de poder engravidá-las. Algo totalmente reprimido pelo Estado uma vez que toda a juventude encarcerada é tutelada pelo Estado que tem por sua vez a responsabilidade de proteção integral destes.

Tais violências não só violam os direitos destes jovens como constituem, do ponto de vista legal, um enorme retrocesso das bases do Sinase e do estatuto da criança e do adolescente de tal maneira que podemos afirmar a existência de um poder paralelo que corrompe, distorce e institucionaliza referenciais de violências como possibilidades cognitivas de socialização humana. Além do que, por se tratar de seres em desenvolvimento e formação podemos dimensionar tais ações como referenciais de perpetuação de violências enquanto única via a ser seguida alterando toda e qualquer possibilidade transformativa e socioeducativa.

A partir do conjunto de violências, maus tratos e abusos sofridos por estes jovens e inspirado especialmente na discriminação vivenciada pela jovem “Jessica”, demos início ao planejamento e organização para implementar a nossa proposição de intervenção através do conjunto de conceitos, jogos e multilinguagens próprias e apropriadas pela ferramenta dialógica que nomeamos de Dramática.

Como primeiro passo optamos por propor aos jovens do alojamento três uma sessão de cinema, entendendo que esta arte, dada a sua dinâmica, nos proporcionaria um excelente e diferenciado espaço de discussão. Assim sendo, levamos até estes jovens a projeção do filme *Romeu e Julieta* como passo inicial. Tão ação foi tão bem acolhida pelos jovens que acabou por gerar frutos promissores.

Primeiramente podemos citar que houve uma mobilização por parte de demais alojamentos em terem acesso também às sessões de cinema em seus alojamentos. Na sequência, como parte do planejamento que compora tal intervenção foram abertas discussões sobre a temática do filme e suas implicações nos sentidos de cognição junto aos jovens. Entretanto, de maneira surpreendente, foi proposto pelos jovens que organizássemos uma representação do filme em formato teatral unindo os demais grupos.

Contando com a sensibilidade do gestor da unidade a proposta foi acatada e demos início ao planejamento das atividades para sua implementação. Primeiramente subdividimos os grupos em subgrupos de acordo com seus interesses, organizando assim os núcleos de dramaturgia, coreografia, cenário e produção. Se faz necessário esclarecer que tal proposição trouxe significativos avanços na convivências harmoniosa entre os jovens participantes, bem como, a partir do depoimento dos participantes pode ser percebida um significativa elevação de suas auto estimas.

Demos prosseguimento aos trabalhos de maneira que os subgrupos se reuniram e planejavam suas atividades sob a coordenação deste pesquisador. Contudo, houve também o enfrentamento a resistências dentro do sistema socioeducativo e a maior delas foi vivenciada na primeira atividade coletiva, que contou com a adesão dos três grupos supra citados. Tal resistência ocorreu por parte dos socioeducadores da segurança que se negaram a fazer o acompanhamento da atividade coletiva, sob o argumento de que os jovens não tinham preparo para a convivência, e que, desta forma, não iriam se responsabilizar por tal atividade.

Surge então um novo desafio para este pesquisador, pois a proposta dos socioeducadores segurança era de que eles conduziram os jovens até o campo de futebol no qual a atividade seria desenvolvida mas que não acompanhariam a atividade, trancariam o portão com cerca de quarenta e cinco jovens e este pesquisador e ao final reconduziriam estes garotos aos seus alojamentos.

Estava posta ali um importante signo de rejeição ao trabalho ora proposto por este pesquisador, porém, não se tratava somente de um ato de resistência e sim de ameaça à própria segurança dos jovens como também do pesquisador. Após novas rodadas dialógicas com os jovens que iriam participar da atividade foi assumido um compromisso entre os três grupos e o mediador pesquisador e a atividade foi autorizada pela gerência da unidade. Os trabalhos transcorreram da forma mais harmônica possível e foi realizada a construção da coreografia de abertura, do almejado espetáculo sendo estabelecido, a partir desta atividade, um marco dialógico antes nunca vivenciado pela unidade Salvador.

Após o trabalho realizado com os jovens fui dialogar com um dos socioeducadores que se recusou a entrar no pátio que reuni os tres grupos e ele me dá o depoimento no qual exprime: “esses bandidos tem de tudo aqui dentro, a gente recebe um salario de miseria e nossos filhos não tem nem

as refeições e nem as aulas que esses vagabundos tem. É por isso que quando passam o aço (assassinam por meio de tiros) nesses porras a gente dá graças a Deus,”

Se faz necessário esclarecer que após esta atividade houve diversas outras tentativas de impedimento dos trabalhos por parte de seguranças descontentes com tais avanços. Mas o projeto e o empenho dos jovens persistiu e podemos ver se estabelecer uniões, colaborações, discussões profundas, redimensionamento crítico sobre os atos infracionais cometidos, além do estabelecimento da elevação da auto estima de muitos dos participantes, inclusive, com a proposição de alguns deles em reproduzir o nosso trabalho em suas comunidades, o que contou com o apoio e orientações deste pesquisador.

Infelizmente, no início do ano de 2019, devido às restrições da pandemia, todo o trabalho já desenvolvido foi interrompido, os jovens foram encaminhados para suas casas e a unidade ficou praticamente vazia. Entretanto, o tempo que dedicamos ao desenvolvimento das atividades realizadas trouxe importantes referenciais de transformação e possibilidades de avanços cognitivos para todos os envolvidos, de maneira que os resultados obtidos até o encerramento das atividades constituem um peculiar referencial sobre as possibilidades transformativas e de ressignificação de conceitos como ressocialização, socioeducação e desenvolvimento humano.

Também foram possíveis registrar relevantes aspectos sobre a gestão do Estado junto ao sistema socioeducativo, a exemplo de: o despreparo por parte dos socioeducadores segurança na gestão dos conflitos e condução das crises, ressaltando que estes colaboradores, tercerizados, não passam por qualquer treinamento ao serem introduzidos no sistema socioeducativo; a estigmatização dos jovens, por conta dos atos cometidos, por parte de diversos profissionais que compõem o sistema socioeducativo; ausência de retorno e suporte por parte dos gestores responsáveis pelo sistema socioeducativo no Estado; abuso e violação dos direitos dos jovens e adolescentes dentro do sistema na contramão dos marcos regulatórios legais, dentre outros que são compreendidos neste estudo como distorções perversas do papel do Estado, além de constituírem em referenciais fomentadores de violências em um processo que deveria ser referenciado como modelo socioeducativo.

Desta forma, o conjunto de impactos que podem ser gerados ao desenvolvimento sociocognitivo dos jovens que acessam o sistema socioeducativo baiano são, determinantes para o processo de análise cognitiva e de difusão do conhecimento. Isto nos remete em profundidade à questão trazida por BUNHAM (2015, p 101) que indaga: “Que potencial apresentam como alternativa de resistência à segregação sociocognitiva?” E reforça com tal especificidade “ Estas são questões intencionadas à reflexão de pessoas, grupos e organizações que assumem posturas ético-políticas empenhadas com a equidade de todos os seres humanos”.

Assim, de maneira mais específica buscaremos responder a esta e a outras questões que

consideramos como perversões cognitivas através da apresentação dos resultados de um dos mais importantes depoimentos deste mergulho investigativo e que compreendemos como um dos mais importantes referenciais de um Estado mínimo e perverso para com significativa parte da sua população, majoritariamente desfavorecida deste real teatro dos horrores na sociedade baiana.

3.4 – TERCEIRO ATO – CRUELDADES E PERVERSÕES: SIGNOS DE UM CRIME COGNITIVO PERFEITO

Trataremos neste tópico sobre a relação entre as bases constitutivas, do ponto de vista legal, em relação ao conjunto de ações, subjetivas e/ou práticas, que constituem o processo de socioeducação que, por sua vez, sustenta a ideia de ressocialização. Desse modo, tomaremos como objeto estruturante das nossas análises alguns dos referenciais de poder presentes nas relações entre os diversos colaboradores da unidade socioeducativa “Case Salvador” em relação aos socioeducandos.

Como ponto de partida se faz necessário ter em conta sobre um determinado fator impactante para a implementação efetiva das políticas públicas no Brasil, e em específico na Bahia, que diz respeito à composição das gestões e à continuidade de programas essenciais. Em nosso caso específico, iremos nos concentrar em como tal ação política vem impactando e desmontando importantes conquistas no campo da socioeducação. Neste sentido, reiteramos sobre a perspectiva de que os processos políticos vigentes no Brasil ainda possuem como base fundamental da escolha de profissionais, para atuação nos diversos campos da gestão pública, a prerrogativa de indicação, por meio de cargos de confiança, baseados em acordos políticos que ao invés de terem enquanto principal referencial o histórico profissional do referido agente para a área de atuação, ainda, são definidos estes profissionais com base no engajamento político com seus pares partidários. O que deflagra uma efetiva disfunção do ponto de vista do alcance das metas e eficácia nos campos de atuação destes entes frente às complexidades técnicas e especializadas exigidas e próprias da função a ser desempenhada.

Tais práticas vêm se mostrando, ao longo da história, sobretudo no que tange às ações de ódem social, um deflagrador de políticas mal estruturadas, embates ideológicos partidários, muitas vezes de mesma coligação política, em detrimento do funcionamento efetivo das políticas públicas e seus avanços, por não beneficiar grupos opositores ainda que compostos por correligionários, dentre outras ações perversas ao funcionamento das políticas voltadas aos cidadãos que impactam diretamente sobre suas realidades.

Assim sendo, retomaremos os pontos acima apresentados de maneira que seja possível

construir um traçado analítico entre estes e as conjunturas econômicas, políticas, sociais e culturais referentes às responsabilidades do Estado e inerentes às suas obrigações para com os cidadãos.

Posto isto, não nos limitaremos às irrefutáveis modelagens de gestão políticas vigente, uma vez que, constituem dados públicos sobre os quais é possível fazer o cruzamento e verificação das informações entre os entes administrativos e seus históricos e competências em relação às atuais atribuições públicas. No entanto, nos deteremos aqui em desvelar sobre impactos específicos deste modelo dentro do sistema socioeducativo, em específico na unidade “Case Salvador”.

Neste estudo consideramos o biopoder (FOUCAULT, 1987) de maneira especial, como referencial, de modo que compreendemos que o poder soberano consiste sobre a vida e sobre a morte. Não podemos nos furtar de reiterar que fazer viver e deixar morrer dentro da relação neoliberal, na qual os corpos devam ser saudáveis e produtivos, nos permite refletir que a essa lógica se insere o racismo enquanto modelo de seleção, extirpando os corpos degenerados. Daí a conhecida e nefasta frase - deixe viver e faça morrer.

Já a partir do que propõe Giorgio Agambem (2007) sobre o “Estado de Exceção”, por se tratar em sua essência de um cerceamento de direitos em ocasiões especiais, se apresenta como importante referencial que tal prática seja utilizada na contemporaneidade a partir do cerceamento dos direitos dos jovens a partir dos atos infracionais que eles cometeram, colocando-os na categoria de seres menores e indignos de direitos. Diferença entre jovens pretos, pobres e periféricos e os demais ditos bem nascidos. A morte de alguns é tomada como segurança para a vida de outros.

Entretanto, neste estudo, se fez possível identificar como o Estado, além de desenvolver suas ações com base nestas estruturas supracitadas, as reverza e promove suas retroalimentações. Isto através de um modelo sociopolítico de produções de imaginários socioculturais manipulados por comoções e endosso social peculiar. Tal desvelamento tornou possível identificar como as *distorções perversas*, aqui também tratada, na perspectiva de Mbembe, como uma das “tecnologias da morte” (MBEMBE, 2020, pag 49), se fazem presentes e constituem um significativo elemento de análise sobre seus efeitos nas construções cognitivas no sistema socioeducativo.

Nas próximas linhas apresentaremos, alicerçados pelo relevante e preciso referencial metodológico semiótico da triangulação ícone, índice e símbolo de signos especialmente emblemáticos, que convergem e possibilitam para uma descrição crítica de como os elementos acima apresentados deflagram suas operacionalizações no interior do sistema socioeducativo presente na unidade Salvador.

Desta forma entendemos nesta tese que o Estado constrói suas ações de racismo estrutural, não somente visando a manutenção das arcaicas estruturas de poder mas, com requintes de crueldade, na contemporaneidade, pela composição que cunhamos como *distorções perversas*

estruturais. A partir destas não somente serão apresentados as práticas de abuso, violência e violação dos direitos humanos de socioeducandos, como, também, a descrição de práticas que são perversamente naturalizadas e se engendram num senso comum; este movimento geralmente se potencializa em sociedades desestruturadas social e politicamente, alienadas e/ou ignorantes de seus direitos e deveres, de tal maneira que atuam como participes induzidas deste crime de graves danos cognitivos, como também defendem ideais de um socioeducação e ressocialização a partir de suas contradições e elementos frágeis e vulneráveis. Tais manifestações nos possibilitou tomar a semiótica, sobretudo a partir de seus elementos icônicos, indicativos e simbólicos, enquanto uma das principais abordagens metodológicas que nos referenciou a partir dos resultados obtidos a partir das suas inúmeras e complexas representações, de modo a nos proporcionar, a partir destas, bases investigativas e propositivas de (trans)formações mais sensíveis, dialógicas e colaborativas.

Com base nestas perspectivas e um significativo conhecimento empírico sobre as realidades vivenciadas por colaboradores socioeducadores e socioeducandos, defendemos que utilização da ferramenta polidialógica que nomeamos de DramÉtica, constitui um relevante diferencial desta investigação, com efeito, pela DramÉtica se tratar de uma proposição essencialmente didática, assim, “em se tratando de didática o horizonte é metodológico, ético e estético, poético, epistemológico e político ao mesmo tempo” (Galeffi, 2017). Informamos que, referenciados nas bases constitutivas do analista cognito, dedicaremos o próximo capítulo à difusão do conhecimento sobre a DramÉtica.

Este caminho trilhado nos possibilitou singulares aproximações com o que cremos ser o grande alcance deste estudo. Poder desvelar questões relacionadas ao sistema Socioeducativo e apresentar ao leitor o universo de achados que cremos poder contribuir para que sejam lançados novos olhares, não só sobre a sócioeducação mas, também, sobre modelos de intervenção, que se pretendem educacionais, ultrapassado e viciados ainda em uso e presentes em nossa sociedade.

Na sequência, apresentaremos o depoimento do Sr. João Ferreira que contribuiu, sobremaneira, a possibilitar um encontro polidialógico a despeito das questões subjetivas e objetivas referentes ao cotidiano da unidade Salvador. Se faz necessário esclarecer que as entrevistas semiestruturadas realizadas foram concebidas a partir da união entre os elementos e princípios da ferramenta DramÉtica e a metodologia dos processos semióticos, possibilitando assim reunir depoimentos de colaboradores e socioeducandos, processo do qual fez emergir os elementos relacionados à pesquisa. Desta forma, criamos uma dinâmica dialógica a qual se propõe, também, uma didática através da qual o leitor se aproxime desta realidade aqui apresentada.

O início dos trabalhos do Sr. João Ferreira e as, ainda vigentes, prática de alocação de colaboradores ináptos e despreparados em tais atividades de elevadas complexidades, constituem um importante ponto de partida. Isto por constituírem indícios de uma prática real que ainda se baseia

em indicações políticas se distanciando das demandas por pessoas efetivamente preparadas para a implementações legais e sensíveis, estabelecidas pelo Sinase, que a socioeducação exige. Sobre tal questão nosso entrevistado reflete sobre sua contratação e algumas práticas utilizadas pela gestão do sistema no Estado.

Trabalhei na unidade “Case Salvador” durante 6 anos e quatro meses, assumi a gestão da unidade salvador sem treinamento, sequer fui apresentado à equipe. Quando lá cheguei tinha acabado de ocorrer uma fuga em massa.... É uma unidade que é marcada por muitas demandas, queixas que envolve o assédio, o abuso e o direito dos meninos, quanto da própria estrutura que não dava garantia aos direitos dos meninos.

Já administrei 421 jovens, sendo que a capacidade máxima da unidade era de 180. Você cria uma condição de subtrabalho para quem está à frente do processo, o próprio adoecimento, a questão da saúde mental do trabalhador. E lá é o seguinte, além de ter na unidade 417 (referência para atendimento de 417 quatrocentos e dezessete municípios), é uma unidade que tem uma característica mista. Atendia jovens em Internação Provisória (IP), e jovens em sentença propriamente dita. Sendo que a lei, a 12594 que é a lei do SINASE, estabelece que essas unidades precisam estar em separados. Os meninos não poderiam sequer ter contato. Mas isso lá não existia. A unidade atendia a 417 municípios.

Um importante elemento documental, cujo SINASE traz como referência, na qualidade de ferramenta de alta relevância para os ajustes legais, que deveria contribuir para deter as diversas ocorrências de negligências ocorridas na unidade. Ocorre que esta importante ferramenta que auxiliaria em deter os abusos e negligências sofrida pelos jovens, foram, por determinado período, totalmente negligenciadas. Desde antes da sua implantação até mesmo após, dado o tratamento a estas referenciados:

Eram práticas que sequer existiam quando eu cheguei. Você não tinha uma Comissão de Avaliação Disciplinar (CAD), é importante salientar, porque a lei estabelece, o Sinapse e os órgãos reguladores do sistema socioeducativo estabelece, que se abram procedimentos apurativos, tanto aqueles pelos jovens quanto aqueles praticados contra os jovens. Havia uma comissão, essa comissão deveria ter pessoas das mais variadas áreas, retirando o pessoal da segurança, porque na maioria das vezes era o próprio pessoal da segurança que estava envolvida em algumas situações, porque efetivamente era quem estavam em contato 24h com os jovens.

Não tinha câmera, não tinha muro. A case salvador tem a configuração do panóptico, do vigiar e punir que Foucault tanto falava, então a leitura que foi feita para um lugar pra cárcere, mesmo, pra colocar as pessoas lá e esquecer. É uma construção da década de 1970, então a gente vê todos os pormenores de uma construção, no sentido de segregar o sujeito, que é a ideia da ditadura, do prisioneiro político, tudo aquilo que você possa imaginar trazido na forma da arquitetura daquele lugar que foi construído. Um jovem ultrapassava o valor mensal de 23 mil reais.

A semiótica utilizada e internalizada a partir da perspectiva de novas construções de convocações de uma equipe multidisciplinar a atuarem de forma real, responsável e efetivamente transformativa gerou, sobretudo, nos colaboradores que desenvolviam praticas contrarias ao que estabelece legalmente o Sinase, direitos humanos e demais demarcações legais e sociológicas, profundo descontentamento. Neste ambiente, tal gestor fora nominado como "O LOUCO". Tal movimento, perversamente construído, tanto na sua unidade de atuação como no sistema socioeducativo baiano, por colaboradores que atuara a partir de bases tão danosas.

Deste movimento distorcivo perverso levava o referido gestor a estigmas, desrespeitos e fragilizações, na qualidade de liderança, que reforça iniquidades sobre as quais subexistira tal sistema. Como comenta João Ferreira:

Antes de mais nada, o fato de Ser considerado como um louco pra mim é uma honra. Porque, se a gente levar em conta tudo o que a gente vem discutindo, pela relação que a gente tem, pelos saberes

que a gente decidiu construir e pela avaliação e análise desse mundo que a gente vive. Acho que quando a gente vai de encontro à misoginia, homofobia, os pensamentos retrógrados, as ações perversas, desumanas em relação ao outro, é pensar que isso hoje em dia é pensar louco mesmo, né? Porque tá sendo muito mais comum fomentar essas coisas que acabei de citar do que fugir delas.

No próximo fragmento de relato os caminhos traçados e experienciados pelo nosso colaborador, se propõe a descrever e refletir sobre o drama e a aflição de como posicionamentos ético e políticos, a partir das estruturas as estruturalidades desenvolvida por consensos destrutivos, encontravam-se ameaçadas naquele sistema. Além de racionalizar sobre elementos que conduziram parte da humanidade a estágios mais profundos de perversões humanas.

Já no segundo parágrafo, se desenha o signo da ignorância, de brutalidades próprios e apropriados pelo campo adoecido das perversões, engendrada e permissivamente dissonante da ética de uma composição educacional difundidas para interior do cárcere juvenil, de maneira a conceber um sistema paralelo na comunidade socioeducativa.

Deste modo, se faz urgente também que seja refletido o grau de adoecimento coletivo neste ambiente expressivamente tóxico e sobre seus movimentos e meios manipulativos com base nas distorções perversas do que deveria ser a socioeducação.

Não sendo bastante, no terceiro parágrafo, tais incongruências são apresentadas pelo nosso entrevistado como uma estrutura irreal frente às estruturas vigentes. Contudo, este apresenta potentes propostas reais de diálogos possíveis diante de limitações que perpassam, inclusive, por fragilidades e desvios de conduta enquanto elementos impeditivos de uma ressocialização já desacreditada. Em contrapartida, há um movimento difundido pelo Estado de publicização panfletária a despeito da essência da ressocialização. Em sua contundente crítica nosso entrevistado traz à luz o descrédito sobre as atuais bases filosóficas, como também convida o sistema a se repensar de maneira a promover o sentido de ressignificações, que deva ser iniciado por todos os proponentes e na sequência ser partilhado com os jovens as potentes proposições que contemplem seres sociais envolvidos no processo socioeducativo.

Então, todo tipo de violência, todo tipo de perversão deve ser combatida mesmo. E quando eu falo de combatida eu não falo de um movimento armado não. Estou falando de coisas inteligentes a serem pensadas, de estruturas a serem montadas, inclusive que algumas instituições reavaliem, ressignifiquem e inovem diante de tudo que o mundo viveu. Porque eu acho que a pandemia deveria levar a gente de um ponto pra outro ponto mais maduro, muito mais reflexivo, mais humanos, mas a gente viu que hoje a perversão humana ganhou uma conotação muito mais poderosa, né? Do que efetivamente as questões que refletem muito mais o amor, empatia e o cuidado com o outro, enfim. A estrutura da qual eu vivi era uma estrutura muito falha. Acho que quando você fala que por detrás de qualquer ação (socioeducativa) existe uma perversão, isso é fato! Ainda mais falando do sistema que a gente viveu.

Falar em ressocialização pra mim é algo que já doi os ouvidos. Porque assim, eu duvido muito do papel de ressocializar. Eu sou a favor de falar sobre ressignificação de comportamento e ressignificação do pensar. Porque pensar em ressocializar pressupõe que nós, alguns seres, tem todo um poder social a dotar o outro desse social que me fugiu. Daquele que está a margem de um processo. E tudo é social, a ausência de material que o possibilite acesso às políticas públicas, educação, saúde, coisas dignas que dignificam o ser humano, dá um significado a ele, dá um lugar a ele, tudo isso é social.

No comentário a seguir o entrevistado traz a necessária e peculiar origem da maioria dos colaboradores e o quanto isso, ao invés de constituir um ponto de convergência se apresenta como um referencial hierárquico. Afinal, todos os socioeducadores segurança tem suas origens em ambientes violentos, precários e carentes. Desta maneira, de tal ponto referencial deveria emergir novas formas dialógicas e não a

manutenção perversa da superioridade e da perversão excludente. Entretanto, se torna um ambiente de utilização de micropoderes, de um estado de excessão cruel, discriminatório e perverso.

Inclusive todos nós que estávamos ali como adulto referência, socioeducadores, viemos de ambiente também deficitário de tudo isso. Então, nenhum de nós era dotado com todo o poder social para ressocializar esses sujeitos. Como se tudo que eles tivessem feito estivesse fora da esfera social, muito pelo contrário.

Além do estado de exceção, do racismo estrutural e demais formas discriminatórias, o entrevistado traz uma singular análise sobre a relação crime versus inserção social. Em sua perspectiva é trazido a tona que. Para a maioria desses jovens, o ato criminoso funciona, muitas vezes, enquanto busca de reconhecimento por parte de uma sociedade que já absorveu a perspectiva da descartabilidade humana, de maneira que, o senso de pertença social, político e cultural estão intimamente conectados aos movimentos discriminatórios e de exclusão.

As vezes Saulo, a gente percebia que era cometer um ato infracional que dava àquele sujeito um lugar de cidadão. Estranhamente falando isso né, o garoto que tava ali na favela, o negro, pobre favelado, o “fodido”, tradicionalmente falando, ele passa a ser entendido como sujeito, que precisa de uma identidade, de um nome, de uma avaliação psicossocial, porque ele cometeu um ato infracional.

O desalinhamento entre as equipes técnicas e o judiciário, constitui para a gestão dos jovens do sistema socioeducativo, importantes gargalos que impactam diretamente na vida de pessoas que poderiam ter oportunidades em consonância com seus direitos e a legalidade do sistema que, muitas vezes, representam elementos deflagradores de injustiças sem retorno. O que fragiliza, cada vez mais, o sistema proposto pelo Sinase.

Interessante falar nisso, porque eu tive um caso de um garoto, que cometeu um feminicídio, que foi parar lá e ficou na internação provisória comigo, inclusive teve uma repercussão, e por tal motivo, como já aconteceu tantos outros equívocos... porque a internação provisória, ela não pode ser renovada, né? Mas lá acontecia. A instituição pela falha do seu material jurídico, falha inclusive da postura técnica, dos nossos ditos especialistas, isso acabava acontecendo. E o judiciário, mais uma vez, cometendo alguns erros e fazendo, na contramão, que ao invés de garantir direitos tirava.

As distorções perversas, no ambiente carcerário desses jovens também é composto por uma linha psicoafetiva através da qual a inferiorização do outro compõem a equivocada abordagem socioeducativa de inúmeros colaboradores. Não é incomum, ouvir, por toda unidade comentários e chamamento de jovens do tipo: jack (significando que os mesmos cometeram ato sexual) ou de “ladrão” de forma mais comum, cotidiana e pueril. Acreditamos que tais abordagens coloca o Estado, na qualidade de representado por colaboradores que atuam desta maneira nociva, a serviço de perpetuarem tais abordagens enquanto um grave crimes cognitivo. Entendamos que diante de mentes fragilizadas, abusadas e negligenciadas pela sociedade e todas as demais instituições que deveriam cuidar desses jovens, tais perversões tendem a internalizar e cristalizar neste público tais conceitos. Isto é passível de comprovação a partir de que o Estado se serve, teoricamente, das mesmas bases de difusão do conhecimento. Consideramos tal ação um crime cognitivo doloso, dado suas formas de planejamento e os diversos números que podem ser confrontados a partir de dados com: número de reincidência, o aumento considerável de mortes de jovens pretos, pobres e desassistido pelo Estado.

A gente fala de uma justiça restaurativa, de práticas restaurativas, que são parte de outra filosofia, mas entenda que a ideia é cercar esse sujeito pra que a gente o acolha, pra que a gente possa entende-lo. Porque há um ato infracional cometido, mas à “luz” de tudo isso deve ser voltada pra que esse sujeito não reincida,.pra que esse sujeito não se perca nesse processo, e que ele não seja visto com esse recorte

do ato infracional, e que ele passe a ser o ato infracional. E aí a gente tira a identidade, a gente tira as características de poder, o protagonismo desses jovens. Então, tudo isso deveria ser pensado mas, infelizmente, esse sistema é muito frágil.

E complementa nosso entrevistado de maneira precisa sobre as responsabilidades de toda a sociedade, sobretudo, das famílias e comunidade no processo de superação desses jovens e da garantia de seus direitos.

Eu não vou dizer que há uma racionalização disso (do jovem cometer o ato para se tornar parte do social, ter uma identidade), porque quando o garoto decide esfaquear alguém, todos nós impúnhamos essa faca. São vários Nãos que foram dados a ele. E olhe! Eu não estou querendo romantizar o crime não, e aí, dada a devida proporção, o ato é infracional. Mas é importante salientar que, antes mesmo de acontecer esse ato infracional, nós construímos o sujeito, esse sujeito foi construído pra cometer esse ato infracional com uma escola frágil, uma família frágil, são políticas públicas que a ele não chegam porque ele não tem acesso, é uma sociedade que diz que pra você ser você precisa ter. Que se você não tem tire de quem tem...É uma sociedade com um volume de informações rápidas, as vezes medíocres, fragilizadas e ainda tem as Fake News. Então o sujeito é construído e constituído por tudo isso.

E como se não bastasse toda a rede interna de colaboradores, com suas diversas abordagens pervertidas, há ainda uma rede que atua em paralelo que conecta os jovens às facções, que conduzem suas trajetórias dentro do cárcere. Não sendo suficiente, muitos destes jovens são marcados, feito gados, ao serem conduzidos para as unidades. Daí inicia-se um complexo de violações e atrocidades por parte do Estado, ou sobre sua , tutela, que demarcam corpos e estigmatizam tais jovens muito além do que seus atos. Em seu chocante relato podemos compreender melhor esses signos que acompanham a saga dos jovens em questão.

Quantos filhos de ninguém eu recebi lá, que passava a ser de alguém mas esse alguém dizia: “olhe, é meu, mas eu vou dizer o que eu quero dele. Não é ele quem vai dizer o que quer”. Eles chegam as vezes na unidade com traços de violência, coisas muito graves... Eu já encontrei adolescente que tinha um coturno na cara, marcado no rosto, inclusive tinha o número 42, porque alguém na hora de prender, não sei quem foi, mas fez questão de carimbar o rosto do menino. E tantos outros... Teve uma época que eu comecei a receber meninos com tiro no joelho, vários com tiro no joelho, outros nas mãos, e aí você via que ali havia uma intencionalidade, havia um movimento, aquilo ali era simbólico, mandavam os meninos juntar as duas mãos e davam um tiro que atravessava as mãos, eram vários casos, vários casos. E que a gente sinalizava, “tá chegando assim por que?”. Só que a fragilidade institucional era grande, isso não importava. Então como trabalhador do sistema você vai se inquietando com isso. Daí a gente percebe que é o bandido que precisa ser morto, é o ladrão que não precisa de cuidado.

Em seu próximo comentário nosso entrevistado relata sobre a despreparação institucionalizada dos colaboradores e o quanto esse movimento compromete as possibilidades de avanços no sistema socioeducativo. Entretanto, mesmo com tal postura diante dos jovens, é fato que as pressões internas desestruturam o que deveria ser a ressignificação dos atos por parte dos jovens.

Aí quando você pergunta se havia um treinamento para lidar com os jovens eu lhe digo que não. Eu que dizia pros meninos: vc cometeu um ato infracional e eu não quero nem saber qual foi, você pode ter tocado fogo no mundo, a partir do momento que você entrou por aquele portão, pra mim aqui, você é um jovem/adolescente que está em processo de ressignificação de comportamento, você está aqui pra cumprir uma medida socioeducativa, pouco importa o que você cometeu, quero saber o que a partir do que você cometeu agora, você possa ressignificar e mudar. Esse era o meu papel.

Ainda sobre os aspectos das contratações dos socioeducadores, em especial os seguros, e da maneira como as bases de treinamento e definição clara do perfil para atuação no sistema, João reforça:

Socioeducação não é pra qualquer um, você precisa construir a cultura organizacional, é necessário ele conhecer pra fazer sua prática e isso é que falta. Para além da resistência dos trabalhadores, precisa de uma cultura intelectualista, e quando eu tou falando isso, não significa que o sujeito precise ser PHD em qualquer coisa mas, acima de tudo, dele entender o que ele está fazendo, dados que ele precisa ter, são vidas, e são vidas em formação, a situação da criança e do adolescente é muito peculiar, então precisa ter uma formação diferente. Não dá pra o cara vir do sistema penitenciário e desenvolver as mesmas práticas. De sujeito chegar em reunião e dizer “até hoje estou esperando minha ponto quarenta”.

Os jovens eram fantásticos em suas manobras pra driblar o sistema. Tinham tempo pra arquitetar as coisas e “brincavam” com os socioeducadores, porque a gente sabia que o sistema era frágil.

Sobre as resistências, pela diretoria geral, sobre proposições efetivamente comprometidas com

avanços na socioeducação, alguns foram efetivamente realizados e tiveram proporcionais reconhecimento por parte de diversos colaboradores. Contudo, outros tipos de reconhecimento reforçaram a permanência de tais proposições ressignificadoras.

Mas as resistências da gestão também são muito grandes. Porque criar um programa como o qualicase, que era o programa de qualificação profissional no qual os jovens desenvolvem atividades administrativas, já o refocase que tratava-se de um projeto de reparos e reforma da unidade que tinha um protocolo de seleção dos jovens no qual eles não poderiam estar envolvidos em conflitos, ter assiduidade nas atividades e na escola, tem que estar evoluído na medida (relatórios feito pelos técnicos que traçavam os avanços dos jovens em seus comportamentos) depois eles passavam por entrevistas e recebiam os crachás e as camisas. Aquilo transformava a autoestima dos meninos. Através desta abertura os jovens se mobilizavam para poder fazer parte, todo mundo queria ser refocase. Foi assim que nós conseguimos organizar a unidade. Já chegamos a ter trabalhando 72 adolescentes. ... eu fui quase “fuzilado, fui execrado”(força de expressão do entrevistado) porque eu deixava os meninos que participavam soltos. Esses projetos me levaram pra Brasília pelo CNMP (Conselho Nacional do Ministério público). Os representantes do ministério público me disseram “nós viemos aqui pra fechar a unidade, mas você precisa é ir pra Brasília pra contar o que você faz aqui”. Após essa minha ida a Brasília minha vida virou um inferno, isso promovido pela gestão e colegas. Fui alvo de toda perseguição que você possa imaginar. Fui alvo dos professores da escola e de tantos outros colaboradores.

Para além das demandas de ordem psicológicas e afetivas pelos jovens existe um conjunto de ações de violências, abusos e a promoção física de corpos dóceis, que no relato a seguir é possível dimensionar como, de tal maneira, o sistema socioeducativo em Salvador compõem a teia da “necropolítica” (MBEMBE, 2020), de tal forma que a esta se torna fácil associar à cultura da promoção da morte pelo Estado. Sendo esta cultura da morte expandida para além dos muros das unidades. Entretanto, que a partir das subnotificações e do ato de ignorar torturas entre instituições do Estado, se torna possível que estas estruturas tenham sua manutenção expressiva na contramão do sistema socioeducativo.

A violência dos espancamentos na unidade era muitas vezes orquestrados, quando eu cheguei na unidade era muito comum os vários tipos de violências, não só a física, isso é importante deixar claro, de colocar mais trancas em determinados lugares, porque tinham uns lugares dentro da unidade, que por questões judiciais não falarei o nome, mas que os meninos eram levados e esquecidos lá. Só que eu fechei, soldei portas, isolei... porque eram torturas, torturas institucionais. Então os meninos tinham medo de ir pra aquela unidade porque sabiam que lá poderiam sofrer essas torturas. Como ocorria na “reflexão” (clausura para isolamento de jovens), onde na verdade não se refletia nada, aquele lugar era horrível, eu já cheguei naquele lugar e tinham trinta jovens, num lugar que só cabia cinco. O fato também é que maioria dos problemas com jovens infratores iam parar lá na unidade e precisava se resolver esses problemas, o pior é que esses problemas eram muitas vezes resolvidas com violência, eu por buscar combater era muitas vezes ameaçado, na maioria das vezes por socioeducadores seguranças da unidade, assim como era também caluniado e difamado. Os meninos são sempre alvo, mesmo sofrendo os abusos. Eu saí das minhas férias com uma equipe e quando voltei tinham quarenta e cinco novos colaboradores que não sabiam o que fazer. Levei seis anos e quatro meses

3.5 - SÍNTESES CONCLUSIVAS

Acreditamos que o modelo de pesquisa aqui utilizado, bem como, os resultados encontrados podem ser extrapolados para diversos campos de atuação das políticas públicas.

Sobretudo nos campos da educação, segurança pública dentre outras áreas de atuação do Estado vinculada à responsabilidade e dever de uma estrutura com responsabilidades democráticas e que se mostram dissimulados e perversos referenciais de uma sociedade permissiva e alienada, efeitos

promovidos como parte desta concepção política e social.

Falar o quanto foi importante ter este trabalho como exercício de uma das múltiplas modelagens e referenciais que nos possibilita o promissor campo da análise cognitiva constitui uma reveladora experiência de caminhos éticos e comprometidos humanamente com o futuro de um sistema socioeducativo mais comprometido com ressignificações de todos os envolvidos, visando a superação de culturas de abusos e extermínios de parte significativa da população desassistida pelo Estado.

CAPÍTULO 4 - DRAMÉTICA: ESTRUTURAS DE UMA COMPOSIÇÃO MULTIREFERENCIAL TRANS-FORMATIVA

4.1 - INTRODUÇÃO

A profusão de informação e o desenvolvimento de acesso a estas na contemporaneidade se apresenta enquanto um relevante campo de investigação, sobretudo quanto aos seus impactos na construção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos na vida humana, e por conseguinte em toda estrutura de vida planetária uma vez que somos nós, seres humanos, quem temos ditado as leis que preservam ou aniquilam tudo que encontrasse em relação à nossa existência.

Este processo se dá principalmente a partir das construções cognitivas pelas quais estamos submetidos e submetemos a nós e a outros seres por meio de experiências, ciências, cultura e relações sociais. No entanto, sendo o referido processo de profusão a estrutura que vem pautando intensivamente as contemporâneas possibilidades de coexistência entre os seres humanos, ambiente e demais seres entendemos que o impacto das construções do conhecimento apontam para a imprescindibilidade de composições éticas, críticas, criativas e ecocientes que norteiem o desenvolvimento cognitivo humano a partir de modalidades interativas de evolução que considerem como parte essencial o equilíbrio entre os referenciais de conhecimento já concebidos e vigentes, e suas capacidades de transformação consideravelmente menos danosas à vida planetária por meio de uma abordagem contundentemente mais crítica sobre as realidades vivenciadas.

O processo formativo, seja ele familiar, escolar, social, cultural, observacional das experiências da realidade, constitui para nós, nesta tese, a modesta parte do processo dialógico, interativo e experiencial de construção e difusão do conhecimento por meio de uma abordagem crítica e ética sobre os processos formativos.

Para tanto, enquanto parte metodológica do nosso do nosso processo investigativo,

apresentamos a modelagem poética da Dramática, na qualidade de uma proposição, diante de um universo de possibilidades, que objetiva desenvolver dialogicidades com grupos de jovens em situações de cárceres, empregando aos complexos, diversos e ampliados processos de formação humana o maior empenho deste estudo que por sua vez é constituído e alicerçado pelo *ethos*, multireferencialidade, polilógica, multidisciplinaridade e pelas possibilidades trans-formativas dos atuais modelos de construção e difusão cognitivo humanos.

4.2 – A MODELAGEM DRAMÉTICA COMO PROPOSIÇÃO MULTIREFERENCIAL E POLILÓGICA DE DIÁLOGICIDADE

Comumente utilizada nos campos das ciências exatas, biológicas e das tecnologias cibernéticas a modelagem vem ganhando espaço no campo das ciências humanas e sociais na qualidade de instrumento para investigação e proposição de intervenções. A partir da busca por apreender sobre fenômenos no campo da construção e difusão do conhecimento faremos uso dos referenciais estruturais de estudos científicos por meio da modelagem tomando como base seu modelo qualitativo para investigação de fenômenos no campo da formação de jovens na contemporaneidade.

Assim, apresentamos a proposição de modelagem nomeada de *Dramática* através da qual foram desenvolvidas abordagens de análise e proposições de intervenções dialógicas junto a jovens em situação de cárcere.

A partir da adaptação da estrutura modelar simplificada - Identificação / Modelo / Solução - (KARAM-FILHO, 2019), na qual a Identificação, também nomeada de observação, constitui o componente analítico do fenômeno em estudo; o Modelo o agrupamento das atividades a comporem a rede estruturada das ações objetos da investigação; e a Solução a rede de proposições interventivas a serem implementadas. É fundamental ter em conta que esta estrutura modelar possui, quando do processo propositivo de intervenção, uma dinâmica de retroalimentação, além de sua reestruturação a partir dos fenômenos experienciados. No caso do nosso estudo, ocorre a adoção das experiências formativas de construção e difusão do conhecimento enquanto estrutura de análise cognitiva a partir das experiências e observações da realidade no processo de formação humana em sua complexidade, diversidade e peculiaridades de grupos e indivíduos.

A construção e desenvolvimento de pesquisas e ações no campo da Análise Cognitiva se apresentam enquanto importantes desafios para esta área do conhecimento, relativamente nova, diante das inúmeras transformações experienciadas pela humanidade. Em tempos extremamente dinâmicos, nos quais se estabelecem as construções e difusões do conhecimento globalmente,

fenômenos como a “cibercultural”, “inteligência coletiva”, “ciberdemocracia” (Pierre Lèvi, 2000), até os atuais modelos de gestão da informação como é o exemplo do “Big Data” (HAN, 2017) que apresenta resultados extraordinários no que tange à sua capacidade de gerir volume, velocidade e variedade de dados, que vão de financeiros às redes sociais. Ocorre que muitos destes resultados vêm sendo reunidos para utilizações obscuras a exemplo de fornecimento elementos favoráveis às altas manipulações de mercado e tendenciosidades nas estruturas socioculturais de maneira jamais vista no que se refere aos seus alcances dimensionais.

Posto que, tais avanços no campo cibernético constituem processos irreversíveis de construção e difusão de conhecimentos, é sobre os impactos nas vidas dos seres que envolvidos, a partir dos diversos apelos sedutores da modernidade cibernética, dialogarão com esta profusão de tendências, e de como a partir de suas composições e constituições humanas, ainda tão pouco exploradas, sobretudo do ponto de vista fisiológico, irão conceber tais transformações de maneira a ajustarem-se a este emblemático cenário.

A partir da compreensão de que a humanidade ainda nutre atos e sentidos que deflagram a lacuna persistente da ausência de autoconhecimento, no campo das múltiplas inteligências orgânicas próprias e pouco apropriadas por si, Friedrich Nietzsche, apropriado do entendimento da existência destas lacunas nutridas por estes seres e refletindo sobre o sentido e reconhecimento de suas potências reflete:

[...]o sentimento de potência, quando subitamente se apossa do homem e o subjuga — é o caso de todas as grandes paixões — desperta certa dúvida quanto à capacidade da pessoa: o homem não ousa imaginar que é a causa desse sentimento — imagina uma personalidade mais forte, uma divindade que o substitui (NIETZSCHE, p 225, 2000).

Em coadunação à perspectina nietzscheniana dos sentidos e referenciais de potência a humanidade ainda segue nutrindo enquanto referencial de seu desenvolvimento cognitivo as fragilidades de pensamentos fragmentados e conhecimentos “especializados”, os concebendo enquanto importantes referenciais das demandas contemporâneas que culminam nos atuais referenciais de desenvolvimento cognitivo que vêm sendo propagado nos mais variados campos do conhecimento que, nada obstante, têm se constituído em consideráveis obstáculos para o desenvolvimento humano interativo de convivência *eco-cogno-ciente*.

Neste estudo, a composição *eco-cogno-ciente* apresenta três modulações específicas, a saber: de sentido harmônico de uma vida planetária partilhada a partir das relações éticas de convivência; da perspectiva de desenvolvimento das inteligências multissensoriais orgânicas; e do desenvolvimento de atos críticos éticos trans-formativos.

Mas é no sentido dos impactos impeditivos à construção de conhecimentos pautados nas necessidades das dinâmicas econômicas de mercados e na perpetuação dos poderes hegemônicos que se estabelece uma das principais identidades deste estudo: a de identificar e compreender os caminhos epistêmicos de informações, conceitos ou conhecimentos que possuem, enquanto característica fundamental, a manipulação de segmentos das populações humanas. Isto devido à compreensão de que encontram-se aí os referenciais basilares dos modelos de condicionamentos e padronizações dos sentidos de percepção da realidade por meio de atos perversos de descontextualizações sistemáticas dos complexos sentidos de realidade. É neste contexto que identificamos as ações que nomeamos de *distorções perversas*, que por se tratar de uma das proposições conceituais mais significativas desta investigação dedicaremos a esta melhor detalhamento e atenção no próximo tópico deste diálogo.

Desta maneira, propomos nesta composição trans-formativa sobre as bases constitutivas dos conhecimentos de jovens face às diversas interações sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais, de maneira que seja possível desenvolver a tradução de suas representações de conhecimentos por meio das ações resultantes dos processos interativos vigentes.

Assim sendo, o ato de cartografar (DELEUZE, 1995) os conhecimentos marginais auto referenciados pelos jovens em seus atos de respostas às diversas *distorções perversas* por estes vivenciadas, constituirá também uma das principais ações de registro e análise para o desenvolvimento da modelagem *DramÉtica*.

Para tanto, a proposição da pesquisa-intervenção (Ribeiro MA, Oliveira F, Bernardo MH, Navarro VL, 2017), no sentido de conhecer, interagir e promover as possíveis trans-formações, como um dos componentes metodológicos básicos, cuja proposta de interação se assenta a partir da modelagem filopoética (GLISSANT, 2011) da *DramÉtica* e sua potência de multireferencialidade. A identidade com a filopoética proposta por Édouard Glissant diz respeito ao reconhecimento desta proposição enquanto espaço dialógico dedicado à renovação, levando em conta de que: “à deriva entre a filosofia e a poética, a qual denominamos de filopoética, é o lugar da renovação do imaginário. A filopoética é o lugar do imaginário. É a possibilidade do nascimento de outros imaginários, é a “recusa em morrer”. O nascimento do outro. E por conta disso, chegamos ao entendimento de que é o lugar da ética. A ética da alteridade (SANTOS & OLIVEIRA, 2018)”.

A *DramÉtica*, aqui ineditamente apresentada na qualidade de campo interativo e aglutinador de possibilidades enquanto proposição de modelagem trans-formativa organicamente sensível a partir do seu triplo axioma Drama, Ética (Ethos), e Técnica (Arte), inscrita em precisas rupturas em partes de uma estrutura de construção e difusão de conhecimentos que já não comporta hermetismos de compreensão diante da complexidade da pluralidade criativa dos seres humanos contemporâneos.

Diametralmente diferenciada, não oposta, do modelo aristotélico de drama que apresenta dentre outras características as de contemplativo, de mimese da ação e catártico, o ato dramático, contido aqui na proposição da *DramÉtica*, que também se configura em caminho propositivo para as trans-formações ontológicas, constitui um singular caminho para a construção e difusão do conhecimento. Em seu sentido trans-formativo a *DramÉtica* incorpora o imperativo de dialogicidade a partir de: análises críticas de realidades de vida; atos éticos performáticos marginais; e em proposições trans-formativas através das artes.

Já em relação à acepção de relação fundamental de complementaridade do termo ética, em “ethos” de convivências, incorpora-se o sentido didático de uma polilógica (GALEFFI, 2017) que aqui se afina com a comunhão entre os saberes fazer e ser marginais. Estes, por serem desinstitucionalizados e estarem marcados pela visceralidade oportunizam conexões com as bases éticas de possibilidades, pertencimento e desenvolvimento humano implicados em seus fundamentos constitutivos.

No que se refere ao movimento de convergência das bases anteriores ao campo das artes, nesta proposição identificamos a arte enquanto locus de construção do aprender baseado na dinâmica operativa da prática de revivências simbólicas que cultiva intrinsecamente os sentidos do apreender criativo e colaborativo por meio do exemplo de abordagem dramática.

O conjunto do desenvolvimento destas atividades podem ser desenvolvidos coletivamente, a partir de oficinas, ou individualmente por meio exercícios e técnicas, já conhecidas e reconhecidas no campo das artes cênicas desenvolvidas por autores mais comumente reconhecidos como Antonin Artaud, Augusto Boal, Bertolt Brecht, Constantin Stanislavski, Viola Spolin ou dentre outros mais contemporâneos que trazem proposições que contribuem significativamente para o autoconhecimento, bem como abordagens mais profissionais.

O ponto crucial da utilização de técnicas e métodos teatrais a serem utilizados como parte metodológica da *DramÉtica* está muito menos ligado aos autores e seus determinados trabalhos, mas sim, no ato criativo sábio de escolhas das teorias e autores com base nos indivíduos e públicos aos quais serão destinados considerando primeiramente as suas necessidades e caminhos que coletivamente foram tomados como objetivos de serem traçados.

Como foi dito anteriormente, a *DramÉtica* é uma modelagem que tem dentre as suas peculiaridades as prerrogativas éticas de ser aberta, multireferencial, polilógica cujo objetivo principal é desenvolver caminhos críticos que possibilitem espaços à trans-formação, no sentido de ampliar modalidades do apreender a partir do exercício reflexivo crítico de repensar as atuais modelagens de cogno-ciência,

Se faz necessário trazer às vistas também que o exercício quotidiano de refletir sobre as estruturas e relações socioculturais de poder, que nos rodeiam e encontram-se inscritas em uma estrutura de condicionamento que vêm impactando sistematicamente nas vidas humanas, sobre suas escolhas e comportamentos, devem ser objetos de uma análise mais aprofundada e minuciosa dada a potência destrutiva nestas engendradas.

Nesta perspectiva a DramÉtica apresenta enquanto premissa o fenômeno da análise crítica dos elementos de construção e difusão de conhecimentos presentes nas inter-relações, outorgando a este processo cuidadosa atenção à malha multireferencial de comunicação através da qual emergem as estruturas de condicionamentos e modelismos, este último no sentido mesmo de um ato deformador, sendo ambos estruturadores dos atos de cognição perversos vigentes. Para tanto, a modelagem DramÉtica, em seus sentidos trans-formativo e multireferencial também prescinde da possibilidade de utilização de variadas ferramentas que contribuem para a dialogicidade oferecidas pelo vasto campo das artes em suas variadas expressões como: teatro, dança, música, artes visuais, artes plásticas, cibernética, performances, dentre outras.

Se ensaia aqui o desenho de uma DramÉtica auto reflexionada, como dois espelhos postos de frente, em sua malha aglutinadora, antropofágica, expansiva, endógena, colaborativa, singular e dinâmica que se estrutura a partir de sua densidade em ser flexível à atitude aprendente crítica. É neste sentido que nos inspira a acepção Gallefiana de “fluxonal flexível”(GALEFFI, 2017) que identifica esta concepção enquanto uma transcendência a partir do desmote e desativação do plano das polaridades através da compreensão da polarização em seu fluxo dinâmico.

Constitui assim a singular característica da *DramÉtica*, de ser uma modelagem de fluência, na qual a manutenção dos fluxos operativos de desenvolvimento possa permanecer em frequente estado de fluidez crítica e evolução constantes. A fluidez crítica, enquanto componente essencial da dinâmica da *DramÉtica*, se deslinda a partir do apuramento dos seus filtros críticos que possibilita aos agentes, que a partir desta atuem, o refinamento sensível na detecção crítica dos elementos deformadores nos processos de comunicação e construção do conhecimento. Deste modo, a fluidez crítica possibilita ao agente que a ela esteja acionado aprimoramento dos processos críticos de interação, bem como avanços impactantes nos processos de construção do conhecimento.

A este processo soma-se a importância da autonomia aprendente crítica, enquanto tecnologia humana elementar, singular e radical, nos sentidos mesmos de basilares e germinadoras, profícuo ao processo emancipatório da autoformação. Entendemos, entretanto, que a partir do que cremos enquanto proposição modelar trans-formativa DramÉtica, na qual se estruturam e modelam os elementos formativos dos indivíduos e grupos, se faz necessário

esclarecer sobre a importância das estruturas do desenvolvimento e da aprendizagem endógenos ao que nomeamos de fluxos cogno-cientes de trans-formação DramÉtico.

Primeiramente é importante esclarecer que constitui enquanto uma das mais relevantes premissas da modelagem DramÉtica o reestabelecimento da autonomia formativa crítica dos agentes aprendentes que desta desejem se apropriar. Isto numa perspectiva em que se crer que os seres humanos, a partir dos diversos condicionamentos a eles impostos em suas estruturas político, econômico, social e culturais de formação, vem estruturando sua modelagem cognitiva a partir do que a estes foi e é trazido como dever ser, impactando sobremaneira em seus conhecimento uma vez que estes, ao construírem seus referenciais a partir de uma malha distorcida e manipulada da realidade a partir dos interesses de manutenção das estruturas de poder, deformam seus olhares sobre suas realidades gerando uma série de consequências danosas à evolução humana.

Contudo, para que seja possível dialogar de maneira crítica com estas estruturas se faz necessário empreitar a tarefa de analisar as estruturas formativas vigentes a partir dos elementos de sua construção. A abordagem analítica das estruturas de desenvolvimento e de aprendizagem, em relação às estruturas de poder constitui um importante referencial para a apreensão do que se propõe na modelagem trans-formativa DramÉtica.

Para tanto nos apropriamos das reflexões sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem com o intuito de nos possibilitar outros avanços nos caminhos trans-formativos aos quais nos dedicamos em toda esta proposição de modelagem.

Identificamo-nos pelo caminho analítico traçado por Vigotiskii, dentre suas inúmeras e relevantes contribuições, pela apreensão ampliada e crítica da auto formação, através da qual interfaceamos a potencia crítica dos seres humanos partir de uma compreensão ampliada e crítica dos caminhos cogno-cientes que lhes seja valorosamente implicado com o seu constructo de possibilidades de interação com demais seres e ambientes em seu desenvolvimento multireferencializado.

Compreender o papel dos elementos deformadores nos processos de construção do conhecimento constitui a principal busca dentro da modelagem *DramÉtica*, uma vez que entendemos estar contido neles os elementos impeditivos para o desenvolvimento cognitivo fluido e crítico, além das premissas condicionadoras basilares das relações socioculturais distorcidas perversas.

4.3– DISTORÇÕES PERVERSAS ENQUANTO ESTRUTURAS *DE-FORMADORAS*

O universo das distorções perversas ao longo da história da humanidade vem se apresentado enquanto importante deflagrador de construções de conhecimentos que em si mesmo constituem e deflagram um papel preponderante, no plano dos processos socioculturais, de elementos impeditivos do desenvolvimento humano.

As análises críticas, aqui pautadas na apreensão dos impactos das referidas distorções perversas, no processo de desenvolvimento humano, contribuem para a detecção de suas bases epistêmicas, bem como suas formas de manutenção. Desse modo, buscaremos trazer nas próximas linhas elementos didáticos que contribuam significativamente para a apreensão sobre a sua composição, estratégias de manutenção e alguns dos seus inumeráveis impactos no processo formativo humano.

A juventude, compreendida neste contexto enquanto público alvo das redes que convergem para a manutenção e perpetuação das diversas distorções perversas sob a perspectiva dos poderes hegemônicos, apresentam um conjunto latente de possibilidades que caminham entre o vigor das múltiplas referencialidades de diferenciadas modalidades de construção e difusão de conhecimentos, em contraponto com os diversos impedimentos e deformações de suas potencialidades e desejos promovido pelos interesses peculiares das estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais de controle e condicionamentos das suas diversas realidade motivados pelas acepções de poder.

É neste sentido que se compreende a necessidade de erigir novas modalidades de construção e difusão de conhecimentos pautadas em concepções eticamente críticas dos níveis de realidades de vida, de maneira que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento humano em sua complexa multireferencialidade de coexistências possíveis. Daí a compreensão da urgência em erigir modalidades outras que contribuam efetivamente com a afirmação da multireferencialidade na qualidade de ampliação cognitiva de modo a assumir estruturas de construção e difusão do conhecimento mais críticas, democráticas, pluralizadas e diversificadas.

Assim sendo, questionamo-nos sobre a relevância da proposição de uma modelagem que atenda efetivamente a esses fins e possa se constituir enquanto contundente tecnologia humana que auxilie nos processos de trans-formação e de reconfigurações de conhecimentos, fundamentados no espectro distorcivo perverso, assim como dos novos a serem forjados em bases éticas realmente possíveis de promoverem trans-formações.

Para fins de esclarecimento e em consonância com a nossa perspectiva da ética do ato didático, a nossa proposição etimológica do termo trans-formação se referencia na mesma acepção proposta por Bassarab ao apresentar o sentido da palavra transdisciplinaridade enfatiza: “A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é

a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (BASSARAB,1999, p16).

Em concordância com as três dimensões apresentadas por Bassarab, “entre, através e além”, há em nossa proposição DramÉtica uma identificação particular com esta última por se tratar de uma perspectiva que sinaliza para algo em construção que, para nós, também refere-se à não negação do já existente, muito pelo contrário, constitui de fundamental importância a existência deste antes enquanto significativo referencial objeto das críticas propostas em nossa proposição de modelagem DramÉtica que busca dar conta das distorções e perversões que incidem sobre o processo formativo humano, a exemplo de estruturas danosas como o Eugenismo (Francis Galton, 1822 - 1911), Biopolítica (FOUCAULT, 2010) e da Necropolítica (MBEMBE,2018) em suas dimensões eticamente críticas.

Desta maneira, identificamos que a relação entre os processos formativos humanos e as distorções perversas compõem um imbricado modelo cujo as bases estruturais encontram-se no modelo de sustentação distorcivo perverso.

É prerrogativa, para nós, que este modelo distorcivo perverso é composto por uma complexa e dinâmica estruturação composta por três elementos basilares emergentes de estruturas de poder: preconceito, discriminações e intolerâncias. Isto nos leva à defesa de que a humanidade em seu processo de formação, e esta história a história já nos conta e vem nos contando de modo a possibilitarmos refletir sobre a relevância da não negação desta estrutura, assim como das estratégias de manutenção de seus pilares que constituem o alimento, a energia e a força que vem se perpetuando nas entranhas dos processos formativos.

Seja no ambiente familiar, escolar, social, laboral, religioso etc, a tríade perversiva está presente sustentada por disfarces de distorções o que termina por abonar a estas a qualidade do hibridismo.

Se tomarmos por exemplo como a humanidade, na contemporaneidade vem lidando com as questões de gênero e sexualidade, cor da pele, estratificações de classes sociais dentre outras tantas diferenças no diverso e plural universo de possibilidades do existir humano, teremos alguns dos importantes referenciais do poder danoso contido no universo das distorções perversas. Porém com a expressiva explosão demográfica, os descasos com as questões ambientais e a ausência da compreensão de que tudo está conectado em um processo extremamente dinâmico, vem promovendo movimentos humanos que nos faz assimilar que a coisa toda (o processo e existir e coexistir) vem tomando dimensões medievais na qual a caquética expressão, “olho por olho, dente por dente”, nascida da lei de Talião que data de 1.770 a.C, pareça uma pré adolescente que precisa debutar-se ao mundo contemporâneo na qualidade de parte inerente do desenvolvimento.

Também com fins didáticos se faz imprescindível esclarecer que o axioma do termo “cárceres”, apresentado desde o título desta investigação, traz em sua acepção semântica duas abordagens nativas da mesma estrutura perversa mas que aqui daremos cuidadoso tratamento a ambas. A primeira abordagem é a que entendemos estar no imaginário coletivo e que aqui identificaremos como o aprisionamento físico, com privação de liberdade por meio do encarceramento, em muitas unidades prisionais reconhecidas como enjaulamento. A segunda, não menos danosa que a primeira, traz o fator subjetivo como sua base de atuação que agrega a esta outros dois fatores de singular relevância: a) a sua atuação camuflada, híbrida, implícita ou explicitamente apresentada nas relações socioculturais; b) como também, o ato pervertido de assumir e defender ideias e atos que incidem sobre seres humanos que têm o aprisionamento incidido sobre si, sem ter ideia do “ato criminoso” cometido, que ceifa um conjunto liberdades, a exemplo das de expressão, da autonomia de suas escolhas profissionais, das restrições ao autoconhecimento do seu corpo, sumárias exclusões sociais, dentre outras distorções perversas do coexistir, que aqui compreendemos compor uma espiral infindável de danos ao desenvolvimento humano, sobretudo do seu latente adoecimento.

O fato é que os danos causados por esta estrutura que nomeamos de distorções perversas, que encontra-se impregnada no processo formativo da humanidade, são muitas vezes irreparáveis. Neste sentido, a modelagem dramética se apresenta enquanto uma das inúmeras proposições possíveis com o objetivo que vislumbra promover avanços críticos e éticos para as composições e arranjos de formação presentes na contemporaneidade, de modo a contribuir também com a diminuição do adoecimento humano, muitos deles associados a esta estrutura perversa e condicionadora que unicamente favorece às estruturas de poder vigentes que visa sua perpetuação por meio do detrimento e/ou extirparção das possibilidades de humanidades mais sensíveis, críticas e coletivamente harmoniosas em seu lidar com a multireferencialidade e diversidade humanas.

4.4 – A DRAMÉTICA E SUA PROPOSIÇÃO TRANS-FORMATIVA

Ao longo de aproximadamente duas décadas desenvolvendo um diverso e abrangente caminhar cognitivo multidisciplinar por meio de experiências acadêmico/Científica e socioculturais em interação os campos das artes, gestão, educação, saúde coletiva e da atual e promissora difusão do conhecimento, desenvolvi por esta última uma singular identificação dado que a mesma traz enquanto diferencial um campo de atuação do profissional Analista Cognitivo que possibilita construir dialogicidades e aglutinar experiências, observações e conhecimentos em distintas práticas cognitivas. É deste processo multireferencializado que nasce a modelagem filo-poética da Dramética enquanto proposição trans-formativa.

O propósito trans-formativo diz respeito sobretudo à importância dada, pelo reconhecimento de seus impactos danosos, às de-formações da realidade, através das distorções perversas, e suas ações deformadoras sobre a vida humana que vêm se apresentando em formas de variadas modalidades de violência, profundas rupturas nas relações socioculturais, estagnações de processo criativos e muito comumente o adoecimento destes seres.

É contextualizado neste cenário que a proposição de modelagem Dramática se apresenta objetivando dar conta de contribuir para a construção de novas modalidades formativas pautadas numa ética do conhecimento na qual sejam valorizados o desejo e a autonomia responsável dos indivíduos em seus arranjos cognitivos.

Nesta direção, serão apresentados abaixo os sete princípios fundamentais da proposição Dramática, os quais compõem parte essencial metodológica da modelagem, pois estes norteiam e dão bases aos participantes para a complexa tarefa de identificar, descrever e criticar as multifacetadas distorções perversas, dando-lhes ainda a possibilidade trans-formar ou de erigir de maneira autoral suas bases cognitivas.

Assim, os elementos que constituem os princípios *Dramáticos* são: **Responsabilidade autônoma pela construção da própria modelagem eco-cogno-ciente; Atitude aprendente radical; Falar em língua de si; Analista Ético das Distorções Perversas; Atitude aberta ao ato trans-formativo; Apropriação das linguagens artísticas enquanto catalizadoras multissensoriais e multireferenciais de construções e trans-formações cognitivas; Atitude co-formativa ético-radical frente às estruturas distorcivas perversas.**

1 - Responsabilidade pelas autonomias das construções próprias das modelagens eco-cogno-ciente:

A partir do pressuposto de que constitui enquanto ato intrínseco do co-existir o princípio da responsabilidade pelas múltiplas interações com demais seres, elementos e ambientes enquanto caminho de construção do conhecimento. Nesta acepção, a proposição aqui apresentada pelo trinômio eco-cogno-ciente contribuirá sobremaneira para o delineamento dos objetivos de construção e difusão de conhecimentos pretendidas uma vez que a definição que propomos visa ampliação significativa das perspectivas ecológica e cognoscente para ecociente e cognociente, atribuindo a este sufixo (ciente) uma ampliação para o campo da ação, da incorporação em ato, algo mesmo que se desloque e amplie do campo da complexidade da compreensão e da assimilação para uma outra complexidade que é a do campo interativo da experimentação em atitude eticamente ciente.

Deste modo, ao ter em conta que é através da rede interativa que são forjadas toda malha de conhecimento humano, articulamos que se faz necessário proporcionar a estes seres a liberdade

de escolhas sobre seus caminhos produtivos cogno-cientes e suas escolhas de interação de modo a garantir, por meio de acordos colaborativos, proteção sobre as escolhas das fontes, meios, recursos, estruturas e devolutivas socioculturais de maneira a responsabilizar-se eticamente por suas construções assim como pelos impactos inerentes às suas escolhas;

2 - Atitude aprendente radical:

Para a proposição da atitude aprendente radical, adotada aqui enquanto princípio da Dramética, está sendo absorvida sua potencialidade dinâmica de maneira a compô-la em suas bases ética, crítica e trans-formativa.

Preliminarmente precisamos deter a ideia dimensional ética e crítica de quanto do que conhecemos até o presente tenha sido nos ofertado de maneira condicionada sobre ideias concebidas a partir de múltiplos interesses desenvolvidos pela humanidade que convergem ao estabelecimento e perpetuação de estruturas de poderes, e, identificarmos o quanto estas condicionantes, por meio de condicionamentos, impactaram em nossas escolhas e ainda impactam em novos processos cogno-cientemente em construção.

A “Didática Filosófica Mínima” (GALEFFI, 2017), importante referencial de proposição formativa que visa promover por meio da dialógica e da polilógica caminhos éticos colaborativos, “ser-com”, enquanto exercício de percepção transformadora, inspira e traduz significativamente muitas das proposições aqui trazidas na modelagem Dramática.

Desta maneira, as abordagens Galeffianas, presentes em sua referida obra, engendram nesta proposição possibilidades basilares para o que aqui homonimamente nos apropriamos nomear enquanto atitude “aprendente radical”. Pois trata-se da apropriação do exercitar-se em percepção do todo, de perceber-se em múltiplas dialogicidades, de aprofundar-se em polilógicas compreensivas a partir da singularidade basilar do ser.

Em consonância a este ato de tornar o apropriado próprio, sobretudo em sua perspectiva ética, desenvolvemos aqui enquanto exercício Dramático a ativação prática de todo conteúdo inspirador de maneira a possibilitar novas trocas eco-cogno-cientes que convirjam com proposição Galeffiana, da qual salientamos:

O que destaco é a atitude filosófica como atitude aprendente. Este é o teor da desterritorialização realizada. Não me refiro à filosofia acadêmica com suas escolas e territórios. Refiro-me ao filosofar como atividade formativa, transformativa em ato. O caráter filosófico da didática filosófica mínima, então, diz respeito à atitude aprendente radical: atenção às coisas mesmas a si, ao outro, ao mundo – sioutromundo, um construto agora batizado de sioumu no lugar de Dasein (GALEFFI, 2017).

Mantendo o fluxo aprendente, próprio e apropriado, destacamos que a partir desta análise crítica poderemos estabelecer que compõe a atitude cogno-ciente, em sua base trans-formativa, a

tríade de elementos basilares ao processo formativo composto por: abertura ao novo; multireferencialidade; atitude trans-formativa.

No que tange ao elemento da abertura ao novo detemo-nos em abordar sobre o espectro da malha exponencial de informações com as quais lidamos na atualidade e como estas constituem impedimentos às novas elaborações e, sobretudo, a abertura às novas possibilidades de elaboração a partir de atos e operações dilatadoras de conhecimento com base em novas composições de conhecimento; A multireferencialidade vem somar-se a esta estrutura enquanto ambiente cogno-ciente de experimentação por meio do qual as múltiplas possibilidades elaborativas encontram bases para experimentações formativas; Deste modo, a abordagem trans-formativa é apresentada aqui enquanto locus subjetivo instituído como novo campo a ser explorado pelos seres aprendentes em suas elaborações colaborativas. Trata-se de uma proposição que se estabelece a partir do possível porem desconhecido, do ato mesmo investigativo das experimentações. Onde a radicalidade está em compreender o todo como parte inerente do processo cogno-ciente e que para acessá-lo se faz necessário acessar as singularidades em suas mais particulares em florescência dialógica colaborativa.

4 - Falar em língua de si

“[...]E por que só se pode filosofar em língua de si, todo filosofar começa pela escuta como experiência do que se mostra pensando” (GALEFFI, 2017). A presente reflexão sublinha o tratamento aqui dado, através da abordagem DramÉtica, ao que entendemos enquanto emancipação do ser fluente em língua de si.

Compreender que autonomia e criticidade constituem os pontos basilares de preparação para o ato performativo, no sentido de modelação das formas de mediação formativas e das estruturas dialógicas das atividades cogno-cientes, do ser fluente em língua de si, estabelece o ponto precípua da auto restauração formativa.

Mas, ao partir da compreensão de que os seres humanos são formativos, na medida em que compõem a malha de formação, e que este desenvolvimento formativo é composto por múltiplas malhas de conhecimentos e condicionantes, se faz necessário ter em conta e apropriar-se dos fluxos de formação utilizados por esses humanos em dialogicidade com seus semelhantes, demais seres, ambientes e elementos que compõe esta malha formativa que se encontra em contínuas transformações. Isto devido à necessidade de possibilitar processos formativos singulares no sentido de incorporarem abordagens mais autorais do pôr-se com os demais em relação de existência fluida.

Para tanto entendemos que a condição de criticidade em relação às atuais estruturas

formativas e seus elementos condicionantes e condicionadores impactam no processo formativo singular dos indivíduos. Entendemos que ter a autonomia de escolha sobre os elementos a comporem suas singulares modelagens formativas constitui a dobra do processo formativo que irá possibilitar aos seres o salto para além das atuais estruturas de formação vigentes, cujas bases estão entrelaçadas com a malha estrutural de uma concepção de formação forjada a partir dos princípios das manutenção e perpetuação das estruturas dominadoras de poderes hegemônicos viabilizada, também, por distorções perversas.

Assim, os seres singularmente autônomos, críticos e cogno-cientes sobre suas estruturas formativas tenderá a compor sua malha formativa de maneira a promover espaços dialógicos de formação para além dos vigentes.

4 - Analista Ético-Crítico das Distorções Perversas;

A partir da aceção de que constituem elementos fundamentais das distorções perversas a apropriação de partes da realidade e de sua transformação em algo passível sempre de ganhar dimensões danosas a determinado indivíduo, grupo social, ambientes e elementos de patrimônio coletivos, faz-se iminente o desenvolvimento de uma abordagem que estabeleça profícua atenção a tais elementos.

Neste sentido, a modelagem Dramática traz enquanto importante referencial a necessidade do estado de atenção ético-crítico que deverá compor a malha formativa dos indivíduos e coletivos de maneira a detectar tais elementos e exercer sobre ele uma abordagem mesmo investigativa. Muito próximo ao papel desenvolvido pelos profissionais jornalistas, o estado de atenção e o compromisso próprio da profissão no ato apurativo convergem para o que propomos constituir este estado de atenção formativa através do qual os elementos da apuração ética e crítica constituem indispensáveis.

O exercício cotidiano investigativo proporcionará, indubitavelmente, ao menos três grande ganhos ao processo formativo: atenção às estruturas perversas em seus atos manipulativos promovendo um aguçamento da percepção ético-crítica das realidades vivenciadas; Capacidade de desenvolver criticidade sobre os impactos dos atos deformadores perversos de maneira a apreender em perspectiva analítico-crítica sobre suas estruturas, bem como sobre os entes envolvidos; Desenvolvimento da malha formativa através do apuramento de informações que contribuirão para os possíveis desvelamentos das realidades em distorção.

5 - Atitude aberta ao ato trans-formativo;

A partir da presentificação carnal, desde seu estado uterino até o nascimento propriamente dito, os seres humanos já constituem objetos alvos da empreitada formativa promovida pelos demais seres pares viventes. Sob o argumento de acolhimento, proteção, ensinamentos e sobretudo do cuidado, é engendrado como parte do processo formativo deste ser as inúmeras e infindáveis estruturas que compõem a estrutura formativa nomeada por insígnias como: boa educação, bom encaminhamento, “formação do homem de bem” dentre outras.

O que este conjunto de atos de intenções formativas nos traz em relevante alerta é a condição formativa que este se encontra e de quais serão tomados na qualidade de referenciais a serem considerados relevantes nesta empreitada formativa. Não nos deteremos aqui em esquematizar a infindável gama de projetos cujas bases constitutivas constituem, do ponto de vista Dramático, limitadores e determinadores de uma humanidade que cultiva o medo e a impotência como seus atributos mais elevados. Mas nos deteremos em aclarar como entendemos as atuais estruturas formativas e seus impactos a partir de nossa proposição formativa que vislumbra composições autônomas e colaborativas com interações formativas para além das praticadas na contemporaneidade.

O resgate as bases onde a florescência investigativa dos seres humanos está extremamente aguçada é também para nós o *locus* que traz em sua essencialidade os princípios mais orgânicos que constituem o ponto capital do processo formativo, uma vez que nele está presente tudo o que há de mais espontâneo e libertador que cremos ser essencial a um processo formativo ampliado eco-cogno-ciente.

6 - Apropriação das linguagens artísticas enquanto catalizadoras multissensoriais e multireferenciais de construções e trans-formações cognitivas

Postulado que a arte, enquanto modalidade de expressão, em toda a sua complexidade racional, criativa e experimental, essencialmente humana, a entendemos como parte essencial das proposições trans-formativas aqui apresentada.

Para além da consideração da arte enquanto “comunicação do conhecimento subjetivo”(GARDNER, 1997), há um reconhecimento desta em sua diversidade de atributos que são compreendidos, na construção da nossa proposição de modelagem Dramática, como essenciais, sobretudo a partir de suas características de catalizadora e aglutinadora no complexo e potente campo da dialogicidade ética e crítica.

Sua capacidade de constituir-se como técnica, instrumento comunicador e espaço reflexivo nos elencar alguns das suas características encontradas e vigorosamente exploradas

durante os trabalhos desenvolvidos com os participantes desta pesquisa. As citadas características individuais e/ou coletivas são: Desenvolvimento do autoconhecimento fisiológico/cognitivo sobre as potencialidades dos indivíduos; Reconhecimento e/ou apuração das suas possibilidades criativas, imaginativas e de planejamento de suas ações; Poder de representação da realidade em formatos múltiplos e diferenciados; Potencialização da capacidade de indagar criticamente sobre a realidade; Promover considerável diferencial no exercício de responder às complexidades das realidades vivenciadas; além, do exercício do poder didático de refletir sobre a co-existência.

Desse modo, defendemos que o poder da arte na vida dos indivíduos e de seus coletivos tem, axiomáticamente, a capacidade de contribuir significativamente para construções que conduzam a perspectivas renovadoras e evolutivas no que tange ao desenvolvimento cognitivo. Já para nós, proponentes da Dramética enquanto modelagem trans-formativa, entendemos que sem a arte em seu papel catalizador jamais chegaríamos aos níveis de potencialidades inerentes desta proposição, e que além desta assumir todos referenciais acima citados a reconhecemos enquanto fundamental à existência humana.

7 – Atitude co-formativa ético-radical frente às estruturas distorcivas perversas.

Diante das estruturas já descrita sobre as bases estruturais de bases de-formadoras do universo das distorções perversas, bem como sua capilaridade de inserção nos mais variados ambientes formativos, suas estruturas estratégicas de manutenção com bases na perpetuação e detenção de poder por parte de minorias, os impactos na saúde humana, as deformidades e suas repercussões nos ambientes socioculturais, laborais, ambientais e de co-existência da humanidade e tudo que com ela interage, é que entendemos a necessidade emergente de um novo modelo de co-vivências frente à diversidade de realidades dos seres.

Este modelo, que tratamos como enquanto atitude co-formativa ético-radical tem como base singular a atenção e a informação enquanto atos de percepção e construções cognitivas, respectivamente, através dos quais seja possibilitado novas modalidade dialógicas que contribuam para deter disseminação das distorções e perversões no caminhar formativo humano.

A informação, especialmente quando acompanhada de dados, traz em sua estrutura um papel preponderante trans-formatador, visto que na contemporaneidade é aí que se constitui o centro motor, parte dos processos cognitivos, das estruturas que alimentam e retroalimentam bases significativas de referenciais construtores e difusores da ação cognitiva.

Desta maneira, entendemos que encontra-se no processo co-formativo uma emblemática potência de trans-formação dos danosos caminhos cognitivos vigentes e que ainda poderá ser agregado a esse a potencialidade o diferencial de influenciar as atuais concepções formativas por

meio da apresentação de um modelo formativo implicado com uma ética radical baseada na alteridade e na potencialidade dos processos coletivos da formação e quiçá contribuir para a transformação das estruturas cognitivas.

4.5 – SÍNTESES CONCLUSIVAS

Apresentar a Dramática como proposição dialógica a ser inserida como referencial Transformativo no universo complexo e multireferencializado do campo da análise cognitiva representa, do ponto de vista de uma atitude cidadã, uma importante resposta às possíveis contribuições do particular percurso cognitivo deste pesquisador responsável por esta pesquisa, mas ao mesmo tempo se apresenta como um enorme desafio para os passos que seguem.

Assim, serão dedicadas amorosas dedicações às atividades de que seguem neste estudo apresentando uma trilha pautada na ética investigativa e na convicção trans-formativa de atos humanamente altero. Daremos assim prosseguimento em nosso próximo capítulo à complexa atuação do analista cognitivo frente às questões a serem analisadas e o vasto, dinâmico, complexo e multireferencializado universo cognitivo.

Em um processo de investigação, com tal envergadura de complexidade, se apresenta, para o pesquisador, como uma grande teia que buscamos desvendar seu início e seu fim, suas texturas e resistências assim como apresentar resultados consistente de um caminhar que se desvela durante o trilhar investigativo.

Entretanto, neste trabalho, tivemos a oportunidade de experienciar duas relações com o campo de análise que consideramos de uma vivência única e especial. A primeira trata da possibilidade polilógica de vivenciar um processo altamente multireferencial constituído pelo processo formativo do pesquisador em sintonia, sincronicidade e simultaneidade de pô-lo em prática no campo de atuação do estudo e desta experiência poder ser gerado um novo conhecimento que tomamos, a partir da perspectiva da análise cognitiva, como a organicidade de uma modelagem de difusão do conhecimento.

A segunda e não menos importante perspectiva é a do reconhecimento a despeito da potência que o caminhar investigativo traz, levando em consideração sobre a magnitude do aprendizado cotidiano a partir dos múltiplos fenômenos que emergem do trabalho dedicado e atento de interação com o campo, de tal forma que arriscamos considerar que o caminhar nos proporcionou experiências que transcendem as questões sobre as quais nos propusemos apresentar como resultado deste estudo.

Neste sentido, acreditamos que modelagem aqui presente enquanto parte essencial da estrutura de pesquisa, bem como, os resultados encontrados podem ser extrapolados para diversos

campos de atuação das políticas públicas. Sobretudo nos campos da educação, segurança pública dentre outras áreas de atuação do Estado vinculadas, sobretudo, ao campo social.

Com efeito, acreditamos que se faça premente e inadiável que o atual Estado Democrático de direito se faça efetivamente presente, sobretudo, nas inúmeras crescentes camadas da sociedade que permanece à margem e sendo expostas a uma compreensão de Estado de Excessão, mínimo e que vem apresentando acentuado desvio das suas responsabilidades para caminhos obscuros de perversões e extermínio da referida camada pobre da sociedade de maneira que a sociedade contemporânea vem vivenciando o conjunto de distorções perversas como novos marcos regulatórios de um liberalismo econômico mantenedor das estruturas excludentes que muito se distanciam de um dever do Estado em se inclusivo, democrático e diverso.

Tal desvio, efetivamente, nos remete à reflexão de como um Estado tão excludente, que negligencia os direitos e garantias fundamentais, individuais e coletiva, pode se pensar atuante na complexa tarefa de ressocialização e de promover uma socioeducação digna, quando na verdade se mostra incompetente em assegurar aos seus cidadãos a socialização da saúde, educação, segurança pública, igualdade, liberdade e, sobretudo, direito à vida, ao contrário do modelo vigente que toma como referenciais o biopoder e a necropolítica.

Assim, constitui objeto essencial e fundamental deste estudo, retomar a discussão sobre os modelos de atuação do atual Estado e potencializar as vozes de uma sociedade reprimida, silenciada e marginalizada sobre seus anseios, com vistas a lhes assegurar os direitos constitucionalmente estabelecidos, mas que precisam transcender do plano da escrita para o campo das ações.

É neste sentido que propomos a modelagem Dramática como uma das inúmeras possibilidades de desenvolvimento cognitivo para uma sociedade mais potentemente dialógica e de um Estado efetivamente responsável.

REFERÊNCIAS

DÁVILA LEÓN, Oscar (2005): Adolescência e juventude: das noções às abordagens, cap.1.in: Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. Ed. Ação Educativa.

BRITO LEMUS, Roberto (1996): “Hacia una sociología de la juventud”. *JOVENES, Revista de Estudios Sobre Juventud* N°1. México: IMJ.

Foucault, M. (2010). O nascimento da medicina social. In *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal. (Originalmente publicado em 1979).

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34, 1995, 94 p. (Coleção TRANS)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GALEFFI, Dante Augusto. *Didática filosófica mínima*. Salvador: Quarteto, 2017.

_____. *O ser-sendo da filosofia. Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia*. Salvador: EDUFBA, 2001.

_____. *Filosofar e educar; inquietações pensantes*. Salvador: Quarteto, 2003.

_____. *O diálogo como experiência filosófica fundamental na educação básica*. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Orgs.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar*. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um*

rigor outro. Salvador: EDUFBA, 2009.

GARFINKEL H. *Studies in Ethnomethodology*. Nova York: Prentice-Hall, 1976.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011.

_____. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017. 128 pp.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: ensaios de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2741/2088. Página visitada em outubro de 2016.

KNIHS, Everton; ARAÚJO JR, Carlos Fernando de. *Cooperação e Colaboração em Ambientes Virtuais e Aprendizagem Matemática*. São Paulo: UNICSUL, 2007.

Lèvi, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço (1994)*. 3. ed. São Paulo: [Loyola](http://www.loyola.com.br), 2000. 212 p.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de Estilo Acadêmico: Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses*. 5. ed. – Salvador: EDUFBA, 2013.

MINAYO MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. *Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social, próprio*, pp. 83-107. In MCS Minayo & SF Deslandes (orgs.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*.

Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. Vontade de potência. Tradução prefácio e notas de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2ª ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. 12ª ed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. A visão dionisíaca do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOBRE, Antônio Donato. Antonio Donato Nobre no Selvagem ciclo 2019. **In** https://www.youtube.com/watch?v=Nhom_vWVFos, Acessado em 31/01/2021, 2019.

OLIVEIRA, Urania Auxiliadora Santos Maia De. A criação de textos teatrais a partir de jogos e das peças didáticas de Bertolt Brecht Salvador 2007.

PRÉVOST, Paul (2004). Projet L'École éloignée en réseau. Les collaborations écolecommunauté au Québec: Une perspective de développement local au moyen de quatre études de cas. Québec: Cefrio. Un: www.cefrio.qc.ca – consulta de novembro de 2016.

Ribeiro MA, Oliveira F, Bernardo MH, Navarro VL. Práticas em psicologia social do trabalho: pesquisa e intervenção. In: Coutinho MC, Bernardo MH, Sato L, editores. Psicologia social do trabalho. Petrópolis: Vozes; 2017. p. 103-26.

RIBEIRO, Neurilene. M.Redes colaborativas. Boletim Salto para o futuro Série Coordenador pedagógico em foco. 2012. pp. 19-24. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/15122101-CoordenacaoPedagogica.pdf>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

RICOEUR, P. Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso da significação. Lisboa, Editora 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea. 2009.

RODRIGUES, Ivete; BARBIERE, José Carlos. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável Rodrigues Barbieri. RAP — Rio de Janeiro 42(6):1069-94, nov./dez. 2008.

ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2006.

_____. Teatro moderno. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. SHAKESPEARE, William. The illustrated Stratford Shakespeare. Londres: Chancellor Press, 1993.

SANCHES, Marise Oliveira. Construção colaborativa do curso de formação de gestores do conhecimento através da EAD. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1999), "O todo é igual a cada uma das partes", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52-53, 5-14.

SANTOS, M. Quem está na frente é o povo: depoimento [janeiro, 2001]. São Paulo: Caderno Especial “Um Outro Mundo Urbano é Possível”. Entrevista concedida a Carlos Tibúrcio e Sílvio Caccia Bava.

SANTOS, L.C.F dos; Oliveira, E. D.de. Filopoética em Édouard Glissant: o criador de imaginários no mar em deriva opaca. X Copene. Uberlandis: Outubro 2018.

SARTRE JP. Questão de método. Sartre. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1978.

SZONDI, Péter. Ensaio sobre o trágico. Trad.: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. Teoria do drama burguês (século XVIII). Trad.: Luis Sérgio Rêpa. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. Teoria do drama moderno (1880-1950). Trad.: Luis Sérgio Rêpa. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

SOUZA, E.C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.

FUNDAC. Fundação da Criança e do Adolescente. Missão. <http://www.fundac.ba.gov.br>. 2021. Disponível em http://www.fundac.ba.gov.br/?page_id=8. Acesso em: 28/03/2021.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

OLIVEIRA, U. A. S. M. A Criação de textos teatrais a partir de jogos e das peças didáticas de Bertolt Brecht. Tese. UFBA.2007

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva - volume 2. 4. ed. ed. Brasília: UnB, 2012.

SALLES, Nara; Oliveira, F H M. A dança contemporânea no corpo diferenciado e a poética de Antonin Artaud. Dança, Salvador, v. 1, n. 1, p. 54-67, jul./dez. 2012

ESPINOSA, B. Ética. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Foucault, Michel. F86v Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

Foucault, M. (2010). O nascimento da medicina social. In *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal. (Originalmente publicado em 1979).

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34, 1995, 94 p. (Coleção TRANS)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GALEFFI, Dante Augusto. Didática filosófica mínima. Salvador: Quarteto, 2017.

_____. O ser-sendo da filosofia. Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia. Salvador: EDUFBA, 2001.

_____. Filosofar e educar; inquietações pensantes. Salvador: Quarteto, 2003.

_____. O diálogo como experiência filosófica fundamental na educação básica. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Orgs.). Filosofia, aprendizagem, experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. Um rigor outro. Salvador: EDUFBA, 2009.

GARFINKEL H. Studies in Ethnomethodology. Nova York: Prentice-Hall, 1976.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GLISSANT, Édouard. Poética da Relação. Portugal: Porto Editora, 2011.

_____. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017. 128 pp.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2741/2088. Página visitada em outubro de 2016.

KNIHS, Everton; ARAÚJO JR, Carlos Fernando de. Cooperação e Colaboração em Ambientes Virtuais e Aprendizagem Matemática. São Paulo: UNICSUL, 2007.

LÈVI, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço (1994)*. 3. ed. São Paulo: [Loyola](#), 2000. 212 p.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. Manual de Estilo Acadêmico: Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 5. ed. – Salvador: EDUFBA, 2013.

MINAYO MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social, próprio, pp. 83-107. In MCS

Minayo & SF Deslandes (orgs.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Tradução prefácio e notas de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. 2ª ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 12ª ed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A visão dionisíaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, Urania Auxiliadora Santos Maia De. *A criação de textos teatrais a partir de jogos e das peças didáticas de Bertolt Brecht* Salvador 2007.

PRÉVOST, Paul (2004). *Projet L'École éloignée en réseau. Les collaborations écolecommunauté au Québec: Une perspective de développement local au moyen de quatre études de cas*. Québec: Cefrio. Un: www.cefrio.qc.ca – consulta de novembro de 2016.

RIBEIRO MA, Oliveira F, Bernardo MH, Navarro VL. *Práticas em psicologia social do trabalho: pesquisa e intervenção*. In: Coutinho MC, Bernardo MH, Sato L, editors. *Psicologia social do trabalho*. Petrópolis: Vozes; 2017. p. 103-26.

RIBEIRO, Neurilene. *M.Redes colaborativas*. Boletim Salto para o futuro Série Coordenador pedagógico em foco. 2012. pp. 19-24. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/15122101-CoordenacaoPedagogica.pdf>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso da significação*. Lisboa, Editora 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea. 2009.

RODRIGUES, Ivete; BARBIERE, José Carlos. *A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável* Rodrigues Barbieri. *RAP* — Rio de Janeiro 42(6):1069-94, nov./dez. 2008.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2006.

_____. Teatro moderno. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. SHAKESPEARE, William. The illustrated Stratford Shakespeare. Londres: Chancellor Press, 1993.

SANCHES, Marise Oliveira. Construção colaborativa do curso de formação de gestores do conhecimento através da EAD. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1999), "[O todo é igual a cada uma das partes](#)", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52-53, 5-14.

SANTOS, M. Quem está na frente é o povo: depoimento [janeiro, 2001]. São Paulo: Caderno Especial “Um Outro Mundo Urbano é Possível”. Entrevista concedida a Carlos Tibúrcio e Sílvia Caccia Bava.

SANTOS, L.C.F dos; Oliveira, E. D.de. Filopoética em Édouard Glissant: o criador de imaginários no mar em deriva opaca. X Copene. Uberlandis: Outubro 2018.

SARTRE JP. Questão de método. Sartre. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1978.

SZONDI, Péter. Ensaio sobre o trágico. Trad.: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. Teoria do drama burguês (século XVIII). Trad.: Luis Sérgio Rêpa. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. Teoria do drama moderno (1880-1950). Trad.: Luis Sérgio Rêpa. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

SOUZA, E.C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.